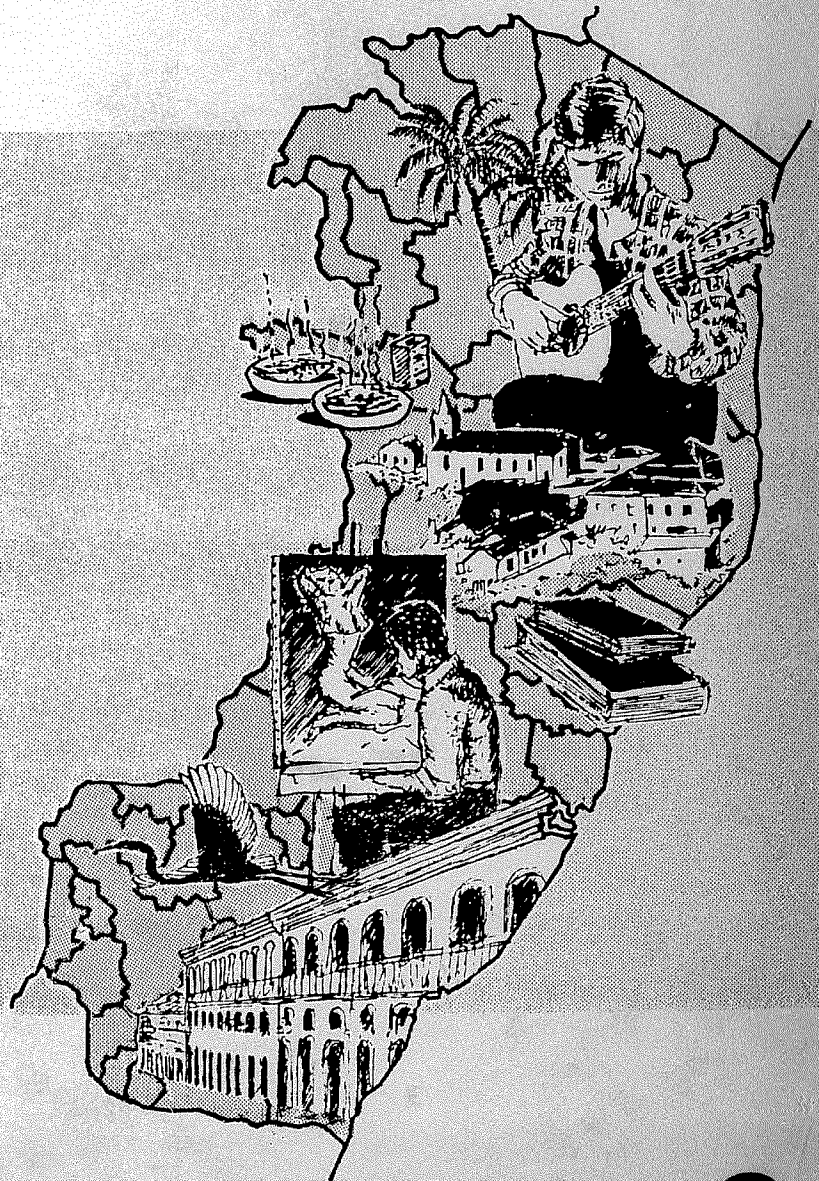


REFERÊNCIAS CULTURAIS DO ESP. SANTO



**folclore
e artesanato**

2

1300444
5.2

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
COORDENAÇÃO ESTADUAL DO PLANEJAMENTO
SECRETARIA ^{DE} DO ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA - CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA
INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

REFERÊNCIAS CULTURAIS DO
ESPÍRITO SANTO

LEVANTAMENTO DOS DADOS SECUNDÁRIOS

VOLUME 2

JUNHO/1988

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Max de Freitas Mauro

COORDENAÇÃO ESTADUAL DO PLANEJAMENTO

Albuíno Cunha de Azeredo

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA - CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

José Eugênio Vieira

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

Sebastião José Balarini

COORDENADOR TÉCNICO DO IJSN

Robson Luiz Pizziolo

EQUIPE TÉCNICA

ELABORAÇÃO

Antônio Carlos Maia Figueiredo

- Artes Plásticas
- Literatura

José Jacyr do Nascimento

- Artes Musicais
- Artes Cênicas

Miriam Santos Cardoso

- Folclore
- Artesanato

Ana Paula Carvalho de Andrade

- Estrutura e Mobiliário Arquitetônico e Urbano
- Espaços Culturais

Renata Hermany de Almeida

- Estrutura e Mobiliário Arquitetônico e Urbano
- Espaços Culturais

Sebastião Francisco Alves

- Patrimônio Natural

Rogério Pedrinha de Pádua

- Meios de Comunicação

Nair Martins da Silva

- Meios de Comunicação

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho contém o produto constante do Convênio de Cooperação Técnica e Financeira firmado entre o Instituto Jones dos Santos Neves e a Secretaria de Educação e Cultura/Conselho Estadual de Educação, em sua primeira etapa - Levantamento através de Dados Secundários do Patrimônio Natural e Cultural do Estado do Espírito Santo.

Este trabalho é composto de 06(seis) volumes e 02(dois) anexos, a saber:

Volume 1

- Manifestações Culturais:
 - . Artes Musicais
 - . Artes Plásticas
 - . Literatura
 - . Artes Cênicas

Volume 2

- Folclore
- Artesanato

Volume 3

- Estrutura e Mobiliário Arquitetônico e Urbano

Volume 4

- Patrimônio Natural

Volume 5

- Meios de Comunicação
- Espaços Culturais

Volume 6

- Grupos Sociais Organizados

Anexo I

- Plantas de Estruturas Arquitetônicas

Anexo II

- Acervos de Museus

Os anexos complementam as informações do Volume 3 - *Estrutura e Mobiliário Arquitetônico e Urbano*.

Este trabalho terá continuidade, conforme cláusulas do convênio referido anteriormente, através de um levantamento de campo realizado em uma área piloto a ser definida pelas partes conveniadas.

SUMÁRIO

PÁGINA

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO	13
------------------	----

VOLUME 1 - MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

1. ARTES MUSICAIS	15
1.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS	16
1.2. CATÁLOGO	17
1.2.1. Músicos (Instrumentos, Cantores e Compositores, Conjuntos)	17
1.2.2. Bandas Musicais	62
1.2.3. Corais	90
1.2.4. Regentes de Coral	110
1.2.5. Formação	128
1.2.6. Associativismo	131
2. ARTES PLÁSTICAS	132
2.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS	133
2.2. CATÁLOGO	134
2.2.1. Artistas Plásticos	134
2.2.2. Galerias e Espaços Culturais de Artes Plásticas .	156
2.2.3. Museus de Artes Plásticas	162
2.2.4. Leiloeiros de Artes	163
2.2.5. Colecionadores de Artes	164
2.2.6. Cursos de Artes	165
2.2.7. Projetos e Eventos em Artes Plásticas	180
2.2.8. Entidades Associativas	181

PÁGINA

3. LITERATURA	182
3.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS	183
3.2. CATÁLOGO	184
3.2.1. Escritores	184
3.2.2. Bibliotecas	210
3.2.3. Livrarias	225
3.2.4. Editoras	231
3.2.5. Gráficas	246
3.2.6. Entidades Associativas	251
3.2.7. Cursos de Literatura	252
3.2.8. Concursos e Eventos Literários	254
3.2.9. Relação das Obras Publicadas	258
3.2.10. Fontes	271
4. ARTES CÊNICAS	275
4.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS	276
4.2. CATÁLOGO	277
4.2.1. Entidades que Congregam os Artistas Cênicos.....	277
4.2.2. Listagem dos Atores	278
4.2.3. Autores	296
4.2.4. Diretores	299
4.2.5. Listagem dos Técnicos	301
4.2.6. Grupos de Teatro	305
4.2.7. Grupos de Dança	319
4.2.8. Listagem dos Bailarinos	323
4.2.9. Formação	328
4.2.10. Eventos	333
4.2.11. Espaços Culturais ligados às Artes Cênicas	334
4.2.12. Listagem das Publicações da Área	337
4.2.13. Fontes	338

PÁGINA

VOLUME 2

5. FOLCLORE	353
5.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS	354
5.2. CATÁLOGO	355
5.2.1. Caracterização	355
5.2.2. Relação das Manifestações por Municípios	391
5.2.3. Grupos Existentes por Municípios	395
6. ARTESANATO	475
6.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS	476
6.2. CATÁLOGO	477
6.2.1. Artesanato de Cada Município	477
6.2.2. Associativismo: Empresas e Entidades	485
6.3. ALGUNS ASPECTOS DO ARTESANATO DE MAIS DESTAQUE DO ESTADO	488
6.4. DISTRIBUIÇÃO DOS ARTESÃOS SEGUNDO O TIPO DE PEÇAS PRODUZIDAS DE ACORDO COM A MATÉRIA-PRIMA UTILIZADA	515

VOLUME 3

7. ESTRUTURA E MOBILIÁRIO ARQUITETÔNICO E URBANO	533
7.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS	534
7.2. CATÁLOGO	537
7.2.1. Estruturas Arquitetônicas	537
7.2.2. Estruturas Urbanas	734
7.2.3. Mobiliário Arquitetônico	749
7.2.4. Mobiliário Urbano	765

PÁGINA

VOLUME 4

8. PATRIMÔNIO NATURAL	802
8.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS	803
8.2. REMANESCENTES DE ECOSISTEMAS	805
8.2.1. Unidades de Conservação	805
8.2.1.1. Parque Nacional	806
8.2.1.2. Reserva Biológica	807
8.2.1.3. Reserva Florestal	812
8.2.1.4. Parque Estadual	819
8.2.1.5. Área de Preservação Permanente	822
8.2.1.6. Reserva Indígena	826
8.2.1.7. Estação Ecológica	828
8.2.2. Outros Remanescentes Naturais	832
8.3. PAISAGENS TÍPICAS	836
8.3.1. Cachoeiras e Cascatas	837
8.3.2. Estuários	841
8.3.3. Grutas	843
8.3.4. Ilhas	844
8.3.5. Lagoas	852
8.3.6. Manguezais	856
8.3.7. Morros, Picos e Serras	858
8.3.8. Pedras	864
8.3.9. Praias	869
8.3.10. Rios e Córregos	874
8.3.11. Vales	882
8.3.12. Usinas Hidroelétricas.....	883
8.4. BENS NATURAIS	885
8.4.1. Bens Naturais Tombados	885
8.4.2. Bens Naturais em Processo de Tombamento	889
8.4.3. Bens Naturais Indicados pelo Caderno de Turismo da SEIC/PMV	890

PÁGINA

8.4.4. Árvores Imunes de Corte	894
8.5. ENTIDADES E ÓRGÃOS PÚBLICOS E PRIVADOS QUE SE INCUMBEM DA DEFESA E VALORIZAÇÃO DO MEIO AMBIENTE	896
8.6. BIBLIOGRAFIA DE SUSTENTAÇÃO	904

VOLUME 5

9. MEIOS DE COMUNICAÇÃO	950
9.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS	951
9.2. CATÁLOGO	952
9.2.1. Emissoras de Rádio	952
9.2.2. Emissoras de Televisão	959
9.2.3. Jornais	962
9.2.4. Cineclubes.....	983
9.2.5. Vídeo	991
9.2.6. Videoclubes do Espírito Santo	1000
9.2.7. Cinemas	1006
9.2.8. Revistas	1015
10. ESPAÇOS CULTURAIS	1018
10.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS	1019
10.2. CATÁLOGO	1020

VOLUME 6

11. GRUPOS SOCIAIS ORGANIZADOS	1072
11.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS	1073
11.2. CATÁLOGO	1074

ANEXO I - Plantas de Estruturas Arquitetônicas

ANEXO II - Acervos de Museus

INTRODUÇÃO

O levantamento das informações das *Referências Culturais* do Espírito Santo através de dados secundários que contemplam os setores culturais das Artes Musicais, Artes Cênicas, Artes Plásticas, Literatura, Meios de Comunicação, Grupos Sociais Organizados, Folclore, Artesanato, Patrimônio Arquitetônico, esboçados no Projeto de Levantamento do Patrimônio Cultural do Espírito Santo, teve como metodologia a coleta de dados junto aos órgãos públicos e entidades ligadas à Área Cultural do Estado, em especial, os localizados nos municípios da Grande Vitória, abrangendo os vários setores, num esforço de se conseguir resgatar e dar um mínimo de agrupamento e sistematização às informações levantadas.

Nesse sentido, os dados coletados nesta primeira etapa do trabalho fornecem elementos para uma reflexão mais embasada sobre o desdobramento do projeto e sua flexibilidade de aplicação, tendo como preocupação fundamental sua continuidade e ação.

Se de um lado não é possível mais realizar trabalhos eventuais, o que exige uma programação contínua e permanente, de outro, o simples levantamento de dados não se completa sem a contrapartida de uma dinamização efetiva.

Apesar de as informações levantadas nessa primeira etapa não se apresentarem como um todo orgânico e atualizado, visto a natureza e a sistemática próprias de cada *Referência Cultural*, essas serão de grande utilidade aos órgãos que têm como incumbência a tarefa de promover o desenvolvimento das políticas e ações que visam o fazer cultural do Estado do Espírito Santo.

O que se observou durante a pesquisa é que existem poucas informações registradas nos órgãos culturais, dificultando, assim, uma cobertura abrangente do fazer cultural em todo o Estado, o que pode ser superado a partir da organização das informações nos setores culturais e com a continuidade do projeto em nível aprofundado. Outra dificuldade surgida durante a elaboração do projeto foi a uniformização metodológica para o levantamento das informações das várias manifestações culturais, dado a dinâmica e diversidade de cada produção cultural, no tempo e no espaço. Esta questão pode ser superada com o levantamento de campo a partir da reconstituição do processo histórico, usando como método a técnica da história oral e a pesquisa participante.

É necessário, no entanto, compreender a cultura não como uma idéia abstrata ou atividade de caráter elitista, mas como um conceito vivo e participativo, essencial ao desenvolvimento do homem na busca de sua totalidade.

Dentro desta perspectiva, um levantamento completo das Referências Culturais de população capixaba possibilitará ao poder público o estabelecimento de políticas de ação voltadas para o desenvolvimento real de todos os grupos que compõem a sociedade.

Para tanto, é imperioso democratizar os mecanismos, realizando planejamento e ação integrados com as bases culturais em nível setorial e regional, a partir da livre criação de valores e concepções diferenciadas que dão realidade às transformações sociais.

5.

FOLCLORE

5.1.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

O levantamento do folclore capixaba tem como principal fonte de pesquisa fundadores e/ou atuais membros da Comissão Estadual de Folclore, criado em 1946, sob a presidência do Dr. Guilherme Santos Neves e tendo como o secretário o Dr. Renato Pacheco. Essa comissão, segundo seu atual presidente Hermógenes Lima Fonseca, tem a função de prestigiar, valorizar, incentivar o folclore capixaba e não tem estrutura e nem personalidade jurídica.

Além dessa entidade, existe, também, a Coordenação de Folclore da Sub-Reitoria Comunitária da Universidade Federal do Espírito Santo, sob a direção de Adalzira Madeira, que no ano de 1987 apresentou o espetáculo *Raízes e Reminiscência*, onde mostra as danças de povos que mais influenciaram as danças na formação do folclore capixaba.

Em função do material coletado, a apresentação dos dados foi dividida em três etapas:

Primeiro, uma caracterização das manifestações folclóricas que propicia um entendimento de sua concepção e de sua história. Em seguida, a localização geográfica de cada uma dessas manifestações e, por último, uma listagem dos grupos existentes, com algumas informações adicionais.

No que concerne à caracterização optou-se pela extração direta dos textos contidos no Atlas Folclórico do Brasil-Espírito Santo, editado pelo MEC-SEC-FUNARTE, editado no Mapa Cultural do Brasil do MEC, a fim de que não houvesse nenhuma modificação nas suas conceituações.

Os dados coletados tiveram como referência o Atlas Folclórico do Brasil-Espírito Santo do MEC-SEC-Instituto Nacional do Livro, o Mapa Cultural do Brasil-MEC-FUNARTE e a Divisão de Cultura Popular do Departamento Estadual de Cultura-DEC, que está realizando o *Levantamento dos Grupos Folclóricos: Danças e Folguedos, Cultura Afro-Brasileira: Candomblé, Umbanda, Capoeira, etc.*

5.2.

CATÁLOGO

5.2.1. CARACTERIZAÇÃO

- BATE-FLECHAS

Expressão folclórica, de intenção religiosa, em louvor a São Sebastião e São João Batista. O grupo, formado por homens e mulheres, sem número determinado, apresenta-se em terreiro e pode ser integrado também pelos assistentes. A roupa, em geral, é a comum mas há, os que se vestem à maneira indígena, com saias de palmito, penachos coloridos, colares de contas, adornos de penas nos braços e tornozelos. Cada dançador porta duas flechas, que servem para embelezar as evoluções e funcionam como marcas de ritmo, acompanhando as batidas dos pés. O instrumental se assemelha ao de uma pequena banda musical, mas alguns conjuntos adotam apenas os tambores.

- CAXAMBU (Batuque, Jongo, Caxambu, Tambor ou Catambá)

Tem a mesma forma de dança de roda.

Dança originária da África, alegre e movimentada, comum em terreiros de fazenda e quase sempre realizada a noite. Faz-se uma fogueira e, a uns oito metros de distância, são colocados os atabaques um grande e outro menor. Quando começa o Caxambu, o mestre jogueiro inicia o ponto de pedido de licença às almas, aos assistentes, num verdadeiro ritual. Os pontos são classificados em: de licença, louvação, vitória, demanda, encante e despedida em forma de versos, dísticos ou em prosa, lembrando ou relevando fatos diários, criando temas, etc. São utilizados como instrumentos dois tambores, cuíca e chocalhos. O tambu ou caxambu é o tambor maior, afunilado, de até 1,5m de comprimento. O candogueiro, semelhante a uma

pequena barrica com 60cm, é colocado sob o braço esquerdo ou carregado a tiracolo, por meio de um cinto de couro. A cuíca ou puita é instrumento de fricção: feito de barrilzinho ou tronco oco, é recoberto em uma das bocas por uma pele que tem presa, interiormente, uma tira de couro que, friccionada com a mão, produz um ronco cavo. Angora ou chocalho é um instrumento hidrofônico - cestinha de bambu, cabaça ou pequena lata, com pedrinhas. Os jongueiros dançam, um de cada vez ou aos pares, em frente aos tocadores de cuíca. O Caxambu é realizado nas festas de Santo Antônio, São José e Nossa Senhora da Penha.

- CASAMENTO POMERANO

Tem como figura principal o arauto, homem que leva a notícia e faz o convite. Representado tradicionalmente pelo irmão da noiva ou do noivo, apresenta-se com um chapéu de fitas, levando à mão uma garrafa de aguardente, também enfeitada com uma coroa de ciprestes e fitas. Visita as famílias que devem ser convidadas - nunca menos de cem. Avisa sua chegada com um grito e anda pela casa sem cumprimentar as pessoas. Faz uma oração e anda pela sala com passos largos dando o seu recado. Ao sair oferece aos presentes um gole de aguardente e recebe em troca algum dinheiro, selando o convite.

Na quinta-feira, depois da ceia, todos vão para a casa da noiva. Reza-se uma oração e, no final, joga-se uma peça de louça no chão, quebrando-a. Em seguida, outras peças são partidas, dança-se e canta-se ao som de alegres concertinas. As moças varrem os cacos de louça, enquanto os rapazes tentam impedi-las. No dia do casamento, sexta-feira, é colocado um estandarte com um pão e uma garrafa de guaraná diante da casa, para que não falte o que comer e beber no lar dos recém-casados. Bandeirinhas e flores enfeitam a residência.

Após o casamento, todos vão para a casa da noiva, onde servem caldo de galinha, caldo de carne com macarrão, pratos de carne de galinha cozida, de porco — tudo regado com vinho. A festa vai até o meio-dia de domingo. A cerimônia é fechada, não se aceitando pessoas que não foram convidadas.

- CONGOS

Os congos ou bandas de congos são grupos compostos de homens, em número variável — dez a trinta — que tocam e cantam em dias de festa de santos (São Benedito, São Sebastião, São Pedro) nas puxadas de mastro ou em festas eventuais. A puxada, o levantamento e a fincada do mastro atraem muitos devotos. Cerca de um mês antes da festa do padroeiro corta-se um tronco, que é arrastado por bois ornamentados com guirlandas de flores: é o mastro. Faz-se uma procissão, com os fiéis cantando e dançando ao som e ritmo da banda de congos, até a casa do escolhido para ser o festeiro. Ali o tronco é lixado, pintado e trabalhado para o dia da festa. No topo do mastro é colocadas uma pintura do santo em tela e bandeira. No dia da festa é feita a puxada do mastro. Instala-se o navio ou barco em cima de uma carroça, puxada por 10 homens, num cortejo com moças e crianças na frente, levando a bandeira. Todos se dirigem à igreja, para a retirada do mastro. Feito isso, passa-se a jogá-lo para cima, amparando-o entre gritos e danças. Depois é fincado na terra, em frente à igreja, sob o badalar dos sinos e estourar de fogos. De modo geral, não há indumentária especial: dançam com roupas comuns. Em alguns grupos aparecem mulheres representando a Rainha e conduzindo a bandeira do orago: São Benedito, São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário. Nestes casos, na maioria das vezes, trajam vestidos longos, azuis ou brancos, com enfeites. As cantigas sobre temas variados, guardados de memória ou improvisados, são entoadas de forma dolente, dando-lhes um toque de tristeza indefinida. Os instrumentos são também em número variável, determinados de acordo com os elementos do grupo: chocalhos, cuícas, congos, casacas, tambores, caixas, ferrinhos (triângulos), sanfonas, pandeiros, ganzas. Entre esses merece destaque a casaca — instrumento típico das bandas de congo. O período de apresentação, geralmente, é de 25 de dezembro a 20 de janeiro.

- DANÇA DAS FITAS

A dança das fitas, tipo primitivo das danças mágicas, era realizada ao redor de uma árvore sagrada que, reverdecendo na primavera, surgia como símbolo da vida e da fertilidade trazida pelos portugueses. Esta dança consta de uma roda de dançadores bailando em torno de um mastro, de cujo tope descem fitas coloridas. Dispostos aos pares, cada participante se gura a ponta de uma fita e, ao som de um pequeno conjunto instrumental, se desenrolam as evoluções, resultando no trançado do mastro. Modificado o movimento, a trança se desfaz.

No Espírito Santo, independente ou ligada a outra manifestação, embeleza os programas festivos, com acompanhamento de acordeão, violão, pandeiro, cavaquinho. Adultos ou crianças, em número correspondente ao das fitas (seis a vinte), formam a roda de dançadores, vestindo-se co mo gente do campo, continuando uma prática tradicional da região.

- DANÇA DO BASTÃO

Trazida pelos primeiros imigrantes do Tirol, integrou-se à cultura popu lar do Espírito Santo através das frases de comando no linguajar próprio do meio rural e da indumentária. O chapéu dos homens é ornado com fitas coloridas; as damas usam vestidos de babados e fitas e ramo de flores na cabeça.

A dança do bastão realiza-se na época junina e é executada por casais (marido e mulher na vida real). A roda, formada por eles, tem ao centro um dançador portando um bastão enfeitado com franjas coloridas. Um peque no conjunto instrumental composto por concertina, pandeiro, triângulo e apito inicia o acompanhamento com a marchinha de abertura. A semelhança do condutor da dança da quadrilha, o dançador ao centro da roda comanda a movimentação. Em dado momento, agita o grupo que já se encontrava em

expectativa, gritando: *Cavalheiros, atenção! três damas à frente (quatro ou cinco como desejar)*. No momento da mudança solta o bastão e corre para apanhar uma dama. Quem fica sem par vai para o centro e prossegue o comando.

- DANÇA DO CIPÓ

A dança do cipó é realizada em junho, por ocasião das festas dos três santos, em 31 de dezembro em reuniões festivas da comunidade. Os homens se apresentam em trajes de trabalho, chegando alguns a levar seu facão na cintura e, à medida que retornam de seus afazeres no campo, vão entrando na roda. As mulheres também estão singelamente vestidas, com seus estampadinhos floridos. O número de participantes não é determinado, mas deve ser sempre par, por ser a roda formada por casais. Composto o grande círculo, a dança começa ao som de uma música chamada cipó. Em dado momento, o rapaz dá uma volta com a dama e, logo a seguir, passa à frente emparelhando-se com outra dama. A dança prossegue ao som do cipó e só termina quando os rapazes novamente se postarem ao lado de sua primeira dama. O conjunto instrumental acompanhante é composto de concertina, sanfona e bambone (instrumento semelhante à concertina, tendo os lados quadrados e não cortados e de som mais fraco que esta).

- DANÇA DO PERU

A dança do peru, realizada por adultos, é também conhecida como pá-pá-pá, recurso onomatopaico registrado do som produzido pelas batidas das mãos. É manifestação sem data fixa, apresentada em reuniões festivas e horas de lazer. Os participantes se dispõem em filas defrontantes, uma de homens e outra de mulheres; ao som do violão, acordeão, pandeiro e triângulo tem início a dança. As mãos tocam fortemente nas pernas, produzindo

o primeiro pá; a seguir, os braços são levados à frente, as mãos batem e fazem o segundo pá; depois as mãos se erguem, indo de encontro às do parceiro e se ouve o terceiro pá. Cavalheiro e dama executam um pequeno giro, completando a movimentação. A dança prossegue, repetindo sempre as três fases da batida e a rotação. O seu desenrolar é idêntico ao do pirolito que bate-bate da lúdica infantil. Não há indumentária determinada, nem número fixo de pares.

- FESTA DE CORPUS CHRISTI

As ruas são ornamentadas com tapetes de pó de mármore, de café, flores, tampas de garrafas, penas, pó-de-serra e outros. Os motivos dos tapetes são cívicos e religiosos.

- ROLAR DOS OVOS

O rolar dos ovos faz parte dos festejos do dia da Páscoa. Nesse dia, homens, mulheres e crianças se reúnem em terreiros perto de vendas da localidade, para rolar ovos, passando todo o domingo nesse divertimento. Os ovos (de galinha) são cozidos no dia anterior e enrolados em pedaços de tecidos coloridos ou em folhas de ervas ou mato. É armada a banca, que consiste em tábua escorada num tijolo ou pedaço de madeira, de modo que fique inclinada e que, soltando-se o ovo, este role por uma distância de um a dois metros. Cada pessoa rola um ovo e o que tocar noutro que esteja no jogo ganha-o. Quando todos rolam, um ovo cada, o que rolou primeiro apanha outro que está na banca e reinicia a brincadeira, até que o último ovo seja ganho por alguém.

- MINEIRO-PAU

O mineiro-pau é uma dança folclórica que se insere no tipo de dança guerreira por servir o bastão como arma de ataque e defesa nas simulações de combate. Recebe ainda as denominações maneiro-pau e manejo-pau, possivelmente em conotação com o trato popular das expressões maneiro e manejo, o emprego jeitoso das mãos para a execução de alguma coisa com destreza e habilidade.

O grupo é formado exclusivamente por homens. Às mulheres que figuram em algumas composições compete o desempenho da parte vocal. Não há número determinado de participantes, nem obrigatoriedade instrumental, tampouco de indumentária. Nos registros do Espírito Santo verifica-se a preferência por camisas de mangas curtas, calças ou calções com as cores livremente escolhidas; acompanhamento musical, às vezes apenas um acordeão ao centro da roda, juntando-se, em outras, o violão, triângulo, pandeiro e tamborim.

A direção cabe ao mestre ou chefe, que comanda, com um apito, as evoluções, as batidas de bastão, o ritmo, a cantoria.

A formação é em fileiras, filas, círculos, pares, com ou sem dançador ao centro. Os participantes são adultos, mas um dos grupos registrados é somente de jovens.

Os bastões, com cerca de metro e meio, de madeira roliça, resistente, permitem ao dançador um manejo firme e seguro.

O mestre apita. A dança vai começar.

Ergue-se o canto, no momento do estribilho, cantado por todos, os bastões tocam o chão e imediatamente são erguidos e se entrechocam acima da cabeça dos dançadores. Durante os versos continuam dançando, para de novo movimentarem os bastões no estribilho seguinte.

No variar do ritmo das batidas, das evoluções e da disposição dos dançadores revelam-se a arte, a criatividade e a beleza de uma dança folclórica que entusiasma e empolga a assistência.

A apresentação do mineiro-pau não tem data fixa e em qualquer ensejo festivo lá estão os dançadores pelos largos e praças, compondo filas e caracóis, brandindo seus bastões ornamentados com fitas.

- QUADRILHA

Quadrilha é a denominação de uma das danças mais conhecidas no Brasil. Segundo uns, é de origem inglesa, provindo das country dances; segundo outros, de origem francesa, quadrille, por sua formação em grupo de quatro pares ou, ainda, uma das componentes da contradança.

É dança de pares (comumente em número múltiplo de quatro), com figurados que possuem denominação referente à disposição e movimentação dos dançadores, sem ordenação fixa, sempre a critério do **marcador**, a quem cabe conduzir o grupo. As figurações têm medidas variáveis, predominando em algumas a de oito compassos, em outras a de 16 e os pares como que desenvolvem um tema de amor, com aproximação e recuos, separação e reencontro, terminando com feliz enlaçamento.

O comando francês (en avant, en arrière, balancer, tour, changer de dames, etc.) foi adotado e adaptado pelo povo, o marcador passando a criar situações inesperadas, provocadoras de risos e descontração.

O acompanhamento instrumental mais comum é o da sanfona, e a música, com a quadratura formal requerida pela movimentação, se desenvolve preferentemente num allegro ou allegretto de 2/4, sem embargo do ternário da valsa, quase sempre presente ao término da dança.

No Espírito Santo, os grupos cadastrados mantêm uma tradição de família e se localizam em bairros, povoados e fazendas, verificando-se em Linhares, no distrito de Rio Bananal, uma homenagem dos dançadores ao sanfoneiro.

- VAQUEJADA

Costume nordestino incorporado às manifestações locais onde existir grande número de criadores de gado.

- FESTA DAS CANOAS

Realizada em homenagem ao Divino Espírito Santo. Participam os pescadores, levando seus barcos adornados com bandeiras e fitas. A folia é composta pelo alferes, solista e tambor. Às dez horas de domingo, a folia surge com a bandeira do Divino, ornamentada de fitas coloridas, onde se destaca a pombinha simbólica. Pouco depois os pescadores arrastam suas embarcações repletas de fitas, e uma delas segue a folia. Na embarcação principal, o coro entoa cânticos em homenagem ao Divino enquanto outra a aborda. Aí, faz-se a elevação da bandeira e cantam-se versos. As embarcações se separam e novos cânticos são ouvidos.

Depois, novamente unidos, proa com proa, o coro inicia outros cânticos ao som dos tambores. Começa-se, então, o retorno, em fila. Ao toque de sirenes, vozes do coro e dos fiéis e o estrondar de foguetes, a folia volta com a bandeira, sendo a pombinha beijada pelos devotos. Os barcos, já sobre a areia, são um por um abençoados. De tarde, sai a procissão da bandeira pela cidade.

- ALARDO

No Espírito Santo, o folguedo chamado alardo representa um entrevero de duas hostes inimigas — mouros e cristãos —, ambas interessadas na posse da imagem de São Sebastião, a fim de lhe oferecer uma festa. Etimologicamente, a palavra alardo (do francês arabizado al-ard) significa revista de tropas, parada, estendendo-se o sentido, em português, aos preparativos de revolta militar ou civil.

Os postos militares são absolutamente iguais de ambos os lados: capitão, embaixador, alferes da bandeira, tenente, caixeiro, tambor e soldados, divididos estes em cortadores e atiradores. Nas vestes predomina o azul entre os cristãos e o vermelho entre os mouros, com ostentação imponente de seus respectivos símbolos (a cruz e o crescente) no peitilho e no escudo de pano dos oficiais. A indumentária permite deduzir os valores hierárquicos através do escalonado abrandamento de pedrarias e enfeites coruscantes. O grupo é formado por 30 a 40 pessoas, todas com calção curto, ajustado abaixo dos joelhos, meias compridas e sapatos da cor da roupa. Os oficiais usam capas de seda, com franjas e enfeites de arminho, lantejoulas e flores de prata.. Os soldados cristãos, chapéus sem enfeites; e os mouros, gorro vermelho com ponta caída, presa do lado esquerdo.

As armas também se diferenciam, em correspondência com os cargos militares: alferes e embaixador usam espadas; capitães, piques ou lanças, sabres e alabardas para os tenentes; adagas para os cortadores e espingardas de pólvora seca para os atiradores.

Os alferes de cada uma das hostes portam orgulhosamente seus estandartes ou pinturas com encaixes de pedrarias, destacando-se os símbolos da cruz de prata sobre fundo azul, no lado cristão, o sol e crescente duradouros sobre o vermelho, no mouro.

O único instrumento é um tambor solene, de batidas graves, compassadas, que se coadunam com a grandiosidade da cena. Não há cantoria. Empenham-

se em lutas os soldados, quando os entendimentos entre os embaixadores tornam-se infrutíferos.

O folguedo capixaba, em Conceição da Barra, inicia sua representação no dia 19 de janeiro, véspera da festa. Os caixeiros batendo o tambor, cada um para seu lado, reúnem os soldados e vão buscar os oficiais de suas hostes nas próprias residências, obedecendo à hierarquia das patentes. E seguem todos em fileira, ora dupla, ora individual, com ares marciais, elegantes e garbosos, mas em expectativa de encontro com seus inimigos, ocasião não perdida para troca de tiros. A mais graduada patente dos mouros, o capitão, aguarda que o venham buscar em sua fortaleza, armada nas proximidades da igreja. Os cristãos se dirigem à frente do templo, onde reverenciam a imagem de São Sebastião, exposta em um andor.

As duas hostes se dispõem em fileiras defrontes, em linha de combate, no espaço compreendido entre a igreja e a fortificação. Têm início as conversações diplomáticas, embaixadores de um e outro lado transmitindo suas mensagens no campo adversário, em verso, num estilo atrevido e arrogante, voz vibrante e empolgada, com louvores à sua fé, pondo em relevo os brios de cada um dos contendores. De nada adiantam as conversações, as *embaixadas*, cada qual deseja a imagem para si, partem para a guerra, onde a luta se desenvolve feroz. Desse encontro de forças, desse bater de espadas, desse choque de alabardas, surge a vitória dos mouros, que conseguem raptar a imagem e levá-la à fortaleza. Começa a longa vigília da noite. Qualquer movimento cristão que induza à suspeita de guerra é imediatamente abafado. E assim se espera o nascer de um novo dia.

Vinte de janeiro, festa de São Sebastião. Os cristãos, inconformados com a derrota, cuidam de estabelecer novas embaixadas, com propostas e acordos diversos. As horas vão passando e nada se decide. De repente, num assalto feliz à fortaleza, dá-se a recuperação da imagem que retorna ao templo aguardando a procissão.

É a procissão oficial do orago, o que não impede a realização de combates de surpresa nas esquinas. Todos os mouros são vencidos e aceitam o batismo, ministrado pelo padre no limiar da igreja. As hostes, que se irmanam num só sentimento religioso, assistem, diante do altar, às últimas cerimônias sacras.

Chega ao término a comemoração, mas não a representação do alardo. Quem fará a festa do ano vindouro? Vários são os candidatos. Os compromissos serão presenciados por todo o povo. Inicia-se o processo de escolha. Fincam-se, diante da igreja, as armas dos oficiais: piques, alabardas, etc. Os candidatos a festeiro se aproximam e retiram, num gesto decidido mas elegante, a arma cravada no chão. As palmas e os vivas saúdam, um a um, aqueles que assumiram o compromisso. Sob alegria geral, a assistência se dispersa, vagarosa, certa de que a festa continuará e a tradição será mantida.

- BOI

O boi é personagem central de inúmeros folguedos folclóricos, presentes em todos os estados, com intensa variedade na dramatização. Sua nomenclatura comporta, muitas vezes, elementos regionais identificadores: boi-bumbá, boi-do-campo, boi-duro, boi-janeiro, boi-de-ja-cá, boizinho, boi-de-mamão, boi-calemba, bumba, reis-de-boi, boi-de-reis, bumba-meu-boi, boi, etc.

No Espírito Santo, o grupo do boi-pintadinho, bumba-meu-boi ou boi-janeiro é constituído preferentemente por homens, registrando-se, em uns poucos municípios, a presença de mulheres e de crianças. Nos conjuntos masculinos compõem os travestis, comumente usando máscara. O número de participantes é variável, em média quinze a vinte, podendo alcançar quarenta ou mais figuras.

As personagens essenciais são o boi, a mulinha e o puxador do boi (vaqueiro ou toureiro). O boi é construído pelos próprios integrantes, tem como

cabeça uma caveira de boi ou sua reprodução em papelão e taquara revestida com tecido e sempre enfeitada; o corpo, formado por armação de taquara, taquaruçu, madeira, é vestido com chitão ou outra fazenda estampada. Em seu interior aloja-se o homem que executa a dança, brinca com a assistência, corre, dá chifrada, etc. A mulinha tem cabeça de papelão e arca da de taquara recoberta de pano, com um oco destinado ao manipulador, visto apenas da cintura para cima; por vezes apresenta lateralmente duas pernas, fingindo as do cavaleiro montado. O puxador, geralmente com roupas de vaqueiro, puxa a corda que conduz o boi e orienta sua movimentação.

Alguns grupos possuem ainda dois personagens cômicos: Pai João e sua mulher Mãe Maria, que simulam um engraçado casal de patetas. Não raro aparece mais de uma mulinha e também uma criança com roupas largas e enchimento de palha, que faz diversas brincadeiras e sempre cai, dada a desproporção do seu corpo. Os demais, com roupas coloridas, concorrem para a animação e alegria do folguedo.

O boi-pintadinho desfila cantando pelas ruas ou se reúne em terreiro. No primeiro caso, vai à frente a mulinha protegendo o boi e recolhendo o *restolho* (dinheiro); a seguir, o vaqueiro, tocadores, dançadores, acompanhantes, ouvindo-se o canto:

*"Oh, cuidado gente
que o boi vem
esse boi é manso
não pega ninguém
esse boi qué pegá, era,
a mulinha também, era".*

No segundo, os componentes formam um círculo onde dançam, representam o boi e a mulinha, ao som da cantoria, com improvisos sobre a assistência. Ocorrendo em algumas dramatizações, como cena final, a *morte* do boi.

Os instrumentos musicais são variados e sem número fixo: tambor, tarol, reco-reco, trombone, triângulo, cuíca, pandeiro, chocalho, bombo, sanfona, viola, cavaquinho, flauta, tamborim, etc.

Denominações:

- Boi-pintadinho: Presidente Kennedy, Pancas, Muqui, Mimoso do Sul, Manténópolis, Jerônimo Monteiro, Iúna, Guaçuí, Dolores do Rio Preto, Divino, Cachoeiro do Itapemirim, Atílio Vivacqua, Alegre.
- Boi-janeiro: Itarana
- Bumba-meu-boi: Pinheiros, Rio Novo do Sul.

- CABOCLINHOS

Com 24 elementos é formado o grupo de caboclinhos ou cabocleiros, exclusivamente masculino, sendo o papel de Mamãe-Vovó representado por homem vestido de mulher.

As personagens desempenham funções destacadas no auto e recebem os nomes de mestres, contramestre, Papai-Vovô, Mamãe-Vovó, caboclinhos e mascote, sendo o menor de todos conhecido como caciquinho.

A indumentária consta de túnica vermelha, adornada com pena de vistoso colorido, boné com penacho, pulseiras e tornozeleiras de penas. Os mestres se destacam, com peitoral bordado e enfeites de espelinhos.

O folguedo agrupa várias danças, executadas em determinada sequência. A primeira, a dança das fitas, abre a manifestação e também a encerra, porque as fitas coloridas trançadas no mastro assim permanecem o tempo todo, sendo destrançadas somente ao término da exibição de rua, no momento em que se vai desenvolver no interior da igreja a parte religiosa.

Preparado o cenário, desenrola-se o auto (parte dramática), girando em torno da matança dos caboclinhos pelo Pai-Vovô - figura humorística, de roupas comuns, chapéu de feltro, barbas, máscara de pele de animal - ocorrida durante a ausência do mestre e aproveitando-se de um descuido da guardiã, a Mamãe-Vovó, tipo caricato, de vestido e máscara de meia preta. O mestre, depois do acerto de contas com a descuidada vigilante, resuscita os caboclinhos e parte em busca do assassino, que depois é encontrado morto. Inconformada com a perda do companheiro, Mamãe-Vovó o pranteia, enquanto é entoada a canção:

*"Quem matou Papai-Vovô?
Foi o mestre Cacicão
com uma flechada nos peitos
que varou o coração"*

faz-se a roda em torno do morto, ao qual se roga:

*"Levante, Papai-Vovô,
com sua flecha na mão
batendo a flecha pra cima
batendo a flecha no chão"*

Ressuscitado o Papai-Vovô, a alegria retorna, com o prestígio de sua autoridade:

*"Levante, Papai-Vovô,
co'a sua flecha na mão
tomando conta da linha
dominando o batalhão."*

*Levantô Papai-Vovô
junto com Mamãe-Vovó
tomando conta da linha
dos cabocos carijó".*

Terminado o auto, é a vez da dança das garrafas, ao redor das quais todos dançam de dois em dois.

A seguir, a dança da jibóia, de caráter imitativo, formação e evolução de um caracol, em singulares composições.

Finalmente, a dança dos porretes, à maneira do maculelê baiano, com batidas de bastões, e a dança das flechas, na qual a seta presa ao arco, ao ser recolhida, solta a corda, funcionando como marcação de ritmo.

Os participantes vão encerrar a apresentação. Destrançam as fitas e cantam os martírios de São Sebastião:

*"Mártir São Sebastião, ai,
sendo nosso advogado
todo varado de flecha
neste toco amarrado".*

Entram no templo, fazem orações em conjunto e entoam os versos finais da festividade.

- CHAROLA DE SÃO SEBASTIÃO

A Charola de São Sebastião ou folia de São Sebastião é um grupo organizado à semelhança da folia de Reis, ora exclusivamente de homens, ora de homens e mulheres, contando também com a participação de meninos. Sua apresentação ocorre no período de 7 a 20 de janeiro, quando canta em terreiros e residências.

O santo homenageado é São Sebastião, com figura estampada na bandeira vermelha, carregada à frente do grupo. Para alguns, é o São Sebastião de Portugal, numa possível conotação com o legendário dom Sebastião, que na batalha de Alcácer-Kibir teria subido aos céus.

O grupo, de seis a quinze pessoas, não tem indumentária fixa; alguns usam a roupa costumeira, outros uniformizam a cor da calça e da camisa, mas sempre com vistoso boné ou chapéu enfeitado com flores e espelhos.

A cantoria é a duas vozes, com acompanhamento de bombo, caixa, pandeiro, violão, triângulo, cavaquinho e viola.

A charola, ao contrário da folia, não faz jornada noturna; tem um período determinado, com início ao romper do dia e término quando o sol se põe. À entrada da noite, o grupo se encontra em alguma residência, processando-se o ritual da entrega de bandeira ao dono da casa, que a recebe e guarda, devolvendo-a na manhã seguinte.

A bandeira, objeto de grande devoção, passa pelas mãos de todos os moradores, que a beijam e juntam mais uma flor ou uma fita.

Depois da cantoria, há doação de dinheiro ao grupo, destinada ao seu sustento durante o ciclo comemorativo, à festa de encerramento e à igreja.

- CONGADA

Congo, congada, congado, terno de congo, guarda do Rosário e outras são denominações de uma manifestação folclórica em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito, patronos dos negros, encontrada, em suas múltiplas variantes, em todos os estados brasileiros.

Como a terminologia decorre da preferência do grupo, não há definição precisa, dada a variabilidade de sua composição: ocorrem, para o mesmo termo, diversas estruturas, enquanto uma estrutura única tem denominações diferentes.

No Espírito Santo, entre os grupos registrados, apenas três grupos (um em Conceição da Barra e dois em Ibiraçu) se classificam como folguedos.

Na livre e espontânea manipulação de elementos culturais, os participantes idealizam suas manifestações enriquecendo-as, por vezes, com personagens e cenas de outros grupos, como uma das congadas de Ibiraçu, que junta à rainha, personagem indispensável, figuras de reisado - caipora, lopa e boi -, batizando o grupo de congada tipo reisado, um dos muitos exemplos de formação de grupos folclóricos. A indumentária da caipora é um saco de estopa lanosa desfiada, peruca longa e um bigodão; a lopa usa vestido longo, tipo sereia, com uma cabeça de cavalo, cuja boca, movimentada pela pessoa escondida em seu interior, abre e fecha ameaçando devorar a assistência; o boi tem armação tradicional, com revestimento de chitão, chifres e uma estrela branca no alto da cabeça. São 25 homens e 5 mulheres que prosseguem nessas atividades do grupo, criado há 50 anos.

O segundo grupo de Ibiraçu compõe-se de dez casais adultos e uma rainha. Cada participante, com exclusão da rainha, toca um instrumento (reco-reco, tambor, cuíca, tarol, triângulo, chocalho, pandeiro) e o capitão usa o apito de comando e um pequeno bastão com fitas coloridas. Há o desfile com canto e dança e, a seguir, a *embaixada*, pequeno teatro cujo tema é a defesa do direito de cada reino poder organizar a festa de São Benedito, finalizando com a participação de todos os congadeiros.

Outro é o modelo em Conceição da Barra. No dia 2 de janeiro, um grupo de 13 pessoas (oito congos, dois reis, dois secretários e um violeiro) sai pelas ruas, em duas filas e, tocando seus pandeiros, louvam São Benedito, entoando quadras ingênuas e devotas, movimentando-se em várias figuras, enquanto os reis, à porta da igreja, observam. Vêm depois as falas que explicam a finalidade da festa, homenagem a São Benedito, cada qual com suas aspirações de destaque maior; iniciam-se as alterações, provocando, apesar da melodia suave e dos cantos de teor religioso, a batalha entre os vassalos. Mas tudo termina bem, o grupo se recompõe e continua desfilando, cantando diante da casa dos amigos e das autoridades locais.

Seu instrumental é quase sempre de percussão (pandeiros, chocalhos, tambores, caixas), aparecendo também sanfona e/ou rabeca.

- FOLIA DE REIS

Folia é uma expressão usada em Portugal, principalmente no Algarve e Beiras, para designar um grupo de pessoas que cantam, tocam e dançam com a finalidade de angariar donativos para a festa do Divino Espírito Santo. Por analogia, a denominação se estendeu aos grupos assim organizados para comemorar os Santos Reis, São Sebastião, São Benedito, etc.

Desde quando existe a Folia de Reis? Os portugueses com ela festejam há séculos a Epifania e, no Brasil, o registro mais antigo parece ser o de Fernão Cardim, datado de 1584.

É formada geralmente por homens, que recebem o nome de foliões. Dado o seu caráter de louvação e peditório em largas áreas, seja na zona urbana, seja na rural (onde recebem hospedagem e alimentação), as mulheres quase sempre são excluídas. No Estado do Espírito Santo, porém, o elemento feminino tem participação ativa, freqüentando cerca de um terço dos grupos cadastrados, destacando-se o de Fundão, composto por apenas três homens — representando os Reis Magos — e vinte e quatro mulheres, dentre as quais uma cigana.

Quando organizada em cumprimento de promessa, gira o seu ciclo em torno de sete anos, mas, se em conformidade e continuação de uma tradição local, se insere no contexto dos valores culturais de duração perene. A árdua caminhada se inicia a 24 de dezembro, após a Missa do Galo, e vai até 6 de janeiro, quando se realiza a festa do encerramento.

Muitas delas prosseguem as apresentações, mudando, em parte, o modelo, pois cantigas e louvores são endereçados a São Sebastião, de 7 a 20 de janeiro. E há as que alongam o calendário, homenageando o Divino Espírito Santo.

É extremamente variável a sua composição: apenas homens, homens e mulheres, homens e meninos, ou homens, mulheres, meninos e meninas, em número que, no Espírito Santo, vai de seis a quarenta pessoas. Os participantes da zona rural são pescadores, lavradores, campeiros, e os da zona urbana preferentemente operários.

Não possuem indumentária determinada. Os de maiores recursos usam sobre a roupa comum uma vistosa capa de cetim, bordada com lantejoulas. Em geral, uniformizam a cor da calça e da camisa. Na cabeça há sempre algo que os distingue, boné ou chapéu com enfeite de fitas e flores coloridas e espelinhos graciosamente dispostos.

Além dos foliões, há um ou dois palhaços, com folgadas roupas de chitão estampado e máscara de couro de animal (preguiça, cabrito, tamanduá). Em Castelo recebem o nome de sacatrapo.

Sua função principal é recolher donativos, em dinheiro ou espécie, destinados à igreja, manutenção do grupo, festa de encerramento ou atendimento da comunidade. Do pressuposto de que uma grande assistência favoreça a arrecadação, todos os atrativos são usados para esse fim: malabarismos, acrobacias, literatura de cordel, demonstrações com punhais, brasas e cacos de vidro. As ofertas são agradecidas com cantoria e graçolas.

O número de instrumentos não é determinado. Os mais empregados são: viola, violão, sanfona, pandeiro, triângulo, caixa, bumbo, chocalho e apito.

O canto é tipo solo e coro, versos tradicionais e improvisados. O mestre entoa quadras, acompanhado pelo contramestre em terça acima ou abaixo e todos participam do coro. Nos últimos compassos comparecem quatro vozes, terminando numa cadência suspensiva, cabendo às crianças ou ao falsete a voz mais aguda, denominada requinta.

Na cidade, a folia desfila, bandeireiro à frente, entra em igrejas e vai às casas previamente designadas. É costume a residência permanecer fechada, sem sinal de vida, sequer as lâmpadas acesas, até ser entoada a abrida

ção de porta:

*"Os três reis ia passando
na sua porta parou
avisando o nascimento
de nosso pai salvador*

*Viva a casa bem fechada
viva o corpo de Jesus
meu senhor dono da casa
abra a porta e acenda a luz"*

Atendida a solicitação, canta o mestre:

*"Cheira o cravo, cheira a rosa
e a flor de laranjeira
meu senhor dono da casa
vem panhar nossa bandeira"*

O dono da casa se aproxima respeitosamente, beija a bandeira e a conduz à sala.

*"Louvado seja Deus
minha bandeira foi aceita
quem panhou nossa bandeira
leva ela lá prá dentro*

*Onde vai nossa bandeira
na sombra dela nós entra
a bandeira já entrou
meu senhor me dá licença"*

Na sala a família está reunida, em devota expectativa. O grupo de foliões se dispõe em duas filas e passa a cantar as profecias, dezenas e dezenas de quadras de caráter religioso, narrativa descritiva que começa com os profetas, seguindo com o nascimento, Reis Magos, Herodes e termina com loas ao Menino Jesus.

Cansados, mas felizes, todos se reúnem para o café acompanhado de bolos e biscoitos.

Depois, agradecimento e despedida:

*"Lá do céu desceu um anjo
louvor de São José
a folia vai-se embora
obrigado do café*

*Meu Senhor dono da casa
entregai nossa bandeira
que a folia vai-se embora
tem que andar a noite inteira".*

Fato raro é o não recebimento do grupo, dado os termos do castigo. Se após a abrigação da porte a acolhida não se verifica, a jornada continua, enchendo os ares com seus versos:

*"Cantemo, cantemo,
tornemo a cantar
esse barba de farelo
não tem nada pra nos dar".*

- JARAGUÁ

O Jaraguá é um desses bichos, encontrado em pastoris, reisados, bumbas e apresentações isoladas sem texto falado, participando com a extravagância de sua configuração. Sua presença tem raízes no teatro natalino da Idade Média, quando outras figuras contracenavam com o boi e o burro do presépio. A palavra, de origem tupi, representa um dado a favor da brasilidade de sua concepção. Trata-se de figura já registrada em relatos do passado. É armado sobre um trançado de madeira ou bambu que compõe o seu corpo. Dele parte o cilindro do pescoço, bem alto, terminando com a

cabeça, esta geralmente uma caveira de cavalo ou jacaré, ou apenas suas mandíbulas. Para dar-lhe configuração mais real, é pintada e complementada. As longas mandíbulas se abrem e se fecham com batidas muito fortes, mediante a manipulação de dois pauzinhos a elas amarrados e que se engrenam nas articulações. Abaixo da cabeça prende-se um camisolão de chita, que cobre o pescoço e desce sobre o corpo, dentro do qual vai o dançador. Durante todo o tempo de apresentação os braços do dançador estão erguidos no interior do pescoço, segurando os dois pauzinhos das mandíbulas.

O jaraguá não tem menos de dois metros de altura e sobressai no meio do grupo. Sabe dançar, requebrar, cumprimentar, sincronizando os movimentos ao ritmo do bater da queixada. Vem acompanhado pela mulinha.

A mulinha é também uma armação revestida com pano grosso, de cor cinza ou marrom, de proporções normais, ostentando, por vezes, uma pintura representativa das pernas do cavaleiro. No meio da armação há uma abertura onde se encaixa o dançador, com rédeas nas mãos. Sua movimentação é inteiramente livre. Além de dançar de acordo com o compasso, sabe trotar, galopar, investir, defender ou atacar o jaraguá e ir de encontro à assistência, produzindo entusiasmo e gritos de animação.

Os bichos se apresentam acompanhados por um conjunto de violão, cavaquinho, pandeiro e flauta, nas festas de janeiro e em outras oportunidades.

- LAPINHA

Lapinha é um folguedo do ciclo natalino, já existente no Brasil em 1893, segundo registro de Fernão Cardim.

A lapinha de Vila Velha se apresenta a partir de 23 de dezembro e se compõe de 33 moças e dois rapazes, dispostos em fileiras. Todos cantam e dançam, alguns improvisam versos religiosos ou de saudação à assistência, acompanhados por pandeiros, bandolim, violino, clarineta e chocalhos.

As personagens principais — por figurarem em maior número — são as pastoras, seguindo outras com funções definidas: Flora, Satanás, Marujo, Cigana, Anjo, Graça. A indumentária é pertinente ao que se deseja representar, com destaque de muito adorno brilhante e formas enriquecidas, que The dão maiores evidências.

Ao término desse auto com cantos solistas e em coro, vem o que consideram a chave de ouro da lapinha, o camundá, ocasião em que as pastoras (como no pastoril alagoano) se dividem em duas alas ou dois partidos, o Encarnado e o Azul, disputam a preferência e os aplausos com cantos, coreografia e muito sorriso, triunfando o mais ovacionado.

- MARUJÁ

Auto com temática da vida marítima, peripécias, aventuras, guerra, esperanças, o Marujá é também conhecido como Marujada, Chegança de Marujos, Fandango. Sem data fixa de apresentação, alegre as festas populares com os componentes vestidos de marinheiro, dentre os quais um oficial.

A versão capixaba desse folguedo se inicia com a guarnição (cerca de 12 pessoas) desfilando dentro de um barco sem fundo mas sobre rodas, pés no chão, mãos nas bordas para o impulso de deslocamento, transportando também o mastro.

Com as danças e cânticos o cortejo homenageia, em seu percurso, amigos e autoridades.

Ao chegar ao cais ou praça, estaciona-se o barco, ergue-se o mastro, tripulantes entoam uma triste canção de adeus. Mas não partem, pois não há vento.

O barco retorna às ruas cantando a Nau Catarineta, romance seiscentista que descreve a má sorte dessa embarcação, que vagou pelo mar sete anos mais um dia e de tudo está carente, inclusive de alimentação. Decidem, por meio do jogo, quem deveria ser morto; os sete pontos da desgraça recaem sobre o capitão-general. Numa última tentativa de salvamento, ordena ao gajeiro subir ao mastro, à procura de sinais de terra, jamais vistos; porém, várias cenas são por ele descritas; três lindas moças, todas filhas do comandante, lhe são oferecidas, mas ele as rejeita, interessado tão somente em ser dono da Nau Catarineta.

O barco segue seu rumo e pára diante do castelo dos mouros. Trocam-se emissários que levam embaixadas de um para outro lado, passa-se ao combate corporal, cabendo a vitória aos marujos. Vencidos, os mouros aceitam o batismo, há o conagraçamento geral e cantam-se as marchas de despedida.

- MULINHA

A mulinha de Rio Novo do Sul e de Viana é manifestação desligada do folgado do boi, apenas os instrumentistas a acompanham.

Apresenta-se o tríduo carnavalesco, atuando como elemento de comicidade e alegria, deliciando a assistência com seus diálogos, trajeitos e danças, avanços e recuos no meio da criançada.

Sua armação é de bambu fino entrelaçado com galhos de goiabeira em arco, formando as partes da cabeça e das ancas, com amarriños de arame fino e barbante. É recoberta com fazenda de cor única, enfeitada com papel colorido e brilhante.

A dança é acompanhada por instrumentos de percussão (tambor, chocalho, pandeiro, tamborim) e, às vezes, há um trombone solista.

- PASTORINHAS

As pastorinhas se incluem entre os folguedos do ciclo natalino. Dada a total liberdade do povo para designar as suas manifestações e formar os quadros de seu teatro ou as figurações de suas danças, encontram-se os mais diversos grupos com essa denominação.

As personagens fixas são as pastoras. Ora apenas reunidas para cantar e dançar diante do presépio, ora divididas em cordões (azul e encarnado), à maneira do pastoril de Alagoas. As variáveis são a Sagrada Família, os Reis Magos, o anjo da guarda, pastores e um rol de figuras e alegorias (borboleta, lua, estrela, sol, flores, cigana, Papai Noel, as quatro estações, pica-pau, sino de Natal, jardineira, florista, etc.).

A indumentária, confeccionada com intensa e imprevisível criatividade, procura identificar as personagens.

O conjunto instrumental é formado por violas, pandeiros, sanfona.

O número de integrantes não é fixo. Alguns conjuntos são inteiramente abertos, com homens, mulheres adultos e crianças, com exigência única de participação nos ensaios; outros são fechados. Em Mimoso do Sul há exemplos de grupo aberto e em Conceição da Barra, de grupo fechado, com 20 integrantes.

A louvação ao presépio é feita em casa, na igreja (quando a autoridade religiosa o permite) ou em praças e adros.

Os cânticos iniciais são loas ao Menino Jesus e à Noite Santa, e os das personagens, além de se inserirem na temática natalina, dizem também das coisas e seres que representam, enriquecendo a expressão com gestos e movimentos adequados.

O encerramento reúne todas as vozes; cantando e dançando, é feita a despedida.

- REISADO

A denominação veio de Portugal. Designava, há vários séculos, os grupos que dançavam e cantavam no período das festas de Reis (6 de janeiro), revivendo os Magos e repetindo, através dos tempos, a visitação à gruta de Belém, num simbólico despojamento de majestade e poder ante uma criança vinda ao mundo para redimi-lo.

Também se diz reisadas e reiseiros. É sempre um conjunto que canta, de preferência em frente de um presépio, uma poesia religiosa, quase o Evangelho em versos na parte do nascimento de Cristo. Cumprida a devoção, a graça e o humorismo preenchem a cantoria que vem a seguir.

A estrutura do reisado é muito variável, com modelos diferentes em vários estados, permanecendo um esquema em que o sagrado e o profano se juntam, em seqüência. No final, o pedido de auxílio (para a festa do encerramento), feito de modo muito simpático, é uma constante, e o atendimento, parco ou generoso, se processa em ambiente de agrado e satisfação.

O reisado pode ser apenas cantoria, a duas ou três vozes, ou apresentar enredo, um pequeno teatro.

O grupo de Vila Velha se inclui na segunda forma. É composto por 16 figurantes e existe há mais de quarenta anos. A indumentária geral é a seguinte: blusa vermelha, calção branco e bufante, tênis, meia branca comprida, gorro de marinheiro encarnado. Os integrantes, que têm um desempenho individual (marinheiro, sirivelha, lenhador), cada um dizendo de onde vem, quem é, e o motivo determinante de sua presença, se vestem na conformidade do simbolismo por eles criado para suas figuras.

O conjunto instrumental é formado por violão, cavaquinho, pandeiros, tam_{bor} e sanfona.

Após o desfile pelas ruas, em uma ou duas filas, fazem cantos solistas e em coro, partindo, depois, para um agitado e muito hábil simulacro de guerra de espadas, mais torneio que luta, com ágeis volteios e graciosas figurações. O ritmo é marcado com o instrumental, apoiando-se também em batidas de pés e de mãos.

Finda a exibição, quase sempre em recinto amplo e fechado, as despedidas são cantadas, e o grupo novamente percorre as ruas.

- TERNO DE REIS

No Espírito Santo há uma denominação genérica de reisados: todos os fol_{guedos} que se realizam em louvor aos Santos Reis, classificados em Reis-de-boi, ao norte do estado; folias de Reis, ao sul e, em outros lugares, ternos de Reis. A palavra terno é aplicada indistintamente às três moda_{lidades} de reisados, que pode significar conjunto ou grupo.

Não obstante, o terno de Reis difere dos outros, constituindo-se de um grupo que, na véspera de Reis, sai a cantar pelas casas, acompanhado por um conjunto instrumental variável (violão, cavaquinho, clarinete ou outro instrumento de sopro, e, na zona de influência italiana, a sanfona ou acordeão). Não há uma idumentária própria, e os participantes são dos dois eixos.

O canto e a letra denotam características eruditas, de acordo com o local, sendo mais de constituição urbana que rural.

No coral destaca-se a voz de soprano, que alguns chamam de requinta.

O grupo sai à noite a cantar nas casas de conhecidos, onde, após a apresentação, é homenageado com bebidas e doces.

Os ternos de Reis foram muito comuns em Vitória e Vila Velha no passado. Nos subúrbios de Vitória, bairro de Goiabeiras, as paneleiras ainda cantam Reis, maravilhando a população nas noites de Natal e Reis.

- REIS-DE-BOI

O Reis-de-boi é um auto em homenagem aos Santos Reis; apresenta-se no ciclo de Natal, prolongando-se até o dia de São Brás, 3 de fevereiro.

Esse folguedo, com grande ocorrência ao norte do Espírito Santo, se estende pelos municípios do sul da Bahia, fazendo o povo uma distinção entre as manifestações dos dois estados.

No Espírito Santo é denominado de boi-mole, pela ausência de armação. O dançador, cujo corpo é coberto por chitão, apenas carrega a cabeça sustentada por um pau, que funciona também como marcador de ritmo. Na Bahia chama-se boi-duro, porque o corpo do boi é armado com taquaras. Dentro da armação, revistada por um pano estampado, está o animador da figura. A estrutura do boi-mole constitui fator favorável ao transporte do grupo, visto que, enrolada a cabeça no chitão, os integrantes a levam ao ombro ou em animal, percorrendo, sem maiores dificuldades, léguas e léguas a pé para apresentação em vários municípios e povoados.

O responsável pelo folguedo tem o nome de mestre. É o ensaiador das letras e da música, quase sempre por ele mesmo produzidas, além de preparador do elenco da bicharada, como criação sua. É dono da *brincadeira*; a de João de Rita, de Mané de Tininha, e de outros, quando não designada pela localidade em que residem os mestres. Geralmente, o mestre mantém o seu grupo como pagamento de uma promessa, e todos se julgam devotos dos Santos Reis.

A primeira apresentação ocorre a 6 de janeiro - dia de Reis - à porta da igreja ou capelinha do lugarejo. Depois percorrem as casas dos conhecidos, a convite dos mesmos ou de surpresa, sabendo antecipadamente que serão bem acolhidos. O anfitrião os recebe de porta fechada, ouvindo com toda a família e demais pessoas o canto de louvação, variando o número de quadras que se reportam ao nascimento de Jesus Menino e aos três Reis Magos. Esses cantos não se repetem de um para outro ano.

Terminada a louvação, é aberta a porta.

*"Porta aberta, luz acesa
vamo entrá com alegria
aqui nos mandô Deus Padre
Filho da Virgem Maria".*

O grupo, a seguir, entoia a marcha da entrada e apresenta o descante na sala, para a família e demais pessoas.

O número de integrantes varia entre 12 a 20, formando duas alas. A indumentária é calça azul-marinho ou branca com filete lateral, vermelho ou azul. Na cabeça, um chapéu de palha, revestido de morim branco, quebrado à testa e inteiramente enfeitado de flores de papel ou de matéria plástica, prevenindo, esta, os estragos de possíveis chuvas. Fitas de várias cores pendem da copa à cintura. Na testada, espelinhos redondos e outros enfeites. Atravessando o busto, na frente e atrás, duas fitas mais largas, cruzadas sobre a camisa branca de mangas compridas. Podem estar calçados ou descalços.

Quando se *pergunta* como se chamam os participantes, dizem que são *marujos*, porém, entre si, dizem que são *congos*.

O instrumento principal é a sanfona de oito ou doze baixos. O sanfoneiro puxa o canto, tocando inicialmente o texto musical, até que o mestre *apita* e entra o coro.

Os componentes do grupo tocam pandeiro, feito por eles mesmos, de couro de veado branco, cujo som é o que melhor se harmoniza com suas vozes. Os pandeiros de matéria plástica e de tarraxa não foram aprovados, pois além de produzirem um som diferente, não resistem às pancadas e aos batidos repicados.

Com a apresentação da *brincadeira* (dizem brincadeira de Reis-de-Boi) é tocada a marcha para a chamada do vaqueiro, que não entra de pronto, mas depois de muitas vezes cantada a melodia; vem sapateando, batendo o ritmo com seu bastão. Traja roupa velha, com o paletó pelo avesso, bolsos de fora e máscara. Todo esse traje tem um significado próprio. Os bolsos vazios indicam que ele nada possui; a roupa demonstra que é um trabalha dor; o paletó pelo avesso diz que é atrapalhado da vida; uma bota velha, ou simplesmente a calça amarrada ou perneiras, identifica sua função de vaqueiro.

Após essa exibição, pára ofegante e faz um discurso, contando de onde vem, e relata acontecimentos de forma satírica que todos sabem. Dando um boa-noite para a assistência, pergunta pelo dono da casa, com o qual mantém um diálogo.

"- *É o sinhô o dono da casa?*

- *Sou. Que deseja?*

- *O sinhô num qué comprá um boi?*

- *Esse boi está gordo, ou é magro, ou é seu mesmo, ou foi roubado?*

O diálogo chistoso prossegue e provoca o gargalhar do pessoal, que parti cipa com palpites e insinuações.

Canta-se, então, a chamada do boi, que entra dançando, fazendo graças e voltas e dando chifradas.

Terminada a cantoria, em alguns grupos ocorrem a morte e a ressurreição do boi. Mal o boi cai no chão, o sanfoneiro puxa a música para o canto da

divisão do boi, com o coro cantando um refrão, a cada pedaço vendido. Ca da grupo tem sua própria.

Coro: " - *Seu tenente mandou me chamar.*

Vaqueiro: - *Tripa grossa é das moças da roça*

Coro: - *Seu tenente mandou me chamar*

Vaqueiro: - *O pedaço da pá é de Seu Juvená".*

E assim são vendidas todas as partes do boi. Alguns fazem, a seguir, a cobrança, e cada qual contribui como quer.

Depois o boi é ressuscitado, dança ao som da marcha *Levanta meu boi*, faz uns voleios e sai.

O vaqueiro tem vários nomes, predominando o clássico Pai Francisco. A Ca tirina, mulher do vaqueiro, quando aparece é um travesti, que se agarra ao marido, enquanto da assistência passam a mão em seu corpo, tentam le vantá-la a saia, e ela grita, atraca-se com o vaqueiro e rolam ambos pe lo chão.

Nos Reis-de-boi de meninos comparecem dois vaqueiros. Um deles quer ven der o boi, que é roubado. Ao aparecer o seu dono, ele sai correndo, mas depois volta a insistir, enquanto o dono da casa, que a tudo ass istiu, não sabe a qual dos dois pertence o animal.

O vaqueiro procura novamente o dono da casa para oferecer-lhe outro bicho dos vários que tem, entrando cada um por sua vez, assustando os assisten tes, havendo correrias da garotada e dos adultos. A *bicharada*, como di zem, é formada pelo cavalo-marinho, loba, lobisomem, fantasma, engen ho (no qual volta o boi que, com uma fita amarrada ao chifre e à haste do engenho, gira a roda, enquanto dois meninos travestidos fingem botar cana para moer). Depois vem uma mesa coberta de pano até embaixo, dos quatro lados, sob a qual fica uma pessoa que controla duas tocas de cada lado, de uma sai um sapo, da outra uma cobra que ameaça pegá-lo, sem contudo o conseguir, pois ele se esconde.

Erguida ao avançar sobre a assistência, a fantasma é grande, enfeitada com duas queixadas de cavalo.

Há também dois serradores, bonecos ao alto de uma pessoa vestida, que lhes dá movimento à semelhança de serradores. (Tudo isso tem um canto especial, próprio, ao som da sanfona e ritmo dos pandeiros).

Essas figuras são consideradas totens. Nunca, porém, apresentam o saci: com ele não se deve brincar. Porque os outros são imaginários, mas o saci existe: basta ouvir-lhe o assobio.

Divide-se, assim, o Reis-de-boi em duas partes: uma de louvação aos Santos Reis e outra de teatralização.

O norte do Espírito Santo é a região do Reis-de-boi, havendo nitidamente grupos de meninos e grupos mistos, com seus pandeiros de lata de goiabada por eles próprios preparados.

Famosos são os mestres de Reis-de-boi. Pelas letras, é possível fazer-se um retrospecto de acontecimentos nacionais e mesmo mundiais, como a revolução de São Paulo, viagem do homem à lua espantando São Jorge, o retorno ao tempo das operetas, como a referência à "gigolete", que teve sua época.

Nenhum deles sabe informar sobre a criação do Reis-de-boi. Dizem apenas que *tudo começou com o nascimento de Cristo.*

- TICUMBI

O ticumbi, baile de congo ou congada, forma que ocorre exclusivamente no Espírito Santo, é um cortejo real, com desfile de rua e encenação de um auto com embaixadas e simulacros de combate, tudo porque dois reis negros rivais desejam homenagear São Benedito, cada um a seu modo. As explicações diplomáticas que se estabelecem por intermédio dos secretários - de

nominados embaixadas — nem sequer simulam desejos de bons entendimentos: cada rei quer impor ao outro sua vontade, nenhuma conciliação é alcançada. E, ao som de cantos, ritmos do bater de espadas, expressão corporal e acompanhamento musical, guerreia-se.

Das personagens, em número de vinte, as de maior destaque são os dois reis (Congo e Bamba) com seus respectivos secretários, seguindo-se o *corpo de baile* ou congos, composto pelos guerreiros das suas nações.

A indumentária do grupo é de grande efeito: grandes batas brancas rendadas com realce de fitas coloridas, calças compridas brancas, lenço branco na cabeça sobre o qual se ajeita um gorro de flores e fitas de várias cores. Os reis se destacam pelas coroas revestidas de dourado ou prateado, peitoral com arranjos de flores e espelinhos, capa colorida de damasco e uma longa espada na cinta ou na mão. Os secretários diferem dos congos pelas capas e espadas, de boa presença, mas em plano inferior ao dos seus reis.

O conjunto instrumental não possui instrumento de sopro, apenas pandeiros e chocalhos de lata que se chamam ganzás ou canzás. Um tocador de viola, que não dança nem vate espada, está presente para *dar o tom*, acompanhando o canto dos guerreiros. Sem indumentária definida em outros tempos, veste-se hoje como os demais.

O auto se desenrola tendo como suporte a vaidade e o orgulho dos reis, cada qual preservando e resguardando a sua sabedoria. Entre louvores iniciais a São Benedito, motivo da luta, são entoadas várias estrofes à guisa de loas.

Fatos atuais, temática local, eventos de grande amplitude são expostos em versos, constituindo uma espécie de jornal falado.

No dia da apresentação — final de dezembro — o grupo se reúne na casa de um dos integrantes, faz ligeiro ensaio e parte para o desfile, cantando e dançando. Ao alcançar a praça, todos tomam seus lugares e tem início a embaixada.

O rei Congo envia seu secretário ao rei Bamba, com funções de embaixador a fim de lhe dizer:

*"Vai no trono de reis Bamba
e vai dizê a ele
que a festa de São Benedito
ele não dá de fazê-lo
se acauso ele intimá
grande guerra havemo dá
que, ô ha de morrê tudo
ô São Benedito festejá".*

O secretário desempenha sua missão mas não agrada ao rei Bamba, que o adverte:

*"Sacratário do reis de Congo
muito mal tu foeste aprendido
para dá a sua embaixada
embaixada como se dá a reis
é com palavra amoderada".*

O secretário dá a embaixada dançando e assim continua, quando entra o secretário do rei Bamba que também dança, seguindo-se bater de espadas e embaixada ao rei Congo; daí resulta a guerra do reio Congo, com a participação apenas dos dois reis e seus secretários, cabendo a cantoria aos guerreiros.

Realiza-se depois a segunda guerra, fazendo os congos uma grande roda em torno do quarteto em combate, com insultos em todas as direções. A duração desta parte corresponde ao tempo gasto na passagem dos congos duas vezes diante do viola.

A terceira guerra é de apenas uma volta completa, com muitas lutas, cantos e desaforos, até que Bamba se dá por vencido e pergunta:

"Reis Congos, não abasta de guerra não?"

E ouve a resposta:

*"Para mim não abasta não
mas eu te dou minha mão
e boto no teu coração".*

Aplica o Bamba:

"E também te dô a minha como amigo e como irmão".

Cessam a dança e o canto. É a hora do abraço da paz, da amizade. O rei Bamba, seu secretário e seus congos se tornam cristãos através do batismo, o que é comemorado com os cantos e danças. E todos se preparam para o ticumbi, numa variada movimentação coreográfica, reverências aos reis e a São Benedito, cumprimentos e quadras improvisadas, terminando a representação com a roda grande, formada pelos congos aos pares que, cadenciadamente, em torno da viola, avançam e recuam, ao som de pandeiros e chocalhos.

5.2.2. RELAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES POR MUNICÍPIOS

MANIFESTAÇÕES	MUNICÍPIOS
. Alardo	Conceição da Barra
. Bate-Flecha/Dança da Flecha	Alegre, Divino São Lourenço, Guaçuí, Iúna
. Boi (Boi-Pintado ou Bumba-meu-boi)	Alegre, Atílio Vivácqua, Barra de São Francisco, Bom Jesus do Norte, Cachoeiro de Itapemirim, Divino São Lourenço, Dolores do Rio Preto, Guaçuí, Itaguaçu, Itarana, Iúna, Jerônimo Monteiro, Mantênópolis, Montanha, Mimoso do Sul, Muqui, Pancas, Pinheiro, Presidente Kennedy, Rio Novo do Sul, São Gabriel da Palha, São José do Calçado, São Mateus, Vila Velha.
. Caboclinhos	Barra de São Francisco, Conceição da Barra, Dolores do Rio Preto, Itapemirim, Mantênópolis.
. Casamento Pomerano	Afonso Cláudio, Domingos Martins, Santa Leopoldina
. Capoeira	Baixo Guandu, Castelo, Linhares, Vitória, Vila Velha.
. Caxambu	Alegre, Anchieta, Atílio Vivácqua, Cachoeiro, Castelo, Dolores do Rio Preto, Conceição da Barra, Divino São Lourenço, Guaçuí, Guarapari, Iconha, Itapemirim, Jerônimo Monteiro, Muqui, Presidente Kennedy, São Gabriel da Palha, São Mateus.
. Charola de São Sebastião	Conceição da Barra, Itaguaçu.
. Congado	Alfredo Chaves, Anchieta, Aracruz, Baixo Guandu, Conceição da Barra, Fundão, Guarapari, Ibirapu, Piúma, São Mateus, Serra.

Continua

Continuação

MANIFESTAÇÕES	MUNICÍPIOS
. Congo	Alfredo Chaves, Anchieta, Aracruz, Cariacica, Castelo, Colatina, Conceição da Barra, Fundão, Guarapari, Ibirapu, Linhares, São Mateus, Santa Teresa, Serra, Viana, Vitória.
. Dança do Bastão	Santa Teresa.
. Dança do Cipó	Santa Teresa.
. Dança das Fitas	Anchieta, Conceição do Castelo, Jerônimo Monteiro.
. Dança do Facão	Pancas.
. Dança do Peru	Linhares.
. Festa das Canoas	Itapemirim.
. Festa de Corpus Christi	Castelo, Domingos Martins.
. Folia de Reis	Afonso Cláudio, Alegre, Alfredo Chaves, Apiacá, Aracruz, Atilio Viácqua, Baixo Guandu, Bom Jesus do Norte, Conceição de Castelo, Dorés do Rio Preto, Fundão, Guaçuí, Ibirapu, Itarana, Jerônimo Monteiro, Iúna, Linhares, Mimoso do Sul, Montanha, Mucurici, Muqui, Nova Venécia, Pancas, Piúma, São Gabriel da Palha, São José do Calçado, Santa Teresa, São Mateus, Serra, Viana, Vila Velha.

Continua

Continuação

MANIFESTAÇÕES	MUNICÍPIOS
. Jaraguá	Anchieta.
. Lapinha	Vila Velha.
. Marujá/Marujada	Conceição da Barra, Vila Velha.
. Mineiro-Pau	Cachoeiro de Itapemirim, Castelo, Jerônimo Monteiro, Linhares, Pancas.
. Mulinha	Rio Novo do Sul, Viana.
. Pastorinhas	Conceição da Barra, Mimoso do Sul.
. Quadrilha	Afonso Cláudio, Alfredo Chaves, Alegre, Anchieta, Apicá, Aracruz, Atilio Vivácqua, Baixo Guandu, Barra de São Francisco, Boa Esperança, Bom Jesus do Norte, Cachoeiro de Itapemirim, Caciacica, Colatina, Conceição da Barra, Conceição de Castelo, Dores do Rio Preto, Ecoporanga, Fundão, Guaçuí, Guarapari, Ibirapu, Iconha, Itaguaçu, Itarana, Iúna, Jerônimo Monteiro, Mantenópolis, Mimoso do Sul, Nova Venécia, Muqui, Muniz Freire, Mucurici, Montanha, Pancas, Pinheiros, Piuma, Presidente Kennedy, Rio Novo do Sul, Santa Teresa, São Gabriel da Palha, São José do Calçado, Vila Velha, Serra, Vitória, Viana.
. Reisado	Vila Velha.
. Reis-de-boi	Conceição da Barra, São Mateus.
. Rolar dos Ovos	Marilândia

Continua

Continuação

MANIFESTAÇÕES	MUNICÍPIOS
. Terno de Réis	Iconha, São Mateus.
. Ticumbi	Conceição da Barra.
. Vaquejada	Ecoporanga, Montanha, Mucurici, Pinheiro.

5.2.3. GRUPOS EXISTENTES POR MUNICÍPIOS

AFONSO CLÁUDIO

NOME DO GRUPO: **Batalhões dos Reis**

MANIFESTAÇÕES: Folia de Reis

MESTRE: José Marcelino da Silva

ANO DE CRIAÇÃO: 1952

LOCALIDADE: São Jorge - Ibicaba

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12 a 06/01

ALEGRE

NOME DO GRUPO: **Campo Flecheiro**
MANIFESTAÇÃO: Bate-Flechas
MESTRE: Cedino José Joventino da Silva
ANO DE CRIAÇÃO: 1900
LOCALIDADE: Anutiba
DATA DE APRESENTAÇÃO: 10/08

NOME DO GRUPO: **Campo Flecheiro**
MANIFESTAÇÃO: Bate-Flechas
MESTRE: Maria do Carmo Moraes
ANO DE CRIAÇÃO: 1973

MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho
MESTRE: Alberto Rizi
ANO DE CRIAÇÃO: 1967
LOCALIDADE: Santa Marta
DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/06

MANIFESTAÇÃO: **Boi Pintadinho**
MESTRE: Alcebíades de Azevedo
ANO DE CRIAÇÃO: 1957
LOCAL: Rive
DATA DE APRESENTAÇÃO: 15/08

MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho
MESTRE: Antônio Bragança
ANO DE CRIAÇÃO: 1966
LOCAL: Araraí

MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho
MESTRE: Cazuza José da Silva
ANO DE CRIAÇÃO: 1952
LOCAL: Sobreira
DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/06

MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho
MESTRE: Maria do Carmo Moraes
ANO DE CRIAÇÃO: 1960
LOCAL: Santa Angélica

MANIFESTAÇÃO: Caxambu
MESTRE: Antônio Bragança
ANO DE CRIAÇÃO: 1966
LOCAL: Araraí

MANIFESTAÇÃO: Caxambu
MESTRE: Conceição Campos
ANO DE CRIAÇÃO: 1920
DATA DE APRESENTAÇÃO: Época de festas

MANIFESTAÇÃO: Jongo
VERBETE: Caxambu
MESTRE: Francisco Moura
ANO DE CRIAÇÃO: 1972
LOCAL: Vila do Café
DATA DE APRESENTAÇÃO: Festas juninas e outras

MANIFESTAÇÃO: Charola de São Sebastião
MESTRE: Cristina Maria Amaral
ANO DE CRIAÇÃO: 1937
LOCAL: Araraí
DATA DE APRESENTAÇÃO: 06/01

MANIFESTAÇÃO: Charola de São Sebastião
MESTRE: Doralina Guamoni do Nascimento
ANO DE CRIAÇÃO: 1932
LOCAL: Vale do Café
DATA DE APRESENTAÇÃO: 07/01

NOME DO GRUPO: **Charola do Disidério**
MANIFESTAÇÃO: Charola de São Sebastião
MESTRE: João A. Campos Ferreira
ANO DE CRIAÇÃO: 1969
LOCAL: Ibitirama
DATA DE APRESENTAÇÃO: 27/12 a 20/01

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: Custódio Gregório do Nascimento
ANO DE CRIAÇÃO: 1940
LOCAL: Celina
DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: Antônio Gomes de Souza
ANO DE CRIAÇÃO: 1857
LOCAL: Varjão do Norte
DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12 a 06/01

NOME DO GRUPO: **Folia do Mestre Bagunça**
MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: Antônio Rodrigues Barbosa
ANO DE CRIAÇÃO: 1966
LOCAL: Vale do Café
DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: Doralina Guasmoní do Nascimento
ANO DE CRIAÇÃO: 1932
LOCAL: Vila do Café
DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12

NOME DO GRUPO: **Folia de Pedro Nazário**
MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: Pedro Fernandes Moreira
ANO DE CRIAÇÃO: 1975
LOCAL: Córrego Malacacheta
DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: Sebastião Moraes
ANO DE CRIAÇÃO: 1949
LOCAL: Santa Angélica
DATA DE APRESENTAÇÃO: Ciclo natalino

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: Júlio Martins de Souza
ANO DE CRIAÇÃO: 1969
DATA DE APRESENTAÇÃO: 01/01 a 06/01

ALFREDO CHAVES

NOME DO GRUPO: **Barracão de São Sebastião**

MANIFESTAÇÃO: Congos

MESTRE: Ivo Pereira

ANO DE CRIAÇÃO: 1900

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/09

ANCHIETA

MANIFESTAÇÃO: Jongo

VERBETE: Caxambu

MESTRE: Pedro Camilo

ANO DE CRIAÇÃO: Há mais de 50 anos

DATA DE APRESENTAÇÃO: 27/12

MANIFESTAÇÃO: Jaraguá

DATA DE APRESENTAÇÃO: 20/12

NOME DO GRUPO: **São Sebastião**

MANIFESTAÇÃO: Congo

MESTRE: Valentim Manoel dos Santos

ANO DE CRIAÇÃO: 1955

LOCAL: São Mateus

DATA DE APRESENTAÇÃO: Época de festas

APIACÁ

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12 a 06/01

ARACRUZ

NOME DO GRUPO: **Banda de Congo de São Benedito do Rosário**

MANIFESTAÇÃO: Congo

MESTRE: Alcineu Pinto Leal

ANO DE CRIAÇÃO: 1925

LOCAL: Vila do Riacho

DATA DE APRESENTAÇÃO: 27/12

NOME DO GRUPO: **Congo de Caieira Velha**

MANIFESTAÇÃO: Congo

MESTRE: Alexandre Sesenanda

ANO DE CRIAÇÃO: 1935

LOCAL: Vila Caieira Velha

DATA DE APRESENTAÇÃO: 26/11

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: - 08 triângulos, 08 reco-recos, 01 chocalho,
01 triângulo, 01 cuíca, 01 caixa, 01 pandeiro,
01 bumbo e 01 estandarte.

NOME DO GRUPO: **Congada de São Sebastião**

MANIFESTAÇÃO: Congo

MESTRE: Ricardo Soares Neto

ANO DE CRIAÇÃO: 1970

LOCAL: Guaraná

DATA DE APRESENTAÇÃO: Festas juninas e natalinas

NOME DO GRUPO: **Congo de Ribeirão do Meio**

MANIFESTAÇÃO: Congo

MESTRE: Sebastião Luiz Ribeiro

ANO DE CRIAÇÃO: 1974

LOCAL: Ribeirão do Meio

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12

NOME DO GRUPO: **Arraiá da Fazenda**

MANIFESTAÇÃO: Quadriilha

MESTRE: Paulo Roberto Peruchi

ANO DE CRIAÇÃO: 1971

LOCAL: Ribeirão do Meio

NOME DO GRUPO: **Banda de Congo Luzes do Arco-Ires**

RESPONSÁVEL: José Maria Coutinho

LOCAL: Barra do Riacho

DATA DE APRESENTAÇÃO: 31/08/80

NOME DO GRUPO: **Banda de Congo Barra do Riacho**

RESPONSÁVEL: José Maria Coutinho

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: - 07 tambores, 06 reco-recos, 01 chocalho,
01 triângulo, cuíca, bumbo, 02 caixas, 02 pan
deiros e 02 estandartes.

UNIDADE/CORES: Amarelo, azul e branco

QUANTIDADE DE PESSOAS: 30 homens, 19 mulheres

LOCAL: Barra do Riacho

DATA DE FUNDAÇÃO: Surgido originalmente da Banda de Congo de São Sebas
tião. Atualmente é ligada ao Departamento Cultural da
Associação Comunitária de Barra do Riacho.

NOME DO GRUPO: **Banda de Congo São Sebastião de Caieiras Velha**

RESPONSÁVEL: Alexandre Sezenando

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: - 10 tambores, 02 caixas, 09 reco-recos, 01 tri
ângulo, 01 cuíca, 01 bastão, 01 apito, 01 es
tandarte de São Benedito.

UNIFORME/CORES: Rosa, branco e verde

QUANTIDADE DE PESSOAS: 36 homens, 18 mulheres e 4 crianças

DATA DE APRESENTAÇÃO: junho/dezembro/janeiro

LOCAL: Caieiras Velha

DATA DE FUNDAÇÃO: A banda de congo foi fundada em 1930, sendo os primei
ros chefes Alexandre Capitão, Leopoldino Benedito e Ma
noel Francisco.

ATÍLIO VIVACQUA

NOME DO GRUPO: **Bloco do Sujo**
MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho
VERBETE: Boi
MESTRE: Moacir de Souza
ANO DE CRIAÇÃO: 1974
LOCAL: Praça Oriente
DATA DE APRESENTAÇÃO: Carnaval

NOME DO GRUPO: **Estrela do Oriente**
MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: Antônio Almeida Magalhães
ANO DE CRIAÇÃO: 1959
LOCAL: Praça Oriente
DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12

NOME DO GRUPO: **Estrela do Oriente**
MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: João Joaquim Caridade
ANO DE CRIAÇÃO: 1969
LOCAL: Três Tombos
DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12

NOME DO GRUPO: **Estrela Dalva**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Miguel Leôncio Gomes

ANO DE CRIAÇÃO: 1967

DATA DE APRESENTAÇÃO: ciclo natalino

BAIXO GUANDU

NOME DO GRUPO: **Folia de Reis do Km 4 do Mutum**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: José Barbosa Filho

ANO DE CRIAÇÃO: 1937

LOCAL: Km 4 - Vila Km4

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12 a 06/01

BARRA DE SÃO FRANCISCO

NOME DO GRUPO: **Folia de São Sebastião**

MANIFESTAÇÃO: Charola de São Sebastião

MESTRE: Sebastião Nascimento

ANO DE CRIAÇÃO: 1970

LOCAL: Distrito de Paulista

DATA DE APRESENTAÇÃO: 11/01 a 20/01

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Sebastião Nascimento

ANO DE CRIAÇÃO: 1970

LOCAL: Distrito de Paulista

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12 a 06/01

BOM JESUS DO NORTE

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: José Luis Felipe

ANO DE CRIAÇÃO: 1963

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12

NOME DO GRUPO: **São Sebastião**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Fernando Amaral

ANO DE CRIAÇÃO: 1963

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12

CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM

NOME DO GRUPO: **Mulinha do Dico**

MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho

MESTRE: Adil Ferreira

ANO DE CRIAÇÃO: 1966

LOCAL: Saturno

NOME DO GRUPO: **Foliões**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Constâncio Dardengo

ANO DE CRIAÇÃO: 1973

LOCAL: Jacu

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Folião

ANO DE CRIAÇÃO: 1969

LOCAL: Burarama

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12

NOME DO GRUPO: **Estrela Guia**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: José Camilo

ANO DE CRIAÇÃO: 1967

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12 a 20/01

NOME DO GRUPO: **Os Três Reis do Oriente**
MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: José Ribeiro Augusto de Souza
ANO DE CRIAÇÃO: 1969
LOCAL: Conduru
DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12

NOME DO GRUPO: **Foliões**
MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: Salatiel Francisco da Silva
ANO DE CRIAÇÃO: 1956
DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12 a 25/01

MANIFESTAÇÃO: Caxambu
MESTRE: Nelson Venture
LOCAL: Monte Alegre

NOME DO GRUPO: **Tambor**
MANIFESTAÇÃO: Caxambu
MESTRE: Salatiel Francisco da Silva
ANO DE CRIAÇÃO: 1967
DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/06

NOME DO GRUPO: **Tambor**
MANIFESTAÇÃO: Caxambu
MESTRE: Zacarias Milano da Silva
ANO DE FABRICAÇÃO: 1967
LOCAL: Pacotuba

MANIFESTAÇÃO: Mineiro-Pau
MESTRE: Sebastião de O. Martins
ANO DE CRIAÇÃO: 1950
LOCAL: Pedra Lisa

MANIFESTAÇÃO: Mineiro-Pau
MESTRE: Sebastião Valeriano
ANO DE CRIAÇÃO: 1976

MANIFESTAÇÃO: Quadrilha
MESTRE: Antônio Santos Ravera
ANO DE CRIAÇÃO: 1973
LOCAL: Bom Jardim

NOME DO GRUPO: **Associação de Capoeira Clube Senzala**
RESPONSÁVEL: Luiz Paulo Nunes Lima
INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Berimbau, pandeiro, atabaque, facões e bastões.
UNIFORME/COR: Branco
QUANTIDADE DE PESSOAS: 30 homens, 5 mulheres e 5 crianças
DATA DE FUNDAÇÃO: 10/03/87

MANIFESTAÇÃO: Quadrilha
MESTRE: João Batista Martins
LOCAL: Cachoeirinha
DATA DE APRESENTAÇÃO: Junho

NOME DO GRUPO: **Quadrilha Bairro São Geraldo**
MANIFESTAÇÃO: Quadrilha
MESTRE: Roque Correa Romildo Calista
ANO DE CRIAÇÃO: 1968

CARIACICA

NOME DO GRUPO: **Banda de Congo São Sebastião de Taquaruçu**

MANIFESTAÇÃO: Congo

MESTRE: Domingos Ferreira

ANO DE CRIAÇÃO: 1968

LOCAL: Taquaruçu

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12, festa de São Sebastião e festa junina

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Tambores de barris, caixa, reco-reco, chocalho, triângulo, cuícas, 01 estandarte e 01 apito para o capitão da banda.

UNIFORME/COR: Amarelo

QUANTIDADE DE PESSOAS: 19 homens, 16 mulheres e 07 crianças

NOME DO GRUPO: **Grupo de Congo**

MANIFESTAÇÃO: Congo

MESTRE: João dos Santos

ANO DE CRIAÇÃO: 1970

LOCAL: Porto de Cariacica

DATA DE APRESENTAÇÃO: 20/01 a 24/06

CASTELO

NOME DO GRUPO: **Grupo de Ataíde**

MANIFESTAÇÃO: Caxambu

MESTRE: Altair Augusto

ANO DE CRIAÇÃO: 1977

LOCAL: Esplanada

DATA DE APRESENTAÇÃO: 13/06

MANIFESTAÇÃO: Caxambu

MESTRE: Antônio J. Herculano da Costa

LOCAL: Santo Antônio

DATA DE APRESENTAÇÃO: Junho, setembro e outubro

MANIFESTAÇÃO: Congos

MESTRE: Laudino Vicente Pereira

ANO DE CRIAÇÃO: 1942

LOCAL: Novo Brasil

DATA DE APRESENTAÇÃO: 26/12

NOME DO GRUPO: **Folia de Araçuí**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Manuel Silvano

ANO DE CRIAÇÃO: 1973

LOCAL: Araçuí

NOME DO GRUPO: **Folia de Araçuí**
MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: Adriano de Souza
ANO DE CRIAÇÃO: 1974
LOCAL: Araçuí
DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12 a 20/01

NOME DO GRUPO: **Folia de São Cristóvão**
MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: Jair Tomaz de Souza
ANO DE CRIAÇÃO: 1972
LOCAL: São Cristóvão
DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12 a 02/02

NOME DO GRUPO: **Folia de Reis**
MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: José Carlos Reis
ANO DE CRIAÇÃO: 1974
LOCAL: Fazenda da Prata
DATA DE APRESENTAÇÃO: Dezembro a 20/01

NOME DO GRUPO: **Folia de Santa Clara**
MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: José Carneiro Alves
ANO DE CRIAÇÃO: 1950
LOCAL: Santa Clara
LOCAL DE APRESENTAÇÃO: 25/12 a 20/01

NOME DO GRUPO: **Grupo de Água Limpa**
MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: José Fernandes
ANO DE CRIAÇÃO: 1972
LOCAL: Água Limpa
DATA DE APRESENTAÇÃO: 06 a 20/01 e 25/01

NOME DO GRUPO: **Folia de São Roque**
MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: Joventino Ferreira Campos
ANO DE CRIAÇÃO: 1958
DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12

NOME DO GRUPO: **Folia do Pontões**
MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: Valdevino Zuin
ANO DE CRIAÇÃO: 1965
LOCAL: Pontões
DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12

CONCEIÇÃO DA BARRA

NOME DO GRUPO: **Alardo de São Sebastião Mouro**

MANIFESTAÇÃO: Alardo

MESTRE: Bianor Vieira Graça

DATA DE APRESENTAÇÃO: 20/01

NOME DO GRUPO: **Alardo de Santana**

MANIFESTAÇÃO: Alardo

MESTRE: Manuel Francisco da Silva

ANO DE CRIAÇÃO: 1953

DATA DE APRESENTAÇÃO: 19/01

NOME DO GRUPO: **Baile de São Benedito**

MANIFESTAÇÃO: Congada

MESTRE: Pulsério Alves dos Santos

ANO DE CRIAÇÃO: 1922

LOCAL: Itaúnas

DATA DE APRESENTAÇÃO: 20/01

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: João dos Santos

ANO DE CRIAÇÃO: 1969

LOCAL: São Sebastião do Norte

DATA DE APRESENTAÇÃO: 06/01

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: José Passos

ANO DE CRIAÇÃO: 1967

LOCAL: Dois Irmãos

DATA DE APRESENTAÇÃO: 04/01

MANIFESTAÇÃO: Pastorinhas
MESTRE: Aldina Serra Daher
ANO DE CRIAÇÃO: 1880
DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12

MANIFESTAÇÃO: Reis-de-Boi
MESTRE: Benedito Guilherme
ANO DE CRIAÇÃO: 1973
LOCAL: Santana
DATA DE APRESENTAÇÃO: 06/01

MANIFESTAÇÃO: Reis-de-Boi
MESTRE: Francisco Gonçalves
ANO DE CRIAÇÃO: 1973
LOCAL: Santana
DATA DE APRESENTAÇÃO: 06/01

MANIFESTAÇÃO: Reis-de-Boi
MESTRE: João Bento de Castro
ANO DE CRIAÇÃO: 1973
LOCAL: Barreiras
DATA DE APRESENTAÇÃO: 06/01

MANIFESTAÇÃO: Reis-de-Boi
MESTRE: Manuel Francisco da Silva
ANO DE CRIAÇÃO: 1953
DATA DE APRESENTAÇÃO: 04/01

MANIFESTAÇÃO: Reis-de-Boi
MESTRE: Pedro Correia
ANO DE CRIAÇÃO: 1973
LOCAL: Mamoeiro
DATA DE APRESENTAÇÃO: 04/01

MANIFESTAÇÃO: Ticumbi
MESTRE: Teortolino Balbino
DATA DE APRESENTAÇÃO: 01/01

NOME DO GRUPO: **Batuque de Taquaras**
MANIFESTAÇÃO: Batuque
VERBETE: Caxambu
MESTRE: João Pereira da Silva
ANO DE CRIAÇÃO: 1972
LOCAL: Taquaras
DATA DE APRESENTAÇÃO: 23/06

CONCEIÇÃO DE CASTELO

MANIFESTAÇÃO: Dança das Fitas

MESTRE: Vitor Targa

ANO DE CRIAÇÃO: 1960

LOCAL: Venda Nova

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/06

NOME DO GRUPO: **Grupo de Quadrilha de Santa Luzia**

MANIFESTAÇÃO: Quadrilha

MESTRE: Domingo Dorcelino Bravin

ANO DE CRIAÇÃO: 1971

LOCAL: Santa Luzia

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/06

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Estevo Botacini

ANO DE CRIAÇÃO: 1966

LOCAL: Indaiá

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12 a 06/01

DIVINO DE SÃO LOURENÇO

MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho

MESTRE: José Maria Gonçalves

ANO DE CRIAÇÃO: 1957

DATA DE APRESENTAÇÃO: Época de festas

MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho

VERBETE: Boi

MESTRE: Josino Rodrigues

ANO DE CRIAÇÃO: 1953

DATA DE APRESENTAÇÃO: Época de festas

DORES DO RIO PRETO

MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho
MESTRE: Francisco Moreira Nunes
DATA DE APRESENTAÇÃO: Junho e julho

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: Ataíde Alves Ferreira
LOCAL: Cachoeirinha Alegre
DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12 a 04/02

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: Paulinho Paiva Sobrinho
ANO DE CRIAÇÃO: 1929
LOCAL: Fazenda Santa Rita
DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12

MANIFESTAÇÃO: Caxambu
MESTRE: Ataíde Alves Ferreira
LOCAL: Cachoeira Alegre
DATA DE APRESENTAÇÃO: Festas juninas

FUNDÃO

NOME DO GRUPO: **Bandeira I**

MANIFESTAÇÃO: Congos

MESTRE: Juaci Barcelos

LOCAL: Timbui

DATA DE APRESENTAÇÃO: 8, 30 e 31/12 e 01/01

NOME DO GRUPO: **Banda Estrela do Norte**

MANIFESTAÇÃO: Congos

MESTRE: Antônio Piske

ANO DE CRIAÇÃO: Cerca de 1952

LOCAL: Fazenda Irundi

DATA DE APRESENTAÇÃO: 20/01

NOME DO GRUPO: **Banda de Congo São Benedito de Timbuí**

RESPONSÁVEIS: João Benedito Lazarde

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: - 15 tambores, 10 reco-recos, 02 chocalhos,
01 triângulo, 01 cuíca, 01 bumbo, 01 caixa,
01 pandeiro, 03 estandartes

UNIFORME/CORES: Azul e branco

QUANTIDADE DE PESSOAS: 37 homens, 32 mulheres e 05 crianças

DATA DE APRESENTAÇÃO: Festejo de São Benedito e eventos cívicos

NOME DO GRUPO: **Banda de Congo Mirim de Timbuí**

RESPONSÁVEL: Flávio Lima

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: - 06 tambores, 06 reco-recos, 01 chocalho, 01 tri-
ângulo, 01 cuíca, 01 bumbo, 01 caixa, 01 pan-
deiro e 01 estandarte.

UNIFORME/CORES: Vermelho, verde e branco

QUANTIDADE DE PESSOAS: 20 homens e 20 crianças

LOCAL: Timbuí

OUTRAS APRESENTAÇÕES: Composta por crianças na faixa etária de 09 a 14 anos de idade.

NOME DO GRUPO: **Folgadores**

MANIFESTAÇÃO: Congos

MESTRE: Lourenço Rodrigues dos Santos

ANO DE CRIAÇÃO: 1957

DATA DE APRESENTAÇÃO: 20/01

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Romancina Carvalho Vieira

ANO DE CRIAÇÃO: 1922

DATA DE APRESENTAÇÃO: 06/01 a 20/01

GUAÇUÍ

NOME DO GRUPO: **Boi Pintadinho do Galho**

MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho

MESTRE: Jorge Soares

ANO DE CRIAÇÃO: 1973

MANIFESTAÇÃO: Charola de São Sebastião

MESTRE: José Paulino da Silva

ANO DE CRIAÇÃO: 1937

LOCAL: Fazenda Barro Branco

DATA DE APRESENTAÇÃO: 06/01 a 20/01

NOME DO GRUPO: **Grupo de São João Batista**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: José Paulino da Silva

ANO DE CRIAÇÃO: 1937

LOCAL: Fazenda Barro Branco

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/01 e 06/01

MANIFESTAÇÃO: Dança das Flechas

VERBETE: Bate-Flechas

MESTRE: José Paulino da Silva

ANO DE CRIAÇÃO: 1937

LOCAL: Fazenda do Barro Branco

NOME DO GRUPO: **Caxambu da Grotta**

MANIFESTAÇÃO: Caxambu

MESTRE: Eurides Sebastião Ferreira

ANO DE CRIAÇÃO: 1947

LOCAL: Fazenda da Grotta

NOME DO GRUPO: **Quadrilha do Chapadão**

MANIFESTAÇÃO: Quadrilha

MESTRE: Guiomar Soares de Azevedo

ANO DE CRIAÇÃO: 1935

LOCAL: Fazenda Cachoeira Alta

DATA DE APRESENTAÇÃO: Julho

GUARAPARI

MANIFESTAÇÃO: Jongo

VERBETE: Caxambu

MESTRE: Joaquim Pereira da Silva

ANO DE CRIAÇÃO: 1976

LOCAL: Kubitschek

NOME DO GRUPO: **Banda de Congos de São Benedito**

MANIFESTAÇÃO: Congos

MESTRE: Joaquim Rosa de Oliveira

ANO DE CRIAÇÃO: Cerca de 1967

LOCAL: Alto Rio Calçado

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12

IBIRAÇU

NOME DO GRUPO: **Congo da Estrela**

MANIFESTAÇÃO: Congos

MESTRE: Cândido Marins Barreto

LOCAL: João Neiva

NOME DO GRUPO: **Congo de São Benedito de Acioli**

MANIFESTAÇÃO: Congada

MESTRE: Alfredo Fernandes Furtado

ANO DE CRIAÇÃO: 1927

LOCAL: Acioli

DATA DE APRESENTAÇÃO: Festa de São Benedito

NOME DO GRUPO: **Congo de São Benedito**

MANIFESTAÇÃO: Congada

MESTRE: Narseu de Paiva Filho

DATA DE APRESENTAÇÃO: Festa de São Benedito

ICONHA

MANIFESTAÇÃO: Jongo

VERBETE: Caxambu

MESTRE: Geovani Fernandes

ITAPEMIRIM

NOME DO GRUPO: **Jongueiro**

MANIFESTAÇÃO: Jongo

VERBETE: Caxambu

MESTRE: Raulino Nazaré

LOCAL: Rua P. Leandro

ITARANA

NOME DO GRUPO: **Bloco Boi Janeiro**

MANIFESTAÇÃO: Boi Janeiro

VERBETE: Boi

MESTRE: Sebastião Ferreira

ANO DE CRIAÇÃO: 1944

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12

NOME DO GRUPO: **Folheiros**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Pedro Bastos

ANO DE CRIAÇÃO: 1941

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12

IÚNA

NOME DO GRUPO: **Boi Pintadinho e Mulinha**

MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho

MESTRE: Jony de Oliveira

ANO DE CRIAÇÃO: 1968

LOCAL: Pequiá

DATA DE APRESENTAÇÃO: 20/02

NOME DO GRUPO: **Boi Pintadinho e Mulinha**

MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho

MESTRE: Romeu Rios

DATA DE APRESENTAÇÃO: 20/02

IBATIBA

NOME DO GRUPO: **São Sebastião e Santos Reis**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Antônio Silvério Neto

ANO DE CRIAÇÃO: 1966

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12 a 06/01

JERÔNIMO MONTEIRO

MESTRE: Alcibíades de Oliveira

ANO DE CRIAÇÃO: 1959

LOCAL: Fazenda Boa Sorte

DATA DE APRESENTAÇÃO: 30/07

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Neri Nantes

ANO DE CRIAÇÃO: 1973

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12

MANIFESTAÇÃO: Caxambu

MANIFESTAÇÃO: Dança das Fitas

MESTRE: Gil Antônio Fontoura

ANO DE CRIAÇÃO: 1962

DATA DE APRESENTAÇÃO: 13/06

MANIFESTAÇÃO: Mineiro-Pau

MESTRE: Francisco Lourenço de Freitas

ANO DE CRIAÇÃO: 1947

LOCAL: Fazenda Santa Joana

NOME DO GRUPO: **Mineirinho Pau da Juventude Capixaba**

MANIFESTAÇÃO: Mineiro Pau

MESTRE: Hélio Constantino da Silva

ANO DE CRIAÇÃO: 1975

LOCAL: Sítio Grande

DATA DE APRESENTAÇÃO: 02/07

MANIFESTAÇÃO: Quadrilha
MESTRE: Maria do Carmo Gomes
ANO DE CRIAÇÃO: 1972
LOCAL: Fazenda Boa Sorte
DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/06

LINHARES

MANIFESTAÇÃO: Congos
 MESTRE: Manoel Correa Silva
 ANO DE CRIAÇÃO: 1902
 LOCAL: Distrito de Regência
 DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/11

MANIFESTAÇÃO: Congos
 MESTRE: Mário Santos
 LOCAL: Vila Guaci
 DATA DE APRESENTAÇÃO: 26/12 e 06/01

MANIFESTAÇÃO: Congos
 MESTRE: Mateus Correa
 ANO DE CRIAÇÃO: 1973
 LOCAL: Rio Doce
 DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12

NOME DO GRUPO: **Congo de São Benedito e Santa Catarina**

RESPONSÁVEL: Sabino Bispo de Oliveira

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Tambor e reco-reco

UNIFORME/COR: Azul, verde e branco - sapato preto

QUANTIDADE DE PESSOAS: 18 homens, 13 mulheres e 05 crianças; 12 homens usam roupas iguais, o presidente e o capitão usam uma farda diferente dos demais, na cor branca. Todos usam quepes brancos, exceto o capitão, que usa de cor azul.

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12

LOCAL: Regência

MANIFESTAÇÃO: Mineiro-Pau

MESTRE: Afonso Matedi

ANO DE CRIAÇÃO: 1975

LOCAL: Fazenda Matedi

MANIFESTAÇÃO: Quadrilha

MESTRE: Antônio Natal Bissoli

ANO DE CRIAÇÃO: 1973

LOCAL: Japire

DATA DE APRESENTAÇÃO: Junho e julho

MANIFESTAÇÃO: Quadrilha

MESTRE: Mariê do Campo Sipoletti

ANO DE CRIAÇÃO: 1974

DATA DE APRESENTAÇÃO: Junho e julho

NOME DO GRUPO: **Associação de Capoeira Descendente de Pantera**

RESPONSÁVEL: Luiz Mauro Pinheiro Souza

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: 03 berimbaus, 01 atabaque, 02 pandeiros

UNIFORME/COR: Branca

QUANTIDADE DE PESSOAS: 30 homens, 05 mulheres e 05 crianças

ANO DE CRIAÇÃO: Fundado em Linhares em 1985

MANTENÓPOLIS

MANIFESTAÇÕES: Boi Pintadinho

VERBETE: Boi

MESTRE: Arlindo Alfredo Cabral

ANO DE CRIAÇÃO: 1974

LOCAL: Fazenda Alegria

DATA DE APRESENTAÇÃO: 20/01

MANIFESTAÇÃO: Caboclinhos

MESTRE: Alcendino Joaquim de Souza

ANO DE CRIAÇÃO: 1965

LOCAL: Fazenda Estrela

DATA DE APRESENTAÇÃO: 20/01

MIMOSO DO SUL

MANIFESTAÇÕES: Boi Pintadinho

VERBETE: Boi

MESTRE: Jusué Setime

ANO DE CRIAÇÃO : 1967

LOCAL: São Pedro de Itabapoana

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/06

MANIFESTAÇÃO: Quadrilha

MESTRE: Vera Maria Barbosa Stein

ANO DE CRIAÇÃO: 1960

LOCAL: Distrito de São Rafael

DATA DE APRESENTAÇÃO: Junho e julho

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Arlindo Monteiro

ANO DE CRIAÇÃO: 1967

LOCAL: Córrego Brei

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Osvaldo Ferreira leite

LOCAL: Povoação Rio Doce

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12 a 06/01 e 20/01

MANIFESTAÇÃO: Pastorinhas

MESTRE: Sônia Maria Amado Vivas

ANO DE CRIAÇÃO: 1965

LOCAL: Santo Antônio do Muqui

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12

MUNIZ FREIRE

MANIFESTAÇÃO: Quadrilha

MESTRE: Joel Cogo

ANO DE CRIAÇÃO: 1920

LOCAL: Vila São Pedro

DATA DE APRESENTAÇÃO: 29/06

MUQUI

MANIFESTAÇÃO: Caxambu

MESTRE: Marlene da Conceição Ferreira

ANO DE CRIAÇÃO: 1974

DATA DE APRESENTAÇÃO: Festas juninas

MANIFESTAÇÃO: Paraguá

RESPONSÁVEL: Paulo Roberto Vicente (Bitu)

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Tarol, surdo, pandeiro, chocalho, tambor, repini
que, cuíca.

QUANTIDADE DE PESSOAS: 08 homens, 45 mulheres e 15 crianças

DATA DE APRESENTAÇÃO: Carnaval

HISTÓRICO: Começou em 1985. Identificação do Jaraguá: corpo de gente,
cabeça de animal com 6 metros de altura.

NOME DO GRUPO: **Túnica do Cupido**

MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho (Enzambuado)

RESPONSÁVEL: Elvio Gaspar Vieira Machado

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Sonfona de 8 baixos, cavaquinho, surdo, repini
que, tamborim, pandeiro, chocalho, boca de sapo.

QUANTIDADE DE PESSOAS: 30 homens, 20 mulheres e 10 crianças

DATA DE APRESENTAÇÃO: Carnaval e festas folclóricas

HISTÓRICO: Criado em 1985

NOME DO GRUPO: **Boi Maiado da Fazenda de São Francisco**

RESPONSÁVEL: Atílio Mateus Gonçalves (Bijoca)

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Surdo, tarol, pandeiro, triângulo, bumbo, choca
lho

UNIFORME/CORES: Vermelho e branco, preto e branco

QUANTIDADE DE PESSOAS: 22

DATA DE APRESENTAÇÃO: Carnaval e festas folclóricas

HISTÓRICO: Formado em 1968

NOME DO GRUPO: **Folia de Reis Estrela do Mar**

RESPONSÁVEL: Rafael Vicente

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Caixa, bumbo, chocalho, sonfona de 8 baixos, viola, cavaquinho

UNIFORME/CORES: Amarelo e azul

QUANTIDADE DE PESSOAS: 15 homens, 06 mulheres e 20 crianças. A folia tem 02 palhaços que pulam sobre cacos de vidros e brincam com facas sem se machucarem.

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12

ANO DE CRIAÇÃO: Foi formado em 1982 por Rafael Vicente.

NOME DO GRUPO: **Flagelado - Boi de Duas Cabeças**

RESPONSÁVEL: Elson Moreira da Silva

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Surdo, caixa, tamborim, chocalho, tarol e reco-reco

UNIFORME/CORES: Malhado, vermelho e branco

QUANTIDADE DE PESSOAS: 17 homens, 10 mulheres e 15 crianças

DATA DE APRESENTAÇÃO: Carnaval

ANO DE CRIAÇÃO: Formado em 1985

NOME DO GRUPO: **Grupo da Serraria**

MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho

VERBETE: Boi

MESTRE: Atílio Mateus Gonçalves

ANO DE CRIAÇÃO: 1969

DATA DE APRESENTAÇÃO: Carnaval

NOME DO GRUPO: **Boi Malhado**

MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho

VERBETE: Boi

MESTRE: Sebastião Tomas Martins

DATA DE APRESENTAÇÃO: Carnaval

NOME DO GRUPO: **Estrela do Oriente e Estrela do Mar**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: João Cassimiro

LOCAL: Fazenda Sabiá

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12 a 06/01

NOME DO GRUPO: **Folia de São Domingos**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: José Ribeiro de Assis

ANO DE CRIAÇÃO: 1962

LOCAL: Fazenda São Domingos

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12

NOME DO GRUPO: **Estrela do Norte**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Paulo Mena Barreto

ANO DE CRIAÇÃO: 1975

LOCAL: Fazenda Macedônia

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12 a 06/01

NOME DO GRUPO: **Estrela do Mar ou Estrela do Oriente**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Sebastião Tomas Martins

DATA DA APRESENTAÇÃO: 24/12

NOVA VENÉCIA

NOME DO GRUPO: **Folia de Três Reis**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Silvio Rodrigues de Oliveira

ANO DE CRIAÇÃO: 1947

DATA DA APRESENTAÇÃO: 20/01

PANCAS

MANIFESTAÇÃO: Mineiro Pau

MESTRE: José Neto

ANO DE CRIAÇÃO: 1973

LOCAL: Vila Verde

MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho

VERBETE: Boi

MESTRE: José Alves Ribeiro

ANO DE CRIAÇÃO: 1973

LOCAL: Vila Verde

DATA DA APRESENTAÇÃO: Indeterminada

MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho

VERBETE: Boi

MESTRE: Pedro Lima Ferraz

ANO DE CRIAÇÃO: 1919

DATA DE APRESENTAÇÃO: Sábado de aleluia

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Antônio Alves

ANO DE CRIAÇÃO: 1971

LOCAL: Córrego Paranazinho

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12 a 06/01

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Cecília de Matos Franklin

ANO DE CRIAÇÃO: 1918

LOCAL: Barra do Rio Novo

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: José Luis do Nascimento
ANO DE CRIAÇÃO: 1973
LOCAL: Vila de Laginha
DATA DE APRESENTAÇÃO: 20/01

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis
MESTRE: Pedro Lima Ferraz
ANO DE CRIAÇÃO: 1919
LOCAL: São José Pequeno
DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12

PINHEIROS

MANIFESTAÇÃO: Bumba-meu-boi

VERBETE: Boi

MESTRE: Ana Maria Gallette

ANO DE CRIAÇÃO: 1972

DATA DE APRESENTAÇÃO: 22/08

PIUMA

MANIFESTAÇÃO: Quadrilha

MESTRE: Glícia da Penha

ANO DE CRIAÇÃO: 1961

DATA DE APRESENTAÇÃO: 29/06

NOME DO GRUPO: **Reis**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Hemirena Nunes Carneiro

ANO DE CRIAÇÃO: 1950

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12

PRESIDENE KENNEDY

NOME DO GRUPO: **Boi Pintadinho de Dona Genelice**

MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho

VERBETE: Boi

MESTRE: Gemelice da Silva

ANO DE CRIAÇÃO: 1976

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/06

NOME DO GRUPO: **Boi Pintadinho da Fazendinha**

MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho

VERBETE: Boi

MESTRE: Manoel Barbosa

ANO DE CRIAÇÃO: 1967

LOCAL: Córrego da Fazendinha

DATA DE APRESENTAÇÃO: 13/05

NOME DO GRUPO: **Boi Pintadinho de São Bento**

MANIFESTAÇÃO: Boi Pintadinho

VERBETE: Boi

MESTRE: Pedro Norival

ANO DE CRIAÇÃO: 1977

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/06

NOME DO GRUPO: **Folia de Reis de São Sebastião do Gromogo**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

ANO DE CRIAÇÃO: 1956

LOCAL: Patrimônio do Gromogo

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12 a 20/01

NOME DO GRUPO: **Folia de Reis Antônio Araújo**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Antônio Araújo

ANO DE CRIAÇÃO: 1971

LOCAL: Alegria

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12 a 20/01

NOME DO GRUPO: **Caxambu da Boa Esperança**

MANIFESTAÇÃO: Caxambu

MESTRE: Ailton Francisco

ANO DE CRIAÇÃO: 1947

LOCAL: Córrego da Boa Esperança

DATA DE APRESENTAÇÃO: Indeterminada

NOME DO GRUPO: **Caxambu do Campo do Limão**

MANIFESTAÇÃO: Caxambu

MESTRE: Belmiro Estevão dos Santos

ANO DE CRIAÇÃO: 1955

LOCAL: Córrego do Campo do Limão

DATA DE APRESENTAÇÃO: Indeterminada

NOME DO GRUPO: **Caxambu da Fazendinha**

MANIFESTAÇÃO: Caxambu

MESTRE: Robenil Rodrigues da Conceição

ANO DE CRIAÇÃO: 1967

LOCAL: Fazendinha

DATA DE APRESENTAÇÃO: Indeterminada

RIO BANANAL

NOME DO GRUPO: **Dança do Peru Pá-Pá-Pá**

MANIFESTAÇÃO: Dança do Peru

MESTRE: Avelino Coradine

ANO DE CRIAÇÃO: 1966

LOCAL: São Jorge Tiradentes

MANIFESTAÇÃO: Quadrilha

MESTRE: Donirna Auxiliadores

ANO DE CRIAÇÃO: 1969

LOCAL: São José Tiradentes

DATA DE APRESENTAÇÃO: Junho e julho

NOME DO GRUPO: **Fazendeiro das Canavieiras**

MANIFESTAÇÃO: Quadrilha

MESTRE: Enute Luzia Gaicher Furlan

ANO DE CRIAÇÃO: 1973

LOCAL: Sede

DATA DE APRESENTAÇÃO: Junho/julho

RIO NOVO DO SUL

MANIFESTAÇÃO: Bumba-meu-boi

VERBETE: Boi

MESTRE: Nelson Gomes

ANO DE CRIAÇÃO: 1947

DATA DE APRESENTAÇÃO: 10/02

MANIFESTAÇÃO: Mulinha

MESTRE: Oliveira Gomes

ANO DE CRIAÇÃO: 1947

DATA DE APRESENTAÇÃO: 20/02

SANTA TERESA

NOME DO GRUPO: **Congo 13 de Maio**

MANIFESTAÇÃO: Congo

ANO DE CRIAÇÃO: 1925

LOCAL: 25 de Julho

DATA DE APRESENTAÇÃO: 26/12

MANIFESTAÇÃO: Congos

MESTRE: Valdemar Volkartte

ANO DE CRIAÇÃO: 1975

DATA DE APRESENTAÇÃO: Indeterminada

MANIFESTAÇÃO: Dança do Bastão

MESTRE: Marlene Angeli Pizziolo

DATA DE APRESENTAÇÃO: Festas juninas

MANIFESTAÇÃO: Dança do Cipó

LOCAL: Santa Maria

DATA DE APRESENTAÇÃO: Festas juninas e 31/12

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Graciano Tononi

LOCAL: São João de Petrópolis

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12

SÃO GABRIEL DA PALHA

NOME DO GRUPO: **Grupo do Alves**

MANIFESTAÇÃO: Caxambu

MESTRE: José Maria Bernada

LOCAL: Fazenda Alves

DATA DE APRESENTAÇÃO: Festas juninas

NOME DO GRUPO: **Folia dos Ferreiras**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Manuel Ferreira dos Santos

LOCAL: Rua Sete de Setembro

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12 a 06/01

SÃO JOSÉ DO CALÇADO

NOME DO GRUPO: **Folia de São Benedito**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Modestino Rodrigues de Souza

ANO DE CRIAÇÃO: 1959

LOCAL: Alto Calçado

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12 a 20/01

NOME DO GRUPO: **Folia da Catadupa**

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Valdemar Tavares de Carvalho

ANO DE CRIAÇÃO: 1957

LOCAL: Catadupa

DATA DE APRESENTAÇÃO: 24/12 a 20/01

SÃO MATEUS

**NOME DO GRUPO: Associação de Capoeira Descendente Partere
Grupo Cricará**

RESPONSÁVEL: Genilson Correia de Araújo

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: 03 berimbaus, 01 atabaque e 02 pandeiros

UNIFORME/COR: Branco

QUANTIDADE DE PESSOAS: 23 homens, 06 mulheres e 20 crianças

ANO DE CRIAÇÃO: Fundada em 11/01/84

NOME DO GRUPO: Córrego de Santana

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Antônio José Teixeira

LOCAL: Córrego de Santana

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12 a 06/01

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Lauriano Matias da Costa

ANO DE CRIAÇÃO: Anterior a 1967

LOCAL: Córrego do Macaco

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12 a 30/01

NOME DO GRUPO: Córrego da Tábua

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Waldemar Laudêncio

ANO DE CRIAÇÃO: 1969

DATA DE APRESENTAÇÃO: 04, 05, 06 e 20/01

NOME DO GRUPO: **Reis de Bois de Juarez**

MANIFESTAÇÃO: Reis-de-boi

MESTRE: Amadeu Monteiro

ANO DE CRIAÇÃO: 1945

LOCAL: Córrego do Mato

DATA DE APRESENTAÇÃO: 06/01

NOME DO GRUPO: **Reis de Naozinho Monteiro**

MANIFESTAÇÃO: Reis-de-boi

MESTRE: Anedino Monteiro

LOCAL: Vila Nova

DATA DE APRESENTAÇÃO: 04/01

NOME DO GRUPO: **Reis-de-Boi Córrego da Tábua**

MANIFESTAÇÃO: Reis-de-boi

MESTRE: Jonas Bastos

ANO DE CRIAÇÃO: 1969

DATA DE APRESENTAÇÃO: 04, 05, 06, 20/01 e dia de São Brás

NOME DO GRUPO: **Grupo de Nova Vista**

MANIFESTAÇÃO: Reis-de-boi

MESTRE: Maria Justina da Conceição

ANO DE CRIAÇÃO: 1972

LOCAL: Foz Córrego Grande

DATA DE APRESENTAÇÃO: 01/01

NOME DO GRUPO: **Grupo do Bairro de Santa Teresa**
MANIFESTAÇÃO: Reis-de-boi
MESTRE: Nilzo Modesto
ANO DE CRIAÇÃO: 1954
DATA DE APRESENTAÇÃO: 05, 05, 06, 18, 19 e 20/01

NOME DO GRUPO: **Grupo do Morro da Arara**
MANIFESTAÇÃO: Reis-de-boi
MESTRE: Valdemir Correia dos Santos
ANO DE CRIAÇÃO: 1974
LOCAL: Foz Morro da Arara
DATA DE APRESENTAÇÃO: 01/01

NOME DO GRUPO: **Grupo da Água Limpa**
MANIFESTAÇÃO: Terno de Reis
MESTRE: Carolino
ANO DE CRIAÇÃO: 1962
LOCAL: Água Limpa
DATA DE APRESENTAÇÃO: 03, 04, 05, 06, 18, 19 e 20/01

NOME DO GRUPO: **Grupo de São Domingos**
MANIFESTAÇÃO: Terno de Reis
MESTRE: Dionísio Fonseca
ANO DE CRIAÇÃO: 1972
LOCAL: Córrego de São Domingos
DATA DE APRESENTAÇÃO: 06/01

NOME DO GRUPO: **Comunidade de São Benedito**

MANIFESTAÇÃO: Jongo

VERBETE: Caxambu

MESTRE: Salvino Pereira

ANO DE CRIAÇÃO: Grupo antigo

LOCAL: Córrego do Ribeirão

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12 a 20/01

MANIFESTAÇÃO: Jongo

VERBETE: Caxambu

MESTRE: Pedro Geraldino dos Santos

ANO DE CRIAÇÃO: 1971

DATA DE APRESENTAÇÃO: 27/12

NOME DO GRUPO: **Tambor de São Benedito**

MANIFESTAÇÃO: Congos

MESTRE: Salvino Pereira

LOCAL: Córrego do Ribeirão

DATA DE APRESENTAÇÃO: 27/12 e 20/01

NOME DO GRUPO: **Grupo de São Miguel**

MANIFESTAÇÃO: Terno de Reis

MESTRE: Domingos Machado Aguiar

ANO DE CRIAÇÃO: 1973

LOCAL: São Miguel

DATA DE APRESENTAÇÃO: 04, 05, 06, 18 e 20/01

NOME DO GRUPO: **Grupo da Serejeira**

MANIFESTAÇÃO: Terno de Reis

MESTRE: Francisco Zeguine

ANO DE CRIAÇÃO: 1959

LOCAL: Ribeirão

DATA DE APRESENTAÇÃO: 04, 05, 06, 18, 19 e 20/01

NOME DO GRUPO: **Grupo da Sapucaia**

MANIFESTAÇÃO: Terno de Reis

MESTRE: Jovelino Atanásio dos Santos

ANO DE CRIAÇÃO: 1932

LOCAL: Foz Córrego Santana

DATA DE APRESENTAÇÃO: 06/01

NOME DO GRUPO: **Grupo de Alegre**

MANIFESTAÇÃO: Terno de Reis

MESTRE: Ográcio do Nascimento

ANO DE CRIAÇÃO: 1948

DATA DE APRESENTAÇÃO: 04, 05, 06, 18, 19 e 20/01

NOME DO GRUPO: **Grupo do Córrego da Sapucaia Paulista**

MANIFESTAÇÃO: Terno de Reis

MESTRE: Pedro Rocha

ANO DE CRIAÇÃO: 1937

LOCAL: Córrego da Sapucaia

DATA DE APRESENTAÇÃO: 04/01

SERRA

NOME DO GRUPO: **Máquina Quente**

MANIFESTAÇÃO: Congos

MESTRE: João do Nascimento

DATA DE APRESENTAÇÃO: 26/12

NOME DO GRUPO: **Banda do Congo de São João de Carapina**

RESPONSÁVEL: Derval Loureiro Pratibe

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: 10 tambores, 04 reco-recos, 01 chocalho, 01 triângulo, 01 cuíca, 01 bumbo, caixa e pandeiro, 01 estandarte.

UNIFORME/CORES: Vermelho, amarelo e branco

QUANTIDADE DE PESSOAS: 18 homens e 02 mulheres

DATA DE APRESENTAÇÃO: Dia de São José de Carapina

LOCAL: Carapina

NOME DO GRUPO: **Banda de Congo de São Sebastião de Nova Almeida**

RESPONSÁVEL: Nelson Ramos

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: 22 tambores, 08 reco-recos, 01 chocalho, 01 triângulo, 01 cuíca, 01 bumbo, 01 caixa, pandeiro e 2 estandartes.

UNIFORME/CORES: Azul, branco e vermelho

QUANTIDADE DE PESSOAS: 30 homens e 8 mulheres

DATA DE APRESENTAÇÃO: Tradicionalmente nos festejos de São Sebastião

LOCAL: Nova Almeida

HISTÓRICO: Fundada pelos escravos e índios da região

NOME DO GRUPO: Banda de Congo Areinha N. S. da Conceição da Serra

RESPONSÁVEL: Pedro Pereira

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: 11 tambores, 10 reco-recos, 01 chocalho, 01 tri-
ângulo, 01 cuíca, 01 bumbo, caixa e pandeiro,
03 estandartes.

UNIFORME/CORES: Rosa e branco

QUANTIDADE DE PESSOAS: 25 homens e 05 mulheres

NOME DO GRUPO: Banda de Congo N. S. do Rosário de Pitanga

RESPONSÁVEL: Domingos Martins

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: 08 tambores, 08 reco-recos, 02 chocalhos, 01 tri-
ângulo, 01 cuíca, 01 bumbo, 01 caixa e 02 estan-
dartes.

UNIFORME/COR: Azul e branco

QUANTIDADE DE PESSOAS: 21 homens e 06 mulheres

DATA DE APRESENTAÇÃO: Festa de Nossa Senhora do Rosário

LOCAL: Pitanga

NOME DO GRUPO: Banda de Congo Campinho da Serra

RESPONSÁVEL: José Rodrigues

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: 09 tambores, 08 reco-recos, 01 chocalho, 01 tri-
ângulo, 02 cuícas, 02 bumbos, caixa e pandeiro,
01 estandarte.

UNIFORME/CORES: Azul-claro, azul-escuro e branco

QUANTIDADE DE PESSOAS: 24 homens e 01 mulher

DATA DE APRESENTAÇÃO: Festejos de São Benedito

LOCAL: Campinho da Serra

NOME DO GRUPO: Banda de Congo Santiago da Serra

RESPONSÁVEL: Antônio Freitas

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: 06 tambores, 08 reco-recos, 02 chocalhos, 01 tri_
ângulo, 01 cuíca, 01 bumbo, 01 caixa, 01 pandei_
ro e 01 estandarte.

UNIFORME/CORES: Amarelo, vermelho e branco

QUANTIDADE DE PESSOAS: 21 homens e 05 mulheres

LOCAL: Santiago da Serra

NOME DO GRUPO: Banda de Congo São Pedro de Jacaraípe

RESPONSÁVEL: Clóvis Rodrigues Leopoldo

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: 08 tambores, 05 reco-recos, 01 chocalho, 01 tri_
ângulo, 01 cuíca, 02 bumbos, caixa e pandeiro,
01 estandarte.

UNIFORME/CORES: Branco, azul-marinho e azul-claro

MESTRE: José Aguiar

QUANTIDADE DE PESSOAS: 19 homens e 01 mulher

DATA DE APRESENTAÇÃO: Festejos de São Pedro

LOCAL: Jacaraípe e Manguinhos

NOME DO GRUPO: Banda de Congos Sant'Ana de Manguinhos

RESPONSÁVEL: Alderico (Dedeco)

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: 06 tambores, 06 reco-recos, 01 chocalho, 01 tri_
ângulo, 01 cuíca, 01 bumbo, caixa e pandeiro, 01
estandarte.

UNIFORME/CORES: Verde e branco

QUANTIDADE DE PESSOAS: 18 homens e 02 mulheres

DATA DE APRESENTAÇÃO: Festa de Santa'Ana e nos dias que antecedem o carna_
val

LOCAL: Manguinhos

NOME DO GRUPO: **São Pedro**
MANIFESTAÇÃO: Congos
MESTRE: José Aguiar
ANO DE CRIAÇÃO: 1975
LOCAL: Jacaraípe
DATA DE APRESENTAÇÃO: Indeterminada

NOME DO GRUPO: **Nossa Senhora da Conceição**
MANIFESTAÇÃO: Congos
MESTRE: Amilton Novaes
ANO DE CRIAÇÃO: 1976
DATA DE APRESENTAÇÃO: 27/12

NOME DO GRUPO: **Congo Foletore de São Benedito da Serra**
MANIFESTAÇÃO: Congos
MESTRE: Antônio de Pádua Machado
ANO DE CRIAÇÃO: Grupo antigo
DATA DE APRESENTAÇÃO: 2º domingo de dezembro e 25, 26, 27/12

NOME DO GRUPO: **Congo de São Sebastião**
MANIFESTAÇÃO: Congos
MESTRE: Ricardo José Oliveira Guimarães
LOCAL: Manguinhos
DATA DE APRESENTAÇÃO: 26/12

NOME DO GRUPO: **Santa Isabel**

MANIFESTAÇÃO: Congos

MESTRE: João dos Santos

ANO DE CRIAÇÃO: 1973

LOCAL: Carapina Grande

DATA DE APRESENTAÇÃO: 26/12

NOME DO GRUPO: **Associação de Capoeira Balt - AFRO**

RESPONSÁVEL: Gilson José Nascimento

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Berimbau, atabaque, pandeiro, fações, bastões
e tochas de fogo

UNIFORME/COR: Branca

QUANTIDADE DE PESSOAS: 85 homens, 15 mulheres e 100 crianças

VIANA

MANIFESTAÇÃO: Congo

MESTRE: Emiliana Coutinho da Silva

ANO DE CRIAÇÃO: 1912

LOCAL: Araçatiba

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12

NOME DO GRUPO: **Mulinha de Carnaval**

MANIFESTAÇÃO: Mulinha

MESTRE: Erondines Ottonio

ANO DE CRIAÇÃO: 1957

DATA DE APRESENTAÇÃO: Carnaval

NOME DO GRUPO: **Banda de Congo de São Benedito de Jacarandá**

MANIFESTAÇÃO: Congos

MESTRE: Heostácio Cardoso do Espírito Santo

ANO DE CRIAÇÃO: 1968

LOCAL: Córrego do Lagarto

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

RESPONSÁVEL: Walter Machado Vieira

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Zabumba, pandeiro, caixa rabeca, tarol, chocalho,
viola, violão, cavaquinho, sanfona de 8 baixos.

UNIFORME/CORES: Azul e branco

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12 a 06/01

LOCAL: Areinha

HISTÓRICO: Vinda do município de Colatina em 1933, através do Senhor
Jorge Francisco Vieira

VILA VELHA

NOME DO GRUPO: **Atlético Capoeira Clube - Centro Capoeira Senzala**

RESPONSÁVEL: Ary Souza Lima

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Berimbau, atabaque, pandeiro

UNIFORME/COR: Branco

QUANTIDADE DE PESSOAS: 40 homens, 14 mulheres e 16 crianças

DATA DE APRESENTAÇÃO: Festas populares

LOCAL: Praça Central Convento da Penha

NOME DO GRUPO: **Florentino Avidos**

MANIFESTAÇÃO: Capoeira

MESTRE: Messias Cassimiro de Matos

ANO DE CRIAÇÃO: 1977

LOCAL: Rua Jasmim, quadra 1.100, casa 364

DATA DE APRESENTAÇÃO: Indeterminada

MANIFESTAÇÃO: Folia de Reis

MESTRE: Clementino Barcellos

ANO DE CRIAÇÃO: 1935

DATA DE APRESENTAÇÃO: 06/01

MANIFESTAÇÃO: Lapinha

MESTRE: Clementino Barcellos

ANO DE CRIAÇÃO: 1924

DATA DE APRESENTAÇÃO: 23/12

MANIFESTAÇÃO: Marujá

MESTRE: Clementino Barcellos

ANO DE CRIAÇÃO: 1935

DATA DE APRESENTAÇÃO: 06/01

MANIFESTAÇÃO: Reisado

MESTRE: Clementino Barcellos

ANO DE CRIAÇÃO: 1935

DATA DE APRESENTAÇÃO. 06/01

VITÓRIA

NOME DO GRUPO: **Banda de Congo Amores da Lua**

MANIFESTAÇÕES: Congos

MESTRE: Reginaldo Sales

ANO DE CRIAÇÃO: 1949

LOCAL: São Cristóvão

DATA DE APRESENTAÇÃO: 25/12

NOME DO GRUPO: **Grupo Folclórico Boi Estrela de Goiabeiras**

RESPONSÁVEL: Reginaldo Barbosa Salles

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: 2 violas, 1 cavaquinho, 1 chocalho, 1 triângulo,
1 pandeiro, 1 tamborim e 1 sanfona de 8 baixos.

UNIFORME/CORES: Saias estampadas nas cores azul, verde, branco, rosa e
marron, homens de calça azul

QUANTIDADE DE PESSOAS: 15 homens e 18 mulheres

DATA DE APRESENTAÇÃO: Junho e dezembro

LOCAL: Goiabeiras

HISTÓRICO: O grupo foi fundado há mais de 90 anos em Goiabeiras, com os seguintes componentes: Bertolino Alves, Frederico Falcão, Francisco Gomes, João Lucidato (sanfoneiro de oito baixos) João Barbosa dos Santos, Manoel Lucidato (o **Pituca**) do pandeiro feito de madeira e couro de cabrito, Manoel Carioca, Horácio Amaro Lima, Leopoldo Gomes de Sales, José S. Rodrigues Nascimento, Romeu Antônio Nascimento e Ângelo Nascimento.

NOME DO GRUPO: Banda de Congo Estrelinha

RESPONSÁVEL: Reginaldo Barbosa Salles

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: 08 tambores pequenos, 04 reco-recos, 08 choca
lho, 01 cuíca, 01 caixa, 01 bumbo e 01 triângulo.

UNIFORME/COR: Azul e branco

QUANTIDADE DE PESSOAS: 18 crianças

DATA DE APRESENTAÇÃO: Dezembro/Festas religiosas

LOCAL: Bairro Santa Marta

HISTÓRICO: Trata-se de uma banda mirim que nasceu da banda de congo Amo
res da Lua. É composto por crianças de 06 a 12 anos de idade
do bairro Santa Marta e Goiabeiras, filhos de congueiros e pa
neleiros.

NOME DO GRUPO: Associação Afro-Brasileira Gangazunga Espírito Santo

RESPONSÁVEL: Alcebíades Milton Cabral

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Atabaques, pandeiros, berimbaus, agogos, facões.

UNIFORME/CORES: Branco, vermelho, preto

QUANTIDADE DE PESSOAS: 53 homens, 18 mulheres e 78 crianças

DATA DE APRESENTAÇÃO: Última semana de agosto e 20 de novembro

LOCAL: Casa da Cultura Capixaba e praças públicas

NOME DO GRUPO: Associação Palmares de Capoeira

RESPONSÁVEL: Fernando Michel Miranda de Castro Lara

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Berimbau, pandeiro e atabaque

UNIFORME/COR: Branco

QUANTIDADE DE PESSOAS: 12 homens, 04 mulheres e 08 crianças

HISTÓRICO: A Associação foi fundada em 25 de outubro de 1985, no centro
comunitário da Ilha de Santa Maria, por seu responsável, con
tando com um número mínimo de 25 alunos e tendo como finalidade
congregar pessoas que quisessem praticar a capoeira.

NOME DO GRUPO: **Quilombo de Queimados**

RESPONSÁVEL: Caio Cezar Rezende

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Berimbau, atabaque, pandeiro, agogo, facões, bas
tões

UNIFORME/COR: Branca

QUANTIDADE DE PESSOAS: 15 homens, 06 mulheres e 04 crianças

HISTÓRICO: Foi formado pelo mestre *Falcão*, no Rio de Janeiro, em 1976.
Desde então trabalha na *Casa do Menino*, educando-os. Divulga
capoeira em várias academias e têm como objetivo difundir esta
arte nas comunidades e escolas de 1º grau.

NOME DO GRUPO: **Banda de Congo Panela de Barro de Goiabeiras**

RESPONSÁVEL: Arnaldo Gomes Ribeiro

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: 25 tambores originais do oco do pau, 05 reco-
-recos, 04 chocalhos, 01 cuíca, 02 caixas, 01 tri-
ângulo, 01 apito, 01 bandeira de São Benedito.

UNIFORME/CORES: Verde e amarelo

QUANTIDADE DE PESSOAS: 30 homens, 21 mulheres e 09 crianças

DATA DE APRESENTAÇÃO: Dezembro, junho e janeiro

LOCAL: Goiabeiras

HISTÓRICO: O grupo foi fundado em Goiabeiras, em 1983, por um baiano chama-
do Marceonílio. Teve outros chefes como: Alfredo Manoel da
Silva, Profª. Jacinta Souza, Romeu Antônio do Nascimento, Amo-
gila Nascimento e, atualmente, Arnaldo Gomes Ribeiro.

NOME DO GRUPO: Grupo de Capoeira Beribazu

RESPONSÁVEL: Fábio Luiz Loureiro

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: 03 berimbaus, 01 pandeiro e 01 atabaque.

UNIFORME/CORES: Branca com desenhos nas cores preta e laranja

QUANTIDADE DE PESSOAS: 25 homens, 20 mulheres e 10 crianças

HISTÓRICO: O grupo iniciou o seu trabalho em Vitória, por volta de 1979, com o Mestre Odilon Dias Viana e o Contra-Mestre Ins Dias Vieira. Atualmente o trabalho está sendo desenvolvido através do *Projeto de Estudos e Divulgação do Folclore Capixaba* promovido pela Sub-Reitoria Comunitária - UFES (Coordenadoria de Folclore-UFES) com objetivo de aprofundar a pesquisa sobre a capoeira.

NOME DO GRUPO: Associação de Capoeira Clube Senzala

RESPONSÁVEL: Luiz Paulo Nunes Lima

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Berimbau, pandeiro, atabaque, facões e bastões

QUANTIDADE DE PESSOAS: 15 homens, 10 mulheres e 16 crianças

DATA DE APRESENTAÇÃO: Festas populares

HISTÓRICO: O grupo Senzala nasceu por volta de 1964, no Rio de Janeiro e foi fundado pelo Mestre Rafael. Em Vitória o grupo foi fundado pelo mestre Luiz Paulo Nunes Lima (Corda Vermelha), por volta de 1979.

NOME DO GRUPO: Associação de Capoeira Clube Senzala

RESPONSÁVEL: Luiz Paulo Nunes Lima

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Berimbau, pandeiro, atabaque, facões e bastões

UNIFORME/COR: Branca

QUANTIDADE DE PESSOAS: 10 homens e 10 crianças

DATA DE APRESENTAÇÃO: Festas populares

HISTÓRICO: O grupo foi fundado em 07/07/85 pelo mestre Luís Paulo (Corda Vermelha).

NOME DO GRUPO: Capoeira Senzala Arte Afro-Brasileira

RESPONSÁVEL: Rogério Sarlo de Medeiros Filho

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Berimbau, pandeiro, atabaque, facões e bastões

UNIFORME/COR: Branca

QUANTIDADE DE PESSOAS: 15 homens, 06 mulheres e 04 crianças

HISTÓRICO: O grupo foi formado no Rio de Janeiro em 1984, pelo Grupo Senzala, através do Mestre Camisa.

NOME DO GRUPO: Associação de Capoeira Angonal

RESPONSÁVEL: Aldecir Nunes de Alvarenga

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Berimbau, atabaque e pandeiro

UNIFORME/COR: Branco

QUANTIDADE DE PESSOAS: 30 homens, 05 mulheres e 15 crianças

6.

ARTESANATO

6.1.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

O cadastramento do artesanato capixaba, baseado em fontes secundárias e dentro de um enfoque de produção cultural, se torna uma tarefa difícil, pois a maioria dos registros existentes estão em função da comercialização do produto.

Dentro da pesquisa em fontes secundárias procurou-se estabelecer o critério de só registrar os artesãos e/ou artesanatos feitos pela população capixaba. Os demais cadastros em que se percebia não haver uma diferenciação clara entre artesão, comerciante e intermediário não foram considerados.

Em função disso, tomou-se como base o cadastro existente na Secretaria de Ação Social, que, através do Departamento de Assuntos do Trabalho, publicou o levantamento sobre o artesanato, que atingiu 851 artesãos, distribuídos em 46 municípios do Estado do Espírito Santo, em julho de 1984. Além desse órgão, foram utilizados os dados publicados no Mapa Cultural do Brasil-Espírito Santo, do MEC-MOBRAL-CECUT, que catalogou o tipo de artesanato existente em cada município e o Atlas Folclórico do Brasil-Espírito Santo do MEC-SEC-FUNART-Instituto Nacional do Folclore, que caracteriza os artesanatos existentes no Estado.

6.2.**CATÁLOGO**

6.2.1. ARTESANATO DE CADA MUNICÍPIO**AFONSO CLÁUDIO****PRODUTOS:**

- peças de crochê, de tricô, tapeçaria, cestas, bolsas, bandejas, carteiras, bonecos.

ALEGRE**PRODUTOS:**

- tapeçaria, peças de crochê, balaios, peneiras, gaiolas.

ALFREDO CHAVES**PRODUTOS:**

- cestas, cadeiras, rendas, peças de crochê, peças bordadas.

APIACÁ**PRODUTOS:**

- peças de tricô, crochê, peças bordadas, cestas, flores.

ATÍLIO VIVACQUA**PRODUTOS:**

- peneiras, cestas, peças de crochê e de tricô, peças bordadas, tapeçarias.

ARACRUZ**PRODUTOS:**

- tipiti, redes, peneiras, cestas, rebecas, tapeçaria, peças de crochê, colchas, flores, arcos e flechas.

ANCHIETA**PRODUTOS:**

- peneiras, cestas, redes.

BAIXO GUANDU**PRODUTOS:**

- panelas, vasos, flores, bolsas, sandálias, selas, molduras, redes, tarrafas, puçás, peças de crochê, tricô e frivolidé, balaios, peneiras, flores, almofadas, peças bordadas, tapetes, peças pintadas.

BARRA DE SÃO FRANCISCO**PRODUTOS:**

- peças de crochê, tapeçarias, flores.

BOA ESPERANÇA**PRODUTOS:**

- tarrafas, peneiras.

CARIACICA**PRODUTOS:**

- trabalho em madeira, flores, pintura em pano, bolsas, cestos, sapatos, pintura em vaso, bonecas, peças de bordado, peças de tricô e crochê,

tapeçarias, bichinhos de durepox, colchas de retalhos, artesanato em vidro, pintura em gesso, rede de pesca, macramê, jiqui.

CASTELO

PRODUTOS:

- jarras, cinzeiros, objetos de adorno, cadeiras, cadeiras de balanço, cestas, bolsas, carteiras, banquetas, pratos, peças de crochê, peças bordadas, tapeçaria, ferramentas, cruces de madeira, vassouras, tapetes, flores.

COLATINA

PRODUTOS:

- flores, chinelos, sapatos, peças bordadas, peças de crochê e de tricô, móveis.

CONCEIÇÃO DA BARRA

PRODUTOS:

- redes, panelas, vasos, cestas, rendas, peças de crochê e de tricô, peças bordadas, colheres, cinzeiros, jarro e panelas.

CONCEIÇÃO DO CASTELO

PRODUTOS:

- arreios, sandálias, peças de crochê, balaios e outros tipos de cestos e objetos, peças bordadas.

DIVINO SÃO LOURENÇO

PRODUTOS:

- peças de crochê e tricô, peças bordadas, cestas, esteiras.

DOMINGOS MARTINS**PRODUTOS:**

- abajures, jarras, cestas, balaios, cinzeiros, estátuas, pratos, tapetes, peças bordadas, bодоques, flechas, móveis, chapéus, tangas.

DORES DO RIO PRETO**PRODUTOS:**

- peças de crochê e tricô, peneiras, cestas.

ECOPORANGA**PRODUTOS:**

- vasos

FUNDÃO**PRODUTOS:**

- cestos, sandálias, almofadas, peças de crochê, flores.

GUAÇUÍ**PRODUTOS:**

- redes, peças bordadas.

GUARAPARI**PRODUTOS:**

- objetos de adornos, bolsas, sandálias, tamancos.

IBIRAÇU**PRODUTOS:**

- peças de crochê e tricô, tapeçarias, peças pintadas, cestas.

ICONHA**PRODUTOS:**

- peças bordadas, peças pintadas, entalhes.

ITAGUAÇU**PRODUTOS:**

- rendas, panelas, vasos, peças de crochê, cinzeiros, fruteiras, jarras.

ITAPEMIRIM**PRODUTOS:**

- bolsas, cintos, cestas, trabalho em madeira.

ITARANA**PRODUTOS:**

- bonecos, peças de tricô e de crochê, balaios, peneiras, flores.

IÚNA**PRODUTOS:**

- peças de crochê e de tricô, peças bordadas, cestas.

JERÔNIMO MONTEIRO**PRODUTOS:**

- arreios, cintos, sapatos, estátuas, vasos, peças de crochê.

LINHARES**PRODUTOS:**

- talhas, garrafas, jarras, bolsas, peneiras, balaios e outros tipos de objetos e cestos, cinzeiros, jarros.

MIMOSO DO SUL**PRODUTOS:**

- arreios, bolsas, cestos, tapeçarias, carroças, panelas, porteiras, flores.

MONTANHA**PRODUTOS:**

- panelas, vasos, bolsas, cestos, tapeçarias, rendas.

MUCURICI**PRODUTOS:**

- bolsas, cestos, arreios, tapeçarias, vasos e talhas.

MUNIZ FREIRE**PRODUTOS:**

- bonecos, flores, peneiras, balaios, esteiras, peças de crochê e tricô.

MUQUI**PRODUTOS**

- almofadas, peças de crochê, peças bordadas, cinzeiros, esteiras, cestos.

NOVA VENÉCIA**PRODUTOS:**

- calçados, cintos, sandálias, flores, bolsas, carteiras.

PANCAS**PRODUTOS:**

- peneiras, cestas, peças de crochê, objetos de xaxim, redes.

PINHEIROS**PRODUTOS:**

- panelas, bolsas, selas, almofadas, peças de crochê, de macramê, peças bordadas, flores.

PIÚMA**PRODUTOS:**

- colares de concha, semente de linho (linhaça), contas e caramujos.

PRESIDENTE KENNEDY**PRODUTOS:**

- objetos de madeira, rede, peças de crochê, esteiras, peneiras.

SANTA LEOPOLDINA**PRODUTOS:**

- sapatos, almofadas, peças de crochê e de tricô, peças bordadas, gaiolas, pulseiras, redes, tapeçaria, peças pintadas, porta-jóias.

SANTA TERESA**PRODUTOS:**

- almofadas, cinzeiros.

SÃO GABRIEL DA PALHA**PRODUTOS:**

- sandálias, selas, jarras, taças, tapeçarias, cestas, flores.

SÃO JOSÉ DO CALÇADO**PRODUTOS:**

- flores, peças de tricô e de crochê, peças bordadas, chapéus, balaios.

SÃO MATEUS**PRODUTOS:**

- talhas, vasos, panelas, tapeçarias, cestas.

VILA VELHA**PRODUTOS:**

- vasos, talhas, cintos, bijuterias, peças de tricô e de crochê.

6.2.2. ASSOCIATIVISMO: EMPRESAS E ENTIDADES

NOME: **EMATER-ES**

ÁREA DE ATUAÇÃO: Treinamento de artesãos

NÚMERO DE PESSOAS ENVOLVIDAS: 29 (28 instrutores e 1 assessor)

FONTE DE RECURSOS: Governo Estadual e Ministério da Agricultura

NOME: **Prefeitura Municipal de Alegre**

ÁREA DE ATUAÇÃO: Atendimento ao artesão

NÚMERO DE ARTESÃOS CADASTRADOS: 25

FONTE DE RECURSOS: Governo Municipal

ATIVIDADES: Feira permanente e divulgação do artesanato

NOME: **SESI - Serviço Social da Indústria**

ÁREA DE ATUAÇÃO: Organização do artesão; divulgação do artesão; treinamento ao artesão

NÚMERO DE ARTESÃOS: Cadastrados: 203; Atendidos: 120

NÚMERO DE PESSOAS ENVOLVIDAS: 01 técnico, 03 vendedores, 01 servente e 14 instrutores

ESTRUTURA FÍSICA DISPONÍVEL: 11 salas de aula, 01 loja

FONTE DE RECURSOS: Próprios

NOME: **Associação dos Artesãos de Vila Velha**

ENDEREÇO: Rodovia Carlos Lindemberg, 6050 - Alvorada - Vila Velha

NÚMERO DE ARTESÃOS: Associados: 250; Atendidos: 90

OBJETIVO DA INSTITUIÇÃO: Assistência social; cadastramento; comercialização; organização do artesão; promoção do artesão; divulgação do artesanato; promoção de feiras

FONTE DE RECURSOS: Próprios

ESTRUTURA FÍSICA DISPONÍVEL: 01 depósito de produto artesanal

FORMA DE COMERCIALIZAÇÃO: Feira permanente e exposições

artesão, divulgação do artesanato, promoção de feiras, treinamento do artesão, planejamento

NOME: Associação Profissional de Artesãos do Espírito Santo

ENDEREÇO: Rua Amélia Tartuce Nasser, 570 Jardim da Penha - Vitória

NÚMERO DE ARTESÃOS: Cadastrados: 50; Atendidos: 37

OBJETIVO DA INSTITUIÇÃO: Assistência social, coordenação/supervisão, cadastramento, comercialização, financiamento do artesão, organização do artesão, promoção do artesão, divulgação do artesanato, promoção de feiras, treinamento do artesão, planejamento

FORMAS DE COMERCIALIZAÇÃO: Exposições

NOME: Secretaria de Cultura e Esporte de Prefeitura Municipal de Vitória

NÚMERO DE ARTESÃOS: 397

ÁREA DE ATUAÇÃO: Comercialização, feira permanente, exposições do artesanato

NOME: Coordenação Estadual de Artesanato-Secretaria do Bem Estar do Menor

NÚMERO DE ARTESÃOS: Cadastrados: 1.000; Atendidos: 600

OBJETIVO DA INSTITUIÇÃO: Assistência social, coordenação/supervisão, cadastramento, comercialização, financiamento ao artesão, organização do artesão, promoção do artesão, divulgação do artesanato, promoção de feiras, treinamento de artesão, planejamento.

ÁREA DE TRABALHO: Associações de produção, núcleos de produção, cooperativas, micro-empresa, direito do artesão

ESTRUTURA FÍSICA: 01 depósito produto artesanal, 01 loja local

FORMAS DE COMERCIALIZAÇÃO: Lojas próprias, venda direta, exposições, facilita a comercialização

NOME: Empresa Capixaba de Turismo

OBJETIVO DA EMPRESA: Comercialização, promoção do artesanato e divulgação do artesanato

NÚMERO DE ARTESÃOS: Cadastrados: 150; Atendidos: 200

ESTRUTURA FÍSICA DE APOIO: Lojas locais, lojas fora do Estado

NOME: Associação de Artesãos de Guarapari

ENDEREÇO: Rua Jacinto de Almeida s/nº, Olaria - Guarapari

NÚMERO DE ARTESÃOS: Cadastrados: 200; Atendidos: 80

OBJETIVO DA INSTITUIÇÃO: Assistência social, cadastramento, comercialização, organização do artesanato, promoção do artesanato, divulgação do artesanato, promoção de feiras

FONTES DE RECURSOS: Próprios

FORMAS DE COMERCIALIZAÇÃO: Feira permanente, exposições

NOME: Obra Comunitária de Itanguá - Nova Brasília (OCINBRA)

ENDEREÇO: R. Maria Chefer s/nº, Itanguá - Cariacica

NÚMERO DE ARTESÃOS: Atendidos: 29

OBJETIVO: Comercialização, organização do artesanato, promoção do artesanato, divulgação do artesanato, treinamento do artesanato

ÁREA DE TRABALHO: Núcleo de produção

RECURSOS HUMANOS: 01 instrutor

ESTRUTURA FÍSICA: 01 box/oficina artesanato, 01 depóstico matéria-prima, 01 depósito produto artesanal, 01 sala de aula

FORMAS DE COMERCIALIZAÇÃO: Para intermediários, em exposições.

NOME: Centro Cultural de Piúma

ENDEREÇO: Av. Guarapari, 8/8 - Centro - Piúma

NÚMERO DE ARTESÃOS: 25

OBJETIVO DA INSTITUIÇÃO: Assistência social, coordenação e supervisão, cadastramento, comercialização, financiamento do artesanato, organização do artesanato, promoção do

6.3. ALGUNS ASPECTOS DO ARTESANATO DE MAIS DESTAQUE NO ESTADO

CERÂMICA*

Há concentração de artesãos do barro no Município de Vitória, notadamente no distrito de Goiabeiras, a *terra da panela de barro*, onde o trabalho é preferencialmente executado por mulheres. Mas outras regiões do Estado apresentam também boa produção de cerâmica, manual e de torno.

A matéria prima pode ser comprada em *bolos*, em revendedores, ou retirada gratuitamente à beira de rios, nos *barreiros* e até nos fundos de quintais. Trata-se geralmente da Tabatinga, descrita como *barro branco arenoso*, material essencialmente plástico e maleável. Recolhido, o barro é guardado à sombra, dentro de casa, ou no barracão onde o artesão trabalha, geralmente, telheiros recoberto de palha.

O preparo do barro pode iniciar-se com a mistura de areia, para ajudar a liga. Nesta fase da operação é revolvido com enxada ou outro instrumento, socado e peneirado, sendo a seguir dividido e amassado com água, formando pilhas, das quais se destacam as porções que serão trabalhadas a mão.

O instrumental aplicado é praticamente idêntico em todas as regiões produtoras. O artesão tem a seu lado vasilha para depósito da água que amolecerá o barro, e utiliza fragmento de cuia (cuité, fruto da planta chamada cabaceira) com o qual *puxa* a obra - isto é, inicia a criação do objeto. Tal função pode ser preenchida também por sabugo seco de milho, enquanto a cuia tem ainda como utilidade alisar as paredes internas da peça. Com a faca, de metal ou madeira, cortam-se excessos de barro, raspando-se a peça em execução, como se faria com uma espátula. A faca pode ser substituída por fragmento de madeira, que recebe, por vezes, o nome de tabuleta ou palheta. Depois de firmada a peça, estando quase seca, é lixada com um seixo de rio, ou com a semente amucanã, fruto do coqueirinho do campo, ou, ainda, com a noz *olho de boi*. O acabamento final é

dado com simples colher de metal ou com arco de barril que raspa a superfície da peça.

Os artesãos do barro assentam seu trabalho sobre uma tábua que, na cerâmica manual, faz as vezes de torno, pois pode ser movimentada, mudando a posição da peça em relação ao autor. Na cerâmica de torno, o processo mais usual é o de torno de pé. A bola de barro, preparada de acordo com o mesmo processo de amassar o material misturado com areia, é colocada sobre a roda superior do torno. Este é acionado pelo pé do artesão, pousado na roda inferior, enquanto as mãos, na superior, *puxam* as paredes da peça.

A secagem das peças se inicia à sombra. A ação do solo ocasiona fendas e rachaduras. Vem depois a queima, a fogo descoberto quase que exclusivamente na região de Vitória, e em tornos de barro, em outras regiões. Normalmente o artesão faz seu próprio forno, com tijolos.

Após a queima, as peças são pintadas. Em Goiabeiras, a tinta provém da casca socada do mangue, denominação local para designar planta de beira d'água, freqüente nas restingas e banhados salgados. A tinta preta assim obtida é espalhada com vassourinha, caracterizando a cerâmica da região. Em diversos municípios, tintas provenientes de outros sumos vegetais e as industrializadas são também empregadas, assim como vernizes. Predominam contudo as peças sem pintura.

No artesanato capixaba do barro a maior produção é de peças utilitárias. Pannels pequenas, chamadas *filhas*, são condicionadas para venda dentro das grandes, chamadas *mães*. Cofres zoomorfos, chaleiras, frigideiras, assadeiras, pratos, caldeirões, vasos, castiçais, cinzeiros, potes, filtros, moringas, bules, bebedouros para aves, canecas, são feitos em escala apreciável. São menos freqüentes as peças de cerâmica figurativa, animais, santos e figuras humanas em geral, produzidas em muito menor escala.

Os presépios, cujas figuras são modeladas em barro, figuram em escala mínima.

É de assinalar-se a importância atribuída ao vasilhame de barro na cozinha capixaba: as frigideiras e as panelas de Goiabeiras são consideradas quase que um ingrediente das receitas, uma garantia de seu sucesso¹.

PANELA DE BARRO - ARTESANATO PRETO**

As panelas de barro são produzidas pelo grupo artesanal das paneleiras, composto mais ou menos por 25 pessoas, cuja faixa etária varia entre 30 a 70 anos.

O artesanato preto foi uma herança recebida dos índios tupi-guaranis e dos negros africanos, tendo sido transmitida de geração a geração.

O processo de produção é manual e o instrumental utilizado na fabricação das panelas é de caráter bastante rudimentar.

Após modelagem e secagem da peça, a mesma é queimada em fogueira, feita no quintal da casa da própria paneleira.

Toda a matéria-prima utilizada na panela de barro é retirada do manguê e de um barreiro existente na área de Maruípe - Vitória.

Fabricam vários tipos de panelas e inclusive algumas peças decorativas, que são vendidas a particulares, lojas comerciais, nas feiras e na Casa do Artesão Capixaba.

A matéria-prima já não é encontrada com tanta facilidade, pois o acele

¹Atlas Folclórico do Brasil - Espírito Santo - MEC.

rado processo de urbanização vem escasseando as áreas de mangue, de onde é extraída².

RENDAS, BORDADOS E CONGÊNERES*

As rendas são produzidas com algodão fiado pelas próprias rendeiras, ou com as linhas industrializadas normalmente usadas para costura. As rendeiras conservam seu instrumental tradicional: piques, bilros e almofadas.

Chamam-se piques os cartões perfurados que indicam o desenho da renda; são copiados de riscos tradicionais, mantidos na família, e é freqüente a troca de piques entre amigas e vizinhas. As rendeiras os prendem sobre as almofadas para guiar o trabalho. As almofadas, feitas de pano, estofadas com capim ou palha de bananeira, são cilíndricas, às vezes chamadas *almofadas de rolo*. Medem, geralmente, 40cm de altura por 50cm de comprimento.

Os piques são presos à almofada por alfinetes e, principalmente, permitem que se prendam os bilros; em cada alfinete são enrolados os fios de linha, presos aos bilros. Estes ficam pendentes dos alfinetes, equidistantes e emparelhados de dois a dois. O número de alfinetes deve corresponder ao número de furos do trecho do pique que está sendo trabalhado.

Os bilros são como pequenos fusos. A linha neles enrolada vai-se desenrolando à medida que a renda é trançada. São confeccionados em madeira macia, cortados a canivete; ou em madeira com a cabeça feita de coco, fruto de palmeiras nativas, sendo delas a mais conhecida a iri ou airi. O coco é perfurado com uma ponta de ferro aquecido para permitir o encaixe da haste de madeira. A quantidade de bilros apicada depende da renda que

²Secretaria do Estado de Ação Social - Departamento de Assuntos do Trabalho

se está criando: um *bico* exige muito menor quantidade do que a renda propriamente dita, ou do que as *aplicações* - quadrados, losangos ou triângulos de renda, preparados para enriquecer peças de roupa.

Trocando os bilros, isto é, entrelaçando os fios que estão presos aos bilros, a rendeira conduz seu trabalho. Feita a renda ou parte dela, chega o momento de *levantar o pique*, ou seja, retirar os alfinetes presos à almofada. A renda se destaca, então, e recomeça o trabalho de reposição do pique. Diz-se *levantar a renda* para a retirada final do pique, depois de pronta toda a peça que se deseja produzir.

Os pontos tradicionais de renda recebem nomes especiais: cocadinha, margarida, matafome, ziguezague, mataxim, não-me-deixes, aranha, corações, pano aberto, pano fechado, trocadinho, abacaxis, trancinha.

As linhas industrializadas variam de espessura, sendo empregadas tanto as de nº 20 quanto as de nº 40 (mais finas) quase que exclusivamente na cor branca.

Menos freqüente, o rendendê é trabalho que emprega o tecido chamado etamine como trama básica. Sobre a etamine são feitos, com agulha, bordados onde se emprega fio grosso - em geral a linha Cléa. A artesã corta os fios da etamine, produzindo campos abertos entre os trechos bordados. Os desenhos assim obtidos são regulares e geométricos.

Manejando a naveta - instrumento de madeira, osso, plástico ou taquara, de ponta fina, que conduz o fio - produz-se a rede de filé, um trabalho que aparece em maior proporção. Sobre esta criam-se, com agulha, desenhos geométricos e figurativos, que preenchem em parte as malhas da rede básica.

A trama básica para os trabalhos de crivo e labirinto são os fios dos tecidos sobre os quais são feitos. O crivo e labirinto adornam blusas, rou

pas interiores de mulheres e roupa de cama e mesa. O tecido é desfiado tanto horizontal quanto verticalmente, formando-se uma grade. O desfiado é a seguir, firmado com bastidor de madeira, e os fios, trabalhados com agulha e linha comuns, de modo a que o gradeado permaneça, estável, aberto e disciplinado.

O macramê, trabalho que tomou o nome ao fio com o qual era originalmente produzido, é um trançado, firmado por meio de nós e suspenso por uma barra horizontal, superior. Usam-se para ele, atualmente, cordas e corções de várias espessuras e procedências, especialmente para a criação de painel - adorno doméstico para decoração de paredes - e sacolas e bolsas. É freqüente a utilização de cânhamo no macramê.

A *broalha* - chamada também *broia* ou *abroalha* - segue a mesma técnica do macramê. É o acabamento preferido das donas de casa caprichosas, para seus panos de prato e toalhas de mão. A broalha consiste em desfilar, no sentido vertical, a ponta dos tecidos - geralmente saco de algodão para farinha de trigo - obtendo franjas que, a seguir, são trançadas, formando desenhos geométricos ou figurativos. Os nós, nas broalhas, seguram e separam o trançado, como no macramê, permitindo firmar os fios e mantê-los na posição desejada para obter o desenho. É freqüente que as toalhas ornadas de broalhas sejam ainda embelezadas pela *marca* ou *ponto de cruz*, ponto de bordado de gosto nitidamente popular, que permite reproduzir, no fio do tecido, cenas da vida cotidiana, bem como flores, pássaros ou letras - as iniciais dos donos da casa, por exemplo. Outros pontos de bordados, de menor ocorrência, são a casa (ou ninho) de abelhas, ou rococó, o richeliê e o ponto cheio, todos executados apenas com agulha e bastidor.

A máquina - nas velhas máquinas de costura providas de bastidor - bordam lençóis, toalhas e peças de roupas. A criatividade que esse instrumento permite é muito grande, ensejando à bordadeira executar seus próprios riscos e desenhos, sem qualquer padronização.

O nhanduti, outra formulação dos trançados com linha, está sendo produzido no Espírito Santo de maneira significativa. Exige, para sua execução, pequena tábua, em geral cortada no formato de um losango, guarnecida com pregos na superfície e em toda a volta. O fio - linha de algodão, branca ou de cores - é passado por esses pregos; uma vez pronto e esticado, o trabalho reproduz o modelo estabelecido pelos pregos.

A frivolitê é trabalho que, pelo aspecto, aproxima-se da renda. É confeccionado, entretanto, com naveta, de pequena dimensão e ponta muito fina. Trabalho semelhante, com técnica diferente, é a grampada: emprega-se o grampo de metal, em formato de U, que segura os coques femininos. A linha se entrelaça de uma para outra haste do grampo, formando, no centro, urdidura pouco complexa. Ambas, frivolitê e grampada, são utilizadas no arremate e embelezamento de trabalhos de costura. Chama-se também à grampada *crochê de grampo*.

O crochê e o tricô representam o grosso da produção artesanal feminina capixaba. Ambos são melhor vendidos no tempo de Natal ou nos meses frios. As agulhas próprias e as linhas para tecer são industrializadas. Em casos raros, as artesãs ainda criam as agulhas com cipó, arame, madeira ou restos de alumínio. Entre os fios empregados para o crochê, além das linhas especificamente utilizadas - linha Cléa, Mercê Crochê, etc. - merecem referência o barbante, a ráfia e o fio urso. Figuram entre os objetos mais freqüentemente tecidos em crochê, além das peças de roupa, especialmente as de crianças, as almofadas, colchas, centros e toalhas de mesa, redes para dormir e suas *varandas*, meias, bicos para arremate e xales. O tecido de tricô restringe-se à confecção de vestimentas para agasalho.

As flores de pano - uma das mais freqüentes aplicações artesanais dos tecidos - vendem-se especialmente em maio, o mês das noivas. Cortadas as pétalas em organdi, seda, cetim, flanela ou morim, são a seguir tingidas em solução de anilina e álcool. É comum engomar o pano antes de cortá-lo; se esse não for o processo, é usual mergulhar as pétalas em parafina derretida, após o que entram em ação os golfadores ou boleadores - ferros

especiais de frisar. Com eles as floristas encrespam as pétalas de pano, dando-lhes o aspecto desejado. Os golfadores e boleadores são aplicados depois de previamente aquecidos em lamparina de álcool. Os arames, muito finos, completam a obra estabelecendo as hastes e os pistilos das flores. As folhas, cortadas em oleado ou papel cetim, são a seguir coladas às hastes.

No Espírito Santo há significativa produção de flores com outros materiais, entre eles a palha de milho, os plásticos procedentes de garrafas, o isopor aproveitado de embalagens para ovos e, principalmente, papel de cores vistosas.

Com retalhos de pano, preferentemente de algodão, são produzidos tapetes e colchas. A formação das peças é feita com estopa de sacos de ração para animais. Os retalhos formam reticulado regular, onde a diversidade de cores é a regra. Em algumas peças obtêm-se desenhos, a partir do recorte dos retalhos. Com pano, fazem-se ainda brinquedos, como as tradicionais bonecas de pano; além disso, petecas, fantoches para teatrinho e figuras de animais. As bonecas são recheadas com retalhos, paina ou algodão e caprichosamente vestidas; à guisa de cabelos utiliza-se frequentemente linha. Bandeiras e estandartes para congregações religiosas, blocos carnavalescos e folguedos populares incluem-se mais raramente na produção artesanal com retalhos de pano.

RENDAS DE BILRO**

Na orla marítima (Guarapari, Anchieta, Piúma), são encontradas as rendei ras de bilro, que produzem suas peças em pequena escala, devido a dificuldade na aquisição da matéria prima e da comercialização. Suas peças vão do ornamental ao decorativo.

Essas artesãs confeccionam rendas, conchas, toalhas, centros de mesas e cortinas, que são adquiridas por particulares e/ou lojas comerciais por preços irrisórios.

CERÂMICA DE SÃO MATEUS**

Produzida apenas por uma artesã com ajuda de seus familiares.

Suas peças são conhecidas por cerâmica vermelha devido à coloração de barro utilizado. O processo de produção é manual, indo do decorativo ao utilitário.

Sua comercialização dá-se no próprio município, Conceição da Barra, nas lojas de Vitória e na Casa do Artesão Capixaba.

OCINBRA**

O artesanato dos meninos da OCINBRA nasceu do idealismo de uma família italiana, que acreditava ser esse ofício capaz de despertar o interesse das crianças. O trabalho dos menores consistia em objetos de cerâmica que ficavam expostos na sede da obra para serem vendidos. A renda obtida era dividida entre a entidade e os menores. A entidade, além de possibilitar a qualificação profissional, através de cursos ministrados na comunidade, prestava ajuda às famílias de baixa renda ali residentes.

Atualmente a obra encontra-se praticamente desativada devido à falta de recursos financeiros, não encontrando condições para manter o mestre artesão que vinha há alguns anos trabalhando na formação dos menores artesãos.

ARTESANATO EM CONCHA**

Encontrado na orla marítima, destacando-se os municípios de Guarapari, Itapemirim, Anchieta, Piúma. É constituído por objetos ornamentais feitos em concha e objetos destinados à pesca.

Nessas cidades, encontramos o artesão que produz, individualmente, com ajuda dos próprios familiares, como também, grupos de produção formados por várias famílias.

Devido às dificuldades de comercialização, alguns artesãos trabalham em pequenas fábricas, onde se explora sua mão de obra a preço irrisório.

A comercialização do artesanato é feita a particulares, lojas, Casa do Artesão. As fábricas, além de abastecerem o comércio local e estadual, desenvolvem a comercialização através da exportação a outros países.

ARTESANATO INDÍGENA**

O artesanato indígena é encontrado na região de Caieiras Velha, município de Aracruz. O grupo que habita a região é remanescente dos índios tupi niquins, sendo constituído de aproximadamente 110 famílias. Com a cessão de terras que cultivavam para atividades de reflorestamento, o grupo viu-se forçado a produzir artesanato para sobreviver. Da criança ao adulto, todos trabalham na confecção de vassouras, peneiras, flechas, arco e flecha, cocares, etc.

Fazem suas vendas em lojas comerciais, nas praias, e em algumas ocasiões seus trabalhos são trocados por mercadorias, o que muitas vezes constitui verdadeira exploração do trabalho indígena.

O grupo produz ainda instrumentos musicais, tais como: casaca, bumbo, cuí

ca e tambor, que são vendidos a preços mínimos em navios estrangeiros no porto de Vitória. O couro do tambor e do bumbo é colocado com produto extraído da própria madeira utilizada na sua fabricação.²

FIBRAS E TRANÇADOS*

Muito numerosas são as espécies vegetais úteis ao artesão capixaba. São utilizados milho e bananeira, entre as cultivadas; deles se usa a palha, na confecção de bolsas, sacolas e flores.

As demais fibras são recolhidas na flora local. Das mais empregadas é a tábua (chamada geralmente taboa), que vive nos brejos. É utilizada para produção de esteiras, assim como o piri, ou piripiri, espécie de junco, também nativo dos brejos. Do ubá, igualmente espécie que cresce em terra úmida, sendo conhecido também como cana-brava e cana-do-brejo, aproveitam-se as folhas, para cestaria e tapetes, e as *flechas* para gaiolas.

Entre os coqueiros, é de grande emprego o arizeiro, de denominações diversas: iri, airi, iriri, brejaúva e buri-do-campo. Outras palmeiras, como o palmito, a pindoba, a jussara e o tucum fornecem a matéria-prima, seja pela fibra - jussara e tucum - seja pelas folhas, utilizadas em trançados e na confecção de vassouras.

Palhas diversas - hastes secas de gramíneas - entre elas grande variedade de capins, e a palha de uruba (planta da família das marantáceas) têm utilizações bastante variadas: servem à produção de vassouras e de peneiras, cestos e colchões, à empalhação de cadeiras e forração de garrafas. Com a palha de capim ou palha de bananeira também se estofam as almofadas das rendeiras.

Os cipós apresentam-se ao artesão sob muitas espécies: o cipó-preto e o

cipó-chiador, o timbó (este bastante lenhoso), a macambira, nascida em terra seca e pedregosa, o cipó-tatu e o jequibá são, juntamente com o imbé, delicadíssima raiz dos filodendros, as espécies mais correntes. Fazendo as vezes de cipó, a pindaíba, corda urdida com fibra de coco, também é empregada para produzir cestos. Chapéus e vassouras têm como matéria-prima os cipós mais flexíveis.

Em Vila Velha, aconselha-se colher cipó entre janeiro e agosto - *nos outros meses ele está fraco, porque as árvores estão em produção*. De qualquer forma, é sabido que toda fibra vegetal deve ser colhida na lua nova ou minguante. O preparo do cipó consiste, basicamente, em secá-lo ao sol. As espécies de maior espessura são, a seguir, cortadas ao meio. A raspagem da casca não é obrigatória, como na taquara, em que se usa faca, depois de lascada, para extração de sua parte interna, o *miolo*.

O trançado do cipó ou qualquer outra fibra obedece a um só processo: a base é formada por duas talas cruzadas, firmadas pelo esteio, peça que atravessa verticalmente as duas primeiras. As demais tiras do trançado vão sendo, então, incluídas no tamanho e na quantidade desejadas.

Na confecção das peneiras utiliza-se madeira, além das fibras. Destinada a fazer o arco, a madeira deve ser flexível: folha-da-serra, garapa, palmeira aricanga e outras. Raspada e aquecida, para melhor vergar, é depois unida ao traçado da peneira por meio de embiras, sendo as de guaxuma e embaúba as preferidas - ou arames e cordas, muitas vezes obtidas da piteira. Para conseguir a fibra desta planta as folhas são maceradas em água e, a seguir, esmagadas. A mesma fibra é utilizada em laços, barreiras, cabrestos e baixeiros, complementos dos arreios de montarias. Para essa peça a fibra é geralmente tingida.

O traçado das peneiras apresenta peculiaridades que são determinadas por sua utilização: o traçado mais fino destina-se às peneiras, com as quais será

abanado o arroz; o de malha mais larga emprega-se para operação idêntica com o feijão ou o café. A palha uruba e a palha de ubá, além da taquara, são a matéria-prima específica das peneiras.

São várias as denominações vulgares de taquara, também conhecida como taboca, tais como taquara-manteiga, a mais fina e flexível; taquara-lixia, a mais comum; taquaruçu, a de maior diâmetro. O bambu, freqüentemente chamado tiá, tem uso semelhante ao das taquaras: com ambos criam-se cestos, balaios, samburás, esteiras para carros de boi, armadilhas para caça e a pesca, especialmente os jequiás, chamados também jiquis ou juquiás, e os rabudos, usados em rios e riachos, além de jacás e quiçambas - balaios para a colheita de milho. Nos cestos e balaios, a utilização condiciona o trançado: é mais fechado para a colheita de grãos. De múltiplas utilidades, os cestos guardam ovos, pão, roupa suja ou objetos pertencentes às crianças de colo. Os próprios bebês podem ser mantidos em cestos grandes, trançados em taquara ou em cipó. As galinhas são postas no choco em balaios. A produção de cestos e balaios está disseminada em todo o Estado, cabendo referir às influências teutônicas, negras e indígenas.

A flecha-de-ubá, a taquara e o bambu, além dos talos partidos de embaúba e da palmeira jussara, são o material preferido para fazer gaiolas. Tratado o material pela simples raspagem, o gaioleiro emprega furadores, alicates e compassos improvisados.

Na confecção de chapéus, além de cipó, pode-se usar a palha do coqueiro airi ou brejaúva, como matéria-prima. Podem ser tecidos sem costuras - da copa às abas em uma só peça - ou produzidos a partir da costura de tranças do material, pacientemente superpostas. Também nas vassouras para varrer, vasculhara casa ou limpar fornos - aproveitam-se, além de cipó, a palha do guriri, do airi, do palmito ou do capim coloniãõ, atada firmemente em volta da vara.

Destinação especial tem o tipiti, também chamado tapiti. Feito com palha de ubá ou folha de diversas palmeiras, ele faz parte do processo doméstico da produção de farinha, servindo para enxugar a massa, ou seja, prensar a mandioca.

Com grande expressão na produção artesanal à base de fibras, aparecem as esteiras, quase sempre feitas de tabua. É uma planta de brejo e deve ser deixada a secar, antes de ser trabalhada. Geralmente o caule da tabua é usado inteiro nas esteiras. Os esteireiros trabalham com um tear, armação de madeira formada por dois esteios verticais e um horizontal, superior, chamado *quadra de tear* ou *estandarte*. A ele se prendem os *cambitos*, as peças de madeira nas quais se enrola a meada de cordão, fibra obtida da própria tabua ou embira, para possibilitar a amarração lateral, fixando-se as hastes, umas às outras, dando continuidade à esteira. É freqüente chamar-se bilros aos cambitos.

É pequena a produção de redes de dormir com fibras vegetais. A matéria-prima pode ser a palha urubá, a iri, ou o tucum (São Mateus), também usado nas redes de pesca. As redes de dormir se apresentam mais freqüentemente tecidas em cordas e cordões, barbante ou fio urso - fio de algodão industrializado.

A pesca é atividade que consome boa porção da produção artesanal em fibras vegetais. Mas é na lavoura que a cestaria tem larga utilização, em época da colheita do café, mandioca e arroz (Ecoporanga), abacaxi (Serra) e milho (diversos municípios).

As festas típicas do mês de junho ampliam a venda de esteiras.

Os chapéus são procurados o ano todo, especialmente em junho e no Carnaval; as peneiras, em época da apanha do café. As gaiolas são mais procuradas nos meses de verão quando aumenta a caça de pássaros.²

CESTARIA **

No sul do Estado, em Marataízes, Município de Itapemirim, encontra-se o grupo artesanal da cestaria, perfazendo um total aproximado de 50 pessoas. Da criança ao adulto, todas trabalham na confecção das peças que são de valor utilitário e decorativo.

Sua comercialização é feita nas praias do Estado, nas lojas comerciais e mercados de Vitória, a particulares e na Casa do Artesão Capixaba.

Utilizam não só a matéria prima local como também a de outros estados.

COURO E PELES **

São três os níveis de preparo observados no trato do couro utilizado por seleiros e correeiros. O processo para torná-lo utilizável pode reduzir-se a simples raspagem feita com caco de vidro ou faca, praticada sobre o material molhado e depilado. Cortado a seguir, suas tiras são amaciadas com cera ou sebo, e trançadas para produção de laços, rédeas, cabrestos, cabeçadas para arreios ou chicotes (açoiteiras, talos e tacas).

Também bastante rudimentar é o processo de salga, que consiste em mergulhar o couro em salmoura por alguns dias e depois estirá-lo sobre lajes ou pendurá-lo em tronco de árvore, mantendo-o firmemente desdobrado por meio de varas. A curtição, processo mais evoluído, no qual se empregam substâncias ricas em tanino, tem como produto o couro geralmente chamado *sola*, no qual são cortadas as selas e todos os tipo de arreatas para animais. A sola recebe polimento com cera, verniz e escova, e depois é cortada, aplicando-se sobre ela moldes de papelão. Com sola fazem-se também as bainhas para facões.

Além do couro de boi, é utilizado no Estado o de búfalo (Município de Pancas) e peles de cabrito e porco em vários outros. Os sapateiros traba

lham com material variado, do couro cru e da sola, empregando pneu, na criação de sandálias e chinelos, e diversas espécies de couros industrializados e sucedâneos de couro (pelica, napa, curvim, cron) na fabricação de sapatos e botas. Igualmente diversificada é a matéria-prima do artesanato que produz utilidades e adornos: almofadas, bolsas, molduras para espelhos, sacolas, cintos, carteiras.

Enquanto as selas normalmente mantêm a cor da sola, apenas polida e bruniada com cera, vernizes, adornos e utilidades podem apresentar-se pirogravados e pintados. A ornamentação das selas é feita com os ferros de rebaixo - também chamados de *bordar*. São espécies de carimbos, trazendo desenhos em relevo. Tais desenhos são gravados, quando o ferro de rebaixo é fortemente batido, sobre o couro, com martelo ou malho. Os arreios trabalhados em cores vivas nem por isto dispensam a operação do rebaixo - acabamento tradicional e apreciado.

Os seleiros utilizam canivetes, facas, alicates, agulhas e sovelas nos arremates de seu trabalho. Com furadores e vazadores, completam e embelezam os *bordados* obtidos com os ferros de rebaixo.

Os dois primeiros instrumentos servem também para acamar o capim usado para estofar as selas. As costuras são feitas com fio urso - barbante forte, também usado para tecer redes de pesca - ou com cordão de sapateiro, fio especial para costuras em couro. Estas podem ser feitas a mão, ou com máquina de ponteio, de costura especial.

Para atender aos tropeiros, os seleiros e correeiros produzem cangalhas, bornais e capangas. Outros tipos de arreatas - para carroças e charretes - são igualmente produto de trabalho artesanal, bem como malas e todas as peças dos arreios para montaria - peitorais, rabichos, estribos de couro e talabardas.

O artesanato em couro vende-se melhor, no Espírito Santo, na época da

colheita do café ou do milho, quando cresce o poder aquisitivo dos consumidores. Mas o tempo das férias e de exposições agropecuárias também faz crescer a procura. Os meses de chuva, quando estraga o material dos vaqueiros, forçando a procura, é um fator de crescimento para as vendas.

O trabalho em couro realmente profissional é o dos seleiros e sapateiros. O couro cru utilizado nas tranças das quais se originam rédeas, cabeçadas, cabrestos e laços é trabalhado pelos próprios vaqueiros e lavradores, para seu gasto ou para atender à vizinhança. No caso das rédeas, aliás, o couro pode ser substituído, e o é freqüentemente, pela crina de cavalo, engenhosamente trançada.

O aprendizado dos seleiros se faz em nível familiar ou através de mestres, em suas tendas de trabalho. Bom número, contudo, aprendeu a trabalhar desfazendo peças prontas para entender como eram concebidas e assim apreender os segredos do ofício.

Diversos instrumentos musicais - tambores de jongo e de bandas de congo, pandeiros e tamborins - reclamam a presença do couro. Sumariamente curtido, é empregado bem estirado, de modo a garantir sonoridade à percussão. A produção artesanal do couro distribui-se praticamente por todo o Estado, destacando-se Cachoeiro de Itapemirim e Nova Venécia.

METAL*

É essencialmente utilitário o artesanato que tem por matéria-prima o metal. Testemunho da grande inventiva, da criatividade do povo, essa atividade artesanal vale-se, essencialmente, de restos de lataria e ferro, comprados nos ferros-velhos. São também empregadas com freqüência as latas de comestíveis, ganhas ou recolhidas na vizinhança do artesão.

Entre os materiais encontram-se ainda as chapas de ferro galvanizado, as folhas de zinco, flandres e alumínio. O estanho é utilizado nas soldas, chamadas *sola branca*. Aparecem ainda o cobre e o bronze (este especial para fazer as *bocas de maromba*, formas usadas em produção de tijolos), a alpaca e o aço. O arame é empregado em correntes de terços e correntes para prender aves, como os papagaios, e na produção de gaiolas.

Dos objetos em metal, o mais freqüente é a candeia, ou lamparina, seguida dos canecos de lata, ambos criados pelos lateiros. Artesanalmente se produzem também todos os tipos de instrumentos de trabalho necessários à lavoura e ao trato com animais. Assim é que os ferreiros são capazes de confeccionar foices, enxadas, facões, machados, cavadeiras, estribos, ferros para marcar o gado, enxós, pás, esporas, freios, cabeçadas de arreios, ferraduras e seus cravos, além de carrinhos de mão, regadores, espingardas e finções (instrumentos para puxar a madeira cortada).

As utilidades domésticas e de adorno, obra tanto de ferreiros quanto de lateiros, oferecem listagem igualmente extensa e variada. Nelas se incluem formas de bolo, coadores, raladores, funis, panelas, baldes, flores, anzóis, agulhas de crochê, torradores de café, talheres, copos, baús, tachos, alambiques, chaves, fivelas, travessas, canivetes, dobradiças para portas e janelas, medidas para a colheita, cafeteiras e paneleiros.

Os ferreiros por vezes constroem seus próprios foles. Aquecendo o metal na forja e batendo-o com o malho na bigorna é que são feitas as peças incluídas nos instrumentos de trabalho. O processo para criação das utilidades de uso doméstico depende de fundição e modelagem em moldes de barro, *terra especial* vinda de Minas Gerais, e em caixas de areia e formas de madeira.

O trabalho dos armeiros e couteiros é muito especial. Conseguem criar, com perfeição, armas brancas e de fogo, inclusive copiando fielmente qualquer modelo que se lhes apresente.

Quanto aos instrumentos, além dos foles, forjas e bigorna manejados pelos ferreiros, entram na produção artesanal de metal martelos, marretas, torquesas, limas, tesouras, alicates, abridores de lata, tenazes, furadores, polidores e esmeril. Junto ao fogo, de forja ou de fogões, ateados com carvão, geralmente vegetal, a ventoinha, o cadinho, as formas de madeira, a caixa de madeira para moldes. O ácido muriático ajuda o trabalho, permitindo que mais rapidamente se perfure ou corte o metal. É utilizado especialmente pelos latoeiros, cuja técnica de trabalho é uma adaptação do material coletado. A lata se transforma em caneca pelo simples acréscimo de uma asa e pode se reciclar em outros objetos de uso pela dobragem e rebatimento, perfurações e solda, que o artesão improvisa e decide de acordo com a obra que tem em vista. O mesmo se observa na criação dos brinquedos de sucata - aviões e carrinhos, árvores de Natal - hábeis aproveitamentos de lataria já imprestável para outros usos.

Manejando alicate e maçarico, além de candeia a óleo construída pelo próprio artesão, trabalha-se com ouro, prata e outros metais, criando anéis, brincos e pulseiras. Para a candeia fazem-se torcidas de algodão, utilizando-se óleo de baga, nome regional da mamona.

COCO **

São pouco numerosos os artesãos que fazem do coco a matéria-prima de seu trabalho. Utilizam a casca raspada e trabalhada com facas, canivetes e lixas, às vezes com serrotes e puas, para a criação de adornos domésticos, brinquedos e objetos utilitários.

Quando pintados, o que é freqüente, usam tintas industrializadas. Cofres, porta-jóias e outros tipos de caixas são objetos de produção mais comum.

MADEIRA*

Do berço à urna funerária, passando pelas mais variadas peças utilitárias, a madeira é matéria-prima importante para o artesanato capixaba.

Sempre cortada na lua certa - minguante ou nova - para não dar bióho, ela é empregada na criação de instrumentos da pequena indústria doméstica, como os monjolos, ou pilões d'água, destinados a pilar café, milho ou arroz, na montagem de engenhocas e moendas de cana e na construção de carros de boi, ainda um meio de transporte de carga freqüente na região rural. Para estes artesanatos, é rigorosa a seleção das madeiras, determinada pela parte ou peça do carro: buscam-se espécies resistentes como a sucupira e o roxinho para fazer as *mesas* dos carros, e leves como o bico-de-pato para cortar as cangas. Outras madeiras usadas nos carros são o óleo-vermelho, a garapa e a caviúna, a peroba e o ipê-tabaco. Carroças e carrinhos de mão são igualmente produzidos artesanalmente. De madeira, ainda, são as peças ligadas à produção da farinha: cochos, rodas e prensas.

As canoas e os botes podem ser construídos a partir da junção de tábuas, ou pela escavação de um tronco inteiriço, usando-se para tanto o machado e as enxós. Todos os municípios litorâneos registram a produção de embarcações.

Móveis, especialmente móveis para crianças, são outra aplicação artesanal de madeira bastante usual. Para sua produção usam-se os instrumentos comuns de carpintaria - serra, machado, enxó, plana - aos quais se acrescentam diversos outros, de invenção dos artesãos, ou por eles adaptados, da gilete ao simples fragmento de vidro, para lixar. Os entalhadores e escultores em madeira recorrem a instrumental mais especializado que inclui o buril, o formão, serrinhas, facas, goivas, canivetes, além de lixas e limas. O acabamento das obras é obtido seja com vernizes industrializados, seja com creosoto, óleo de linhaça, goma-laca ou até com recursos imprevistos - tais como o pó de vela de filtro, para dar polimento à madeira.

Para a criação de gaiolas utilizam-se furador e compasso, sendo o primeiro freqüentemente representado por vergalhão de ferro ou arame grosso que, aquecido ao rubro, se introduz nas ripas da gaiola, perfurando-as.

Quanto às madeiras preferidas pelos gaioleiros, anotam-se a embaúba, cujos talos muito leves têm peculiar cor cinza-parda, bem como o cedro, o jacarandá e o pinho, este aproveitado de restos de embalagens e caixotes. O gaioleiro cria seus modelos, ou se inspira na tradição local. Mas há os que copiam todos os formatos apresentados para atender encomendas.

Nas gaiolas a madeira é pintada ou não, a decisão é dada apenas por motivos estéticos. É freqüente o emprego de taquara ou bambu para a produção de gaiolas, assim como o uso de arame.

Capítulo importante na produção artesanal em madeira são os instrumentos musicais: os grandes tambores, fechados com couro esticado, são utilizados nas festas populares de São Benedito, no jongo e no caxambu, nas bandas de congos e outros. Para violões, violas e cavaquinhos, variam as madeiras empregadas: cada parte do instrumento exige determinada espécie. Entre as mais freqüentemente usadas estão o cedro, o pinho, a caviúna e o jacarandá. As rabecas obedecem à mesma seleção de madeiras, empregando-se às vezes crina de cavalo nas cordas do arco.

Menção especial, entre os instrumentos, merece a cassaca (também denominada casaca, casaco, canzaco, canzá, caracaxá, reco-reco ou reque-reque), instrumento das bandas de congo. É um cilindro de madeira de 50 a 70cm, que tem na parte superior um rosto humano esculpido, por onde se segura o instrumento.

As flautas são feitas de taquara ou bambu, ou ainda pelo aproveitamento de canos plásticos. Os artesãos usam, em sua criação, canivete, faca, arame ou vergalhão aquecido para perfuração.

Outros instrumentos feitos de madeira são os tamborins e pandeiros e, curiosamente, sanfonas, onde a caixa é cortada em madeira leve. Papelão, plástico, cera de abelha, cola, alumínio e arame são também utilizados na confecção de sanfonas.

As gamelas, cavadas a enxó, e os pilões de socar café, milho e arroz, estão entre os objetos utilitários mais correntemente produzidos. Encontram-se também, com muita freqüência, os jarros, fruteiras, cinzeiros, farinheiras, almofarizes e colheres de pau. Entre os adornos, são produzidos crucifixos e terços, preferencialmente em jacarandá, e casas, castelos, igrejas e construções diversas, com palitos de sorvetes.

Quanto aos tamancos, embora já produzidos industrialmente, ainda o são por processos artesanais.

Estão no mesmo caso os pios de caça de Cachoeiro de Itapemirim, por exemplo, dos quais há 35 tipos, e os entalhes decorativos em jacarandá.

Entalhadores e escultores observam os mesmos cuidados no trato com a madeira: cortada verde, é posta a secar na sombra e só depois é *trabalhada*; aplainada, é riscada para orientar o trabalho, ou diretamente entalhada com facas, goivas e canivete.

Entalhadores e escultores distinguem-se dos *carapinas*: estes são artífices que criam porteiras, portas, janelas e casas inteiras, ou constroem carros de boi e carroças para carga; aqueles produzem imagens de santos, pessoas ou animais, além de entalhes em coronhas de espingardas e revólveres. Entre os escultores em madeira destacam-se os criadores de presépios, apesar de pouco numerosos. Há grande ocorrência de miniaturistas e produtores de brinquedos, criando, na madeira, carrinhos, bonecos, mobílias de boneca, piões, ioiôs e miniaturas de tratores, engenhocas, pilões, caminhões e carros de boi. São raros os artesãos de ex-votos e xilogravuras. Os bonecos destinados ao teatro de mamulengos aparecem como criações de um único artesão.

É grande a variedade de madeiras utilizadas pelos artesãos capixabas encontradas no próprio estado: amarelo (cacunda amarela), barbatimão, bico-de-pato, cerejeira, cedro, caroba, canela (loura e parda), caviúna(ou cabiúna), esperta, farinha seca, folha-da-serra, garapa, gameleira, quaricica, guaribu (rajado e preto), imbuia, ipê, jacarandá (do qual se utilizam a madeira e as raízes), jequitibá, oiticica, óleo-vermelho e óleo-pardo, orelha-de-onça, pau sangue, peroba, paraju, sucupira, roxinho, tambor e vinhático.

IMPLEMENTOS DE CAÇA E PESCA*

Entre os implementos de caça e pesca, a rede é o mais freqüente. As denominações e dimensões das redes variam conforme o tipo de pesca a que se destinam. O balão, rede que se prende à embarcação e é puxada lentamente, presta-se à pesca de camarão. Balão e cacéia - esta uma rede de grandes dimensões ou conjunto de redes que, amarradas entre si, são lançadas em alto mar - são os implementos mais usuais na pesca embarcada. Já o arrasto é rede utilizada na pesca costeira. Como o nome indica, é arrastada pelo fundo do mar, depois de lançada da canoa. É recolhida por pescadores posicionados na praia.

A tarrafa, de menor dimensão, é utilizada por um só pescador, podendo ser lançada de dentro de uma embarcação ou da praia. O processo de pesca com tarrafa consiste em recolhê-la, minutos depois de lançada, e repetir seguidamente a faina. Também usados individualmente, o puçá e o jererê são pequenas redes, presas a cabos de madeira. Afuniladas, têm a boca mantida por círculo de madeira ou arame. O jererê recebe, por vezes, o nome de *coador*, e aparece também trançado em bambu ou taquara. Ambos são utilizados na apanha de camarão ou peixe miúdo, em praias e rios.

Entre as armadilhas de pesca a mais simples é, sem dúvida, a minjoada, uma vara - chamada caniço ou pindaíba - com linha e anzol iscado, fincada à beira do rio. Vêm depois os juquiás (também chamados jiquis ou jequiás), armadilhas trançadas com cipó ou taquara, com o formato de grandes campâ

nulas. Uma das extremidades é cortada, formando abertura em funil. Ao entrar, o peixe não mais retorna. O covo é feito do mesmo material. Diferente do jequiá no formato e dimensões. O espinhel é armadilha de pesca formada por extensa corda à qual se prendem, de espaço a espaço, linhas armadas de anzol. Coloca-se ao entardecer. Também chamado curupichel ou gruzeira, o espinhel pode também ser utilizado na pesca do tubarão.

Os chiqueiros, currais, camboas e muzansas, estas armadilhas essencialmente fluviais, têm forma de cercado. A camboa, a mais simples, é colocada à beira do rio. Na abertura para entrada dos peixes a armadilha recebe uma isca de mandioca. Ao comer a isca os peixes acionam a armadilha, fazendo descer a tábua que veda a entrada, e ficam aprisionados.

A muzansa é formada de ripas amarradas em forma de funil sem saída e colocada na abertura do cercado. Descendo o rio, o peixe penetra na muzansa. Retirada e transportada para terra, é batida para deixar cair o peixe. Os currais ou chiqueiros são formados de estacas, entre os quais se estendem esteiras ou redes. As estacas podem ser fincadas no fundo da água, quando o curral é armado no raso, ou ser dotadas de sapatas de chumbo ou de areia, quando é montado em águas mais profundas.

Para tecer qualquer tipo de rede o artesão precisa de agulha - espécie de estilete de madeira ou bambu, em diversos tamanhos - para conduzir o fio; e de tabuleira, pequena peça dos mesmos materiais, utilizada para fixar a largura das malhas da rede. É um gabarito que recebe também outras denominações: paleta (ou palheta), bitola ou talisca. Raros redeiros têm ainda seus moldes, formas para amoldar as peças da chumbada, que dá peso às redes e é presa às suas extremidades.

Quanto à matéria-prima, é acentuada a predominância do náilon, de diversas espessuras, seguindo-se o *fio urso* - linha industrializada de algodão, de grande resistência. Utilizam-se ainda o barbante e a linha, embora extremamente raros. Frequentemente o cipó inclui-se na rede, figurando no cabo e entralho. Tralho ou tralha são denominações também encontradas para a parte das redes cuja função é mantê-las abertas e esticadas na água. Geralmente, os cabos (entre eles a espia, cabo grosso para prender as bóias ao barco) e o entralho são produzidos pelo artesão, em náilon ou fio urso, como as redes. É, muitas vezes, também artesanal a produção das defensas ou balões - novelos de corda de forma esférica ou oval, constituídos de cabo trançado. Pendentes de cordas, no costado da embarcação, servem para defendê-la de choques com os cais.

Além da pesca com redes e armadilhas, outros processos são observados, na pesca fluvial, exigindo ativa participação do pescador. Purucar ou zangariar consiste em bater a vegetação à beira-rio com peneira ou pequena rede, afugentando os peixes para uma rede esticada entre dois paus e armada na borda de canoa. A pesca de espera consiste em rede armada no rio, esticada de margem a margem, fixada por estacas ao fundo e dotada de rodela de cortiça ou madeira na parte superior para permitir a flutuação. Nas épocas de *sema*, tempo de cardumes, posta-se um vigia que previne da chegada dos peixes. Os pescadores entram, então, na água, levando uma segunda rede, que passam de lado a lado do rio, ficando-a em seu leito, a certa distância da primeira. Os peixes são assim encurralados e recolhidos com uma terceira rede - o tresmalho ou trasmalho - que é arrastada no fundo do rio e depois levantada pela parte superior, prendendo os peixes. A rede de espera pode permanecer armada o ano inteiro: o processo é comum e corrente. Os pescadores trabalham na espera, organizados em equipes, liderados por um mestre, como o fazem, aliás, também, na pesca de arrasto. O tresmalho é chamado **maieiro** quando tem malhas mais abertas, e **miúdo**, quando tem malhas fechadas, destinado a peixes menores.

Para algumas das armadilhas já descritas e também para os samburás - cestos usados para transportar o peixe apesado - a matéria-prima é o bambu, o cipó ou a taquara; para o corte do material a ser trançado utilizam-se facas e canivetes.

Entre os implementos de caça, figura a seta (também chamada atiradeira ou bodoque, em outros estados), forquilha entre cujos braços se estende uma tira alástica, usada na caça às aves. Já a arapuca, chamada muito frequentemente no Espírito Santo de arataca, é armadilha formada por pauzinhos dispostos em forma de pirâmide, os mais longos, na base, que desarma instantaneamente com o peso do pássaro.

Na esparrela também se caçam aves, ou animais de pêlo, de pequeno ou médio porte. Consiste em laço armado e preso à ponta de vara, que se curva até o chão. Ao pisar no laço a caça adiciona o dispositivo e é erguida pelos pés. Já a esparrela para aves pequenas é simplesmente presa ao galho, sem contato com a terra. O mundéu, também chamado fojo, é usado para caça mais grossa. É uma escavação no terreno, recoberta com galhos, folhas e terra solta, de forma a ceder ao peso do animal que passa sobre ele. Arma-se a esparrela e o mundéu no caminho habitual da caça.

6.4.

DISTRIBUIÇÃO DOS ARTESÃOS SEGUNDO O TIPO DE PEÇAS PRODUZIDAS DE ACORDO COM A
MATÉRIA-PRIMA UTILIZADA

MATÉRIA-PRIMA	TIPO DE PEÇA	NÚMERO DE ARTESÃOS
FIOS SINTÉTICOS	Almofadas, tapetes, painéis, quadros lineares, bolsas, cintos, redes, tarrafa, puçá, lustres, bonecas, rendas de bilro, brocha, colchas, blusas, toalhas, panos de bandeja, centro de mesa, jogos de cozinha e banheiro, sapatos, estandartes, luminárias, abajour, vestidos, ponches, flores, roupas de bebê, meias, chales, suéteres, caqueiros, cintos, mantas, cortinas.	774
FIBRA VEGETAL	Sandálias, cestas, bolsas, sarabatana, arco e flexa, cortina, colares, pulseiras, tapetes, corujas, estandartes, porta xaxim, lustres, porta-revista, balaios, esteiras, vassouras, porta-fraldas, carrinhos de boneca, peneira, samburás, abajour, luminárias, redes, suporte de bolsa, sapato, boneca, mulduras, móveis, cachipô, animais decorativos, berços, gaiolas, cobra de cipó, suporte de plantas, fruteiras, escultura.	172
BARRO	Esculturas, pássaros, máscaras, peças decorativas, painéis, frigideiras, caldeirão, assadeira, cinzeiros, jarros, busto, bijouterias, porquinhos, caqueiro, filtro, vasos, moringa, potes, pratos, totem, bonecas, bichos, pratos de parede.	111

Continua

Continuação

MATÉRIA PRIMA	TIPO DE PEÇA	NÚMERO DE ARTESÃOS
MADEIRA	Entalhes, molduras, cinzeiro, farinheira, colher de pau, garfos, tambor, <u>cuí</u> ca, bumbo, arco e flexa, tacape, chocalhos, leque, bijouterias, talha, <u>ban</u> cos, porta-vasos, porta-fósforo, porta-toalha, porta-guardanapo, porta-jóias, gaiolas, brinquedos, bengala, cabos de ferramentas, pirogravura, <u>cruxifixo</u> , porta-retrato, pios de caça, coronhas de armas de fogo, cama, mesa, cadeira, estantes, casinha para decoração, cadeira de praia, berços, fivelas de <u>cabe</u> lo, gamela, secador de feijão, escultura, tábuas de carangueijo, tábuas de carne, facas, garfos, pá de polenta, batedor de bife, tamancos, <u>ar</u> cos, quadros, bandeja.	189
COURO	Cinto, sapato, bolsa, chinelos, quadros, carteiras, porta-revista, <u>iluminá</u> rias, bolas de futebol, máscaras, almofadas, abajour, sandálias, cela de cavalo, chapéu, baú, porta-retrato, bijouterias, malas de viagem, <u>pirogra</u> vura, suspensório, bonés, capas de livros, chaveiros, assentos de cadeira, estandarte, bainha de cação, arreios, cangalhas, cabresto, chicote, quadros, tapete, cinzeiros.	116

continua

Continuação

MATÉRIA PRIMA	TIPO DE PEÇA	NÚMERO DE ARTESÃOS
TECIDO	Flores, bichinhos, quadros, painéis, móveis, bonecas, bolsas, estamparias, batique, sandálias, panos, vestuário, toalhas, colchas, estandarte, chinelos, cabides, forrados, tapetes.	93
METAL, CONTAS E SEMENTES E PRODUTOS DO MAR	Bijouterias, quadros, escultura, bibelês de concha, bandeja, alambique, anforas, castiçal.	112
VIDROS	Quadros em vitral, bichinhos, licoreiras.	40
GESSO	Esculturas	34
MASSA	Bichinhos de durepox, moldura, cinzeiros, caricaturas.	05
PEDRA	Bijouterias, bonecas, bichos, chaveiros.	29
COCO	Bijouterias	01

continua

Continuação

MATÉRIA PRIMA	TIPO DE PEÇA	NÚMERO DE ARTESÃOS
CHIFRE E OSSO	Bijouterias, botões	09
TINTAS	Pintura em gesso, pintura em tecido, pintura em taco, pintura em pedras, pintura em telhas, pintura em vidro, pintura em tela, serigrafia, pintura em cerâmica.	57
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	Compotas, licores, biscoitos caseiros, conservas, doces em calda e cristalizados, pickles, comidas típicas, balas de coco, torta capixaba, casquinha de siri, conservas de verduras, frutas e legumes.	23
PERFUMARIAS	Perfumes naturais, shampoo, bronzeador, sachês.	19
ACRÍLICO	Flores	01
SUCATA	Quadros	02

FONTE: Levantamento sobre artesanato do Espírito Santo - Secretaria do Estado de Ação Social - Departamento de Assuntos do Trabalho.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

*Texto extraído do *Atlas Folclórico do Brasil* - MEC/FUNARTE.

**Textos extraídos do trabalho elaborado pelo Departamento de Assuntos do Trabalho da Secretaria do Estado de Ação Social.